



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUACÃO EM
SOCIEDADE E FRONTEIRA

MORELIA MORILLO RAMOS

FRONTEIRAS INFLAMÁVEIS

: Migração e comercialização do combustível na cidade de Santa Elena do Uairén (Venezuela)

Boa Vista-RR

2019

MORELIA MORILLO RAMOS

FRONTEIRAS INFLAMÁVEIS

: Migração e comercialização do combustível na cidade de Santa Elena do Uairén (Venezuela)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteira. Linha Fronteira e Processos Socioculturais.

Orientadora: Profa. Dra. Francilene Rodrigues.

Boa Vista-RR

2019

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

R175f Ramos, Morelia Morillo.
Fronteiras inflamáveis: migração e comercialização do combustível na cidade de Santa Elena do Uairén (Venezuela) / Morelia Morillo Ramos. -- Boa Vista, 2019.
138 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Francilene Rodrigues.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira.

1 – Migração rotativa. 2 – Economia subterrânea. 3 – Sobrevivência. I – Título. II – Rodrigues, Francilene (orientador).

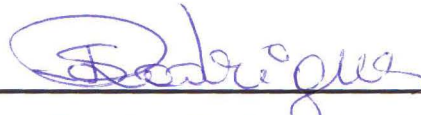
CDU – 327:33 (81:87)

MORELIA MORILLO RAMOS

FRONTEIRAS INFLAMÁVEIS

: Migração e comercialização do combustível na cidade de Santa Elena do Uairén (Venezuela)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteira. Linha Fronteira e Processos Socioculturais. Defendida em abril 2019 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



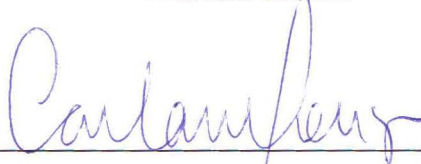
Profa. Dra. Francilene Dos Santos Rodrigues

Orientadora



Profa. Dra. Márcia Maria De Oliveira

Membro externo



Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza

Membro interno

Ao meu pai
quem me ensinou a ler
e procurar um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho somente foi concretizada pela garantia de alocação de recursos públicos para as políticas de Ensino e Pesquisa que a Organização de Estados Americanos (OEA) e Governo Brasileiro dispõem em benefício dos profissionais habitantes das Américas.

Dessa forma, agradeço especialmente...

À Universidade Federal de Roraima...

Ao Centro de Ciências Humanas...

A minha orientadora, Profa.-Dra. Francilene Dos Santos Rodrigues.

A meu marido, Tewarhi Scott e minhas filhas, Violeta e Ana Paula Cayena.

A profa. Carmen De Oliveira pela revisão do meu “portunhol”.

Muito especialmente aos amigos de sempre: Clara, Benja, Fidel, Yirla, Lucho, Maria e Adriana.

A meus colegas da Turma 2017.

A Domingo, Ricardo e meus leitores de lascronicasdelafrontera.blog.spot.com

Y así sólo serán llamados buenos los de
derecho corazón, los no doblegados, los
insumisos, los mejores. Ellos reivindicarán la
bondad podrida por tanta bajeza, ellos serán el
brazo de la vida y los ricos de espíritu. Y de
ellos, sólo de ellos, será el reino de la tierra
(NERUDA, 1978).

RESUMO

Na dissertação intitulada **Fronteiras Inflamáveis** analisa-se a migração associada à comercialização de combustível (fundamentalmente gasolina) em Santa Elena de Uairén, capital do município Gran Sabana do estado Bolívar, na fronteira da Venezuela com o Brasil. Para efeitos deste trabalho, entende-se por comercialização de combustível a atividade de compra do combustível (fundamentalmente gasolina, sendo o mais usado na Venezuela) nos dois postos da cidade de Santa Elena de Uairén, com a finalidade da sua revenda nas ruas, em fundo de quintais e nos postos clandestinos os condutores brasileiros ou quem pratica a garimpagem na Sabana. Embora sendo uma dinâmica interna, a abordagem da migração associada a comercialização da gasolina parte da compreensão do processo de migração “forçada ou compulsória “transfronteiriça” massiva motivado pela crise econômica, social e política na Venezuela do começo do século XXI e, por sua vez, da “expansão de fronteira” impulsada pelo Estado-Governo sobre os territórios tradicionalmente habitados pelas populações indígenas e seus conflituosos resultados. Nesse cenário, as “economias subterrâneas” associadas à garimpagem transformam-se num poderoso atrativo migratório e sua prática numa estratégia de sobrevivência no aproveitamento da “múltipla fronteira”, internacional e etno-ecológica. Assim sendo, aqueles que participam da comercialização do combustível são chamados *talibãs*, agentes de um ir e voltar definido quanto migração “itinerante ou rotativa” cuja finalidade é conseguir a “remessa” familiar a partir do dilatado ciclo de apropriação da gasolina. Uma vez que os impactos dessa dinâmica, foram analisados o uso da gasolina como moeda de troca, a temporalidade experimentada pelos *talibãs* versus a permanência da reorganização na “área comercial” ao redor dos postos de gasolina e a reorganização das “relações de poder” na comunidade envolvida por enquanto expressão cotidiana do “conflito” é rasgo característico da fronteira. O processo de inquérito partiu da investigação bibliográfica e de publicações de atualidade, como jornais, revistas, páginas e outros sítios web, ademais do uso de dados secundários, de mais de 30 jornadas de observações etnográficas, incluindo também a aplicação de questionários e realização de entrevistas abertas entre interlocutores inseridos direta ou indiretamente.

Palavras Chave: Migração rotativa. Economia subterrânea. Sobrevivência.

RESUMEN

En este trabajo titulado **Fronteras Inflamables** se analiza la Migración vinculada a la comercialización de combustible (fundamentalmente de gasolina) en Santa Elena de Uairén, capital del municipio Gran Sabana del estado Bolívar, en la frontera de Venezuela con Brasil. Para efectos de este análisis, se entiende por comercialización de combustible la actividad de compra del carburante (especialmente de la gasolina que es la más usada en Venezuela) en los dos puestos de servicio de la ciudad de Santa Elena de Uairén con la finalidad de revenderla en las calles, en los fondos de los patios o en los puestos clandestinos a los conductores brasileños o a quien practica la minería sin permiso ni fiscalización en la Gran Sabana. Aunque se trata de una dinámica interna, está contextualizada en la migración masiva, “forzada o compulsiva y transfronteriza” que envolvió a los ciudadanos venezolanos a partir de la segunda década del siglo XXI y en el proceso de “expansión de frontera” impulsado por el Estado y por el Gobierno venezolanos sobre los territorios tradicionalmente ocupado por las poblaciones indígenas y sus caóticos resultados. En el medio de ambos escenarios, las “economías subterráneas” vinculadas a la minería se convierten en un potente atractivo migratorio y migrar con ese fin en una “estrategia de sobrevivencia” a partir del aprovechamiento de las ganancias que implican la existencia de la “frontera múltiple”, internacional y etno-ecológica. De tal forma, aquellas personas que participan de la comercialización de gasolina son llamados talibanes, sujetos que hacen parte de un ir y venir descrito como migración “itinerante o rotativa” cuyo objetivo es la “remesa” familiar lograda a partir de un lento proceso de apropiación de la gasolina. En cuanto los impactos de esa dinámica, se analizan el uso de la gasolina como moneda de cambio, la precariedad experimentada por los migrantes en contraposición a la permanencia de la reorganización de las “relaciones de poder” en la comunidad en estudio. El proceso de investigación partió de la revisión bibliográfica y de publicaciones de actualidad, como periódicos, revistas y otros sitios web. Además del uso de datos secundarios, de más de 30 jornadas de observaciones etnográficas, la aplicación de cuestionarios y la realización de entrevistas abiertas entre interlocutores vinculados directa o indirectamente a esta dinámica.

Palabras Claves: Migración rotativa. Economía subterránea. Sobrevivencia.

ABSTRACT

This work, titled **Flammables Borders**, aims to analyze the migration linked to the commercialization of fuel (primarily gasoline) in Santa Elena de Uairén, capital of the municipality of Gran Sabana in the state of Bolívar, on the border of Venezuela with Brazil. In this context, the commercialization of fuel means the activity of buying fuel (especially gasoline, more commonly used in Venezuela) at one of the two gas stations in the city of Santa Elena de Uairén with the aim of reselling them in the streets, in backyards, or in other clandestine points to Brazilian drivers or to those who practice mining without legal permission in Gran Sabana. Although this constitutes an internal enterprise, it is placed within the context of the mass cross-border migration, forced or urgent, which engulfed Venezuelan citizens during the second decade of the 21st century, and the process by which the state and the Venezuelan government would infringe upon traditional lands occupied by indigenous peoples, with chaotic results. Amid these two scenarios, underground economies linked to mining create a strong magnet for migrants whose survival strategies rely on exploiting profits implied by the border in its many dimensions; international, ethnic, and ecological. In this regard, the people who participate in the commercialization of gasoline are called “*talibanes*” and are subject to the coming and going that typifies itinerant or circular migration, with the objective of providing for their families through the slow process of gasoline trafficking. The impacts of this dynamic include the use of gasoline as currency and the generalized instability experienced by the migrants in light of the permanent reorganization of power in the community under study. The research process encompassed bibliographic records as well as current publications such as newspapers, magazines, and websites. Beyond the use of these secondary sources were more than 30 days of ethnographic field observation, including the implementation of surveys and open interviews with people directly and indirectly linked to this dynamic.

Key Words: Circular migration, Underground economy, Survival

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da Venezuela com ubiquação específica de SEU	41
Figura 2- Mapa do <i>Arco Minero</i> e comunidades indígenas impactadas	59
Figura 3- Fotografia associada a instrumentalização eleitoral do “fila do povo”	74
Figura 4- Fotografia da “fila do povo” associada ao tempo gasto	105
Figura 5- Fotografia da “fila do povo” associada ao uso doméstico do espaço público	106
Figura 6- Fotografia associada as novas funções do espaço entre postos	108
Figura 7- Fotografia associada ao alcance da rede social nos postos	111
Figura 8 e 9- Imagens que ilustram as áreas de influência dos postos de combustível	113
Figura 10- Foto ilustra a economia informal associada ao combustível	117
Figura 11- Foto que ilustra incorporação das crianças às estratégias de sobrevivência	123

LISTA DE SIGLAS

- ABRAES** - Áreas Bajo Régimen de Administración Especial
- AD** - Acción Democrática
- AMO** - Arco Minero del Orinoco
- BCV** - Banco Central de Venezuela
- CAMIMPEG** - Compañía Anónima Militar de Industrias Mineras, Petrolíferas y de Gas
- CNF** - Consejo Nacional de Fronteras
- CODESUR** - Comisión para el Desarrollo del Sur
- Copei** - Partido Social Cristiano Copei
- CORPOELEC** - Corporación Eléctrica Nacional
- CRBV** - Constitución de la República Bolivariana de Venezuela
- CVP** - Corporación Venezolana de Petróleo
- ENB** - Ejército Nacional Bolivariano
- EUA** - Estadosunidos de América
- FEDECAMARAS** - Federación de Cámaras y Asociaciones de Comercio y Producción
- FANB** - Fuerza Armadas Nacional Bolivariana
- GNB** - Guardia Nacional Bolivariana
- INE** - Instituto Nacional de Estadística
- LOPCI** - Ley Orgánicas de Pueblos y Comunidades Indígenas
- MSRB** - Movimiento Social Renacer Bolivariano
- OIM** - Organização Internacional das Migrações
- OMS** - Organización Mundial de la Salud
- OPEP** - Organización de Países Exportadores de Petróleo
- OVCS** - Observatório Venezolano de Conflictividad Social
- PDV** - Petróleos de Venezuela
- PDVSA** - Petróleos de Venezuela Sociedad Anónima.
- PF** - Policía Federal
- PRODESUR** - Programa para el Desarrollo del Sur
- PSUV** - Partido Socialista Unido de Venezuela
- PTB** - Producto Territorial Bruto
- REP** - Registro Electoral Permanente
- SEU** - Santa Elena de Uairén
- USCIS U.S.** - Citizenship and Immigration Services

LISTA DE ENTREVISTAS

1. **Issam Madi**, sociólogo que mora e pesquisa de forma independente na zona de Santa Elena de Uairén. Doutorado na Université de París Diderot. Foi entrevistado para esta pesquisa em 6 setembro de 2018.
2. **Alejandro Castillo**, coordenador do *Movimiento Social Renacer Bolivariano* (MSRB). Foi entrevistado para a pesquisa em 3 julho de 2018.
3. **Entrevistada #128**, moradora de Santa Elena, usuária da “fila das mulheres”.
4. **Luis Ferrer**, “migrante outsider”, usuário da “fila dos idosos”.
5. **Carlos Martínez**, comerciante formal. Nome fictício.
6. **José Díaz**, comerciante informal. Nome fictício.
7. **Mariam Rosas**, comerciante informal. Nome fictício.
8. **Marco Parra**, comerciante informal. Nome fictício.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
-------------------------	----

Capítulo 1

Diáspora <i>tricolor</i>: da migração econômica à forçada	22
--	----

1.1 Fatores estruturais da crise: delírio financeiro, instabilidade política e comoção social ..	24
--	----

1.2 Os fatores coyunturais da crise: desabastecimento, hiperinflação, protestos e saques	29
--	----

1.3 A migração econômica foi expulsa até EUA e Europa pelo sucesso revolucionário	32
---	----

1.4 Os migrantes forçados foram até as fronteiras expulsos pela fome	34
--	----

Capítulo 2

Do “Deixar passar” ao AMO: um século de expansão e conflito	40
--	----

2.1 SEU: De quartel fronteiriço e missão a centro de fornecimento da garimpagem	44
---	----

2.2 A <i>Conquista del Sur</i> : a chegada das vias, mais instituições e novos migrantes	49
--	----

2.3 PRODESUR: uma era de integração energética e comercial	53
--	----

2.4 O <i>Arco Mineiro del Orinoco</i> : a nova colonização ou a chegada do grande extrativismo	56
--	----

2.5 SEU século XXI: o fortalecimento da sua vocação quanto “ponto de apoio” garimpeiro	60
--	----

Capítulo 3

<i>Boom</i>: a explosão demográfica impulsionada pelo combustível	71
--	----

3.1 “Garimpo urbano”: economia subterrânea da múltipla fronteira como atrativo	77
--	----

3.2 Os “outsiders migrantes”: a mais nova comunidade migrante em SEU	80
--	----

3.3 “Gaiola dos esquilos”: “migração rotativa” na apropriação e venda da gasolina	84
---	----

3.4 A remessa: a sobrevivência é a principal motivação dos outsiders da gasolina	90
--	----

3.5 “Fila das mulheres”: o gênero como fator de organização na venda de combustível	92
---	----

3.6 “Redes sociais”: amigas e conhecidos como as bases da migração e sobrevivência	98
--	----

Capítulo 4

Os “Outsiders migrantes” e as variações anexas da gasolina 102

4.1 “Moeda líquida”: a gasolina enquanto valor de troca obtida a partir do “mais tempo”.. 102

4.2 O novo centro da cidade: o arranjo do sector comercial a partir do boom da gasolina ...111

4.3 Legal: os migrantes na rede de comercialização de combustível em SEU119

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS 125

REFERÊNCIAS 129

APÊNDICES E ANEXOS 134

INTRODUÇÃO

A dissertação intitulada **Fronteiras Inflamáveis** aborda a Migração associada à comercialização de combustível (fundamentalmente gasolina) em Santa Elena de Uairén, capital do município Gran Sabana do estado Bolívar, na fronteira da Venezuela com o Brasil, além de alguns de seus impactos econômicos e socioculturais mais imediatos.

A escolha do título da conta da percepção de uma situação de pressão e vulnerabilidade, em torno a uma atividade e uma dinâmica que concentra diariamente e durante horas aos habitantes dessa cidade, transformando-se na principal atividade das pessoas envolvidas e uma tarefa forçada para aqueles que simplesmente têm carro embora não participem da revenda.

A pesquisa está em consonância com a linha de pesquisa Fronteira e Processos Socioculturais, do Programa de Pós Graduação Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima (UFRR), ao pretender, entre outras coisas, abordar problemas fronteiriços que partem de um ilícito transnacional, com impactos que incluem desde processos de mobilidade, novas dinâmicas sociais e espaciais até conflitos fronteiriços e identitários tanto para os “estabelecidos” como para os “outsiders” (ELIAS; 2000).

Para efeitos deste trabalho, entende-se por comercialização de combustível a atividade de compra da gasolina nos dois postos de combustível na cidade de Santa Elena de Uairén (SEU), Kukenán e Mapaurí, com a finalidade de cobrir a revenda nas ruas, em fundo de quintais e nos postos clandestinos aos condutores brasileiros ou a quem pratica a garimpagem.

Aqueles que participam da comercialização do combustível a varejo são chamados *talibãs*. O emprego desse apelido constitui uma referência temporal, uma vez que ao surgimento do comércio, 2001-2002, coincidindo com a ocupação norte-americana do Afeganistão, assim como uma analogia entre a violenta reação dos fundamentalistas religiosos, conhecidos por sua capacidade de atuar como homens bombas e a reação dos revendedores brasileiros, chamados pampeiros, de bater seus carros antes de ser apreendidos pela Polícia Rodoviária na BR 174 que conecta a fronteira Brasil-Venezuela com a cidade de Boa Vista.

Diariamente, cada posto recebe uma cisterna depósito 38.000 litros de combustível. Tanto a quantidade de gasolina que vai para os garimpos como a quantidade da gasolina que sai pela fronteira com Brasil permanecem na invisibilidade própria das “economias subterrâneas”.

O *boom* da comercialização de combustível em Santa Elena de Uairén (SEU), da permanência do comércio e da migração decorrente dessa atividade atinge a seu auge a partir da crise de desabastecimento e da hiperinflação na Venezuela. Isso além da diferença entre o

preço do combustível venezuelano e seu preço internacional e o rentável que resulta a revenda de gasolina. Uma vantagem acentuada pelo abismo cambial entre bolívares e dólares e, mais especificamente, entre bolívares e reais. Na Venezuela, a gasolina de 91 *octanos* (económica), tem um valor de BS. 1 por litro e o combustível de 95 octanos de BS. 6 por litro. Em média, seu valor é equivalente a 0,01 dólares por litro, enquanto no resto de América Latina e o Caribe tem um valor de US\$. 1,18 por litro e em Brasil de US\$.1,13 por litro¹.

A fila, como expressão visível da comercialização do combustível na fronteira Venezuela-Brasil, começou a se formar durante 2001. Mas, foi em 2003, com a vigência do Controle Cambial que se incrementou a desvalorização da moeda venezuelana e, por conseguinte, a procura de gasolina nos postos. Ao longo de uma década e meia, as autoridades, civis e militares, através de legislações e soldados da Guardia Nacional Bolivariana e do Ejército Nacional Bolivariano têm liderado algumas iniciativas oficiais para controlar a comercialização de combustível. Contudo, as filas aumentaram cada vez mais e o tempo despendido, rotineiramente, por um motorista para encher o tanque de gasolina de seu carro, agravando-se, ainda mais, a situação bem como as condições de sobrevivência.

Nesse sentido, os carros de placas ímpares enfileiram-se só no posto de combustível Petróleos de Venezuela Kukenán e aqueles de placas pares no posto Petróleos de Venezuela Mapaurí. Além de isso, de acordo com o final da inscrição, cada veículo pode abastecer três vezes por semana e os domingos é liberado para todos. Ademais, criara-se um grupo que tem prioridade: os deficientes físicos, médicos, pessoal de enfermagem e de instituições públicas, policiais, ambulâncias, militares e turistas. Ficando a segurança a cargo do Ejército Nacional e da Guardia Nacional bolivarianos.

A partir do ano 2014, todos os carros da localidade foram identificados com um chip eletrônico cujos leitores ficam embaixo dos toldos nos dois postos de gasolina. Não obstante, até julho 2018, esse sistema, embora instalado, não estava ativo.

Em 2017, a empresa Petróleos de Venezuela estabeleceu nos postos de vários estados um limite de 20 litros devido à escassez de gasolina. Enquanto no resto do país a situação voltou à normalidade, em Santa Elena continuou o racionamento, até o dezembro 2018.

Nos anos recentes, 2017-2018, o Ejército Nacional Bolivariano atuando como administrador dos postos organizou o público em filas por categorias, definindo a sua vez a ordem de entrada nos postos: *taxistas*, ou seja, transportadores particulares; idosos, mulheres, caminhoneiros, operadores turísticos, comerciantes e “povo”. Cada um têm “um porta-voz”

¹ Disponível em: <http://es.globalpetrolprices.com/gasoline_prices>. Acesso em 2 de jun. 2017.

que organiza sua fila e providência o serviço em uma data e hora determinada, mas, ainda assim, devem aguardar horas para entrar e abastecer. Sendo a “fila do povo”, em geral, a última a entrar.

Apesar dos controles, a comercialização da gasolina continua e Santa Elena experimentou um acelerado crescimento. A cidade tem uma população oficial de 26.622 habitantes (INE, 2011), com uma projeção oficial de 34.913 para 2015 e uma estimativa interna de 43.663 para 2017. Entre 2016 e 2017, o *Comisión de Seguridad Indígena del Pueblo Pemón* registrou a chegada de 8.750 pessoas a Santa Elena e de 17.860 pessoas aos garimpos de Ikabarú. Significando assim, um crescimento de 25,06% em dois anos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), para 2015, a Venezuela foi considerada como o terceiro país mais violento da América Latina, abaixo de Honduras e El Salvador. Na Honduras ocorreram 85,7 mortes violentas por cada 100 mil pessoas, no Salvador 63,2 mortes por cada 100 mil e na Venezuela aconteceram 51,7 mortes por cada 100 mil². Gran Sabana, o município e Santa Elena de Uairén são tradicionalmente tranquilos, embora os índices de violência do país sejam os três mais altos de entre os países de América-Latina. Mas nos anos recentes observam-se transformações nesse aspecto e em 2017, Gran Sabana apareceu nas cifras de violência vinculadas a atividade da garimpagem: De tal modo, a *Comisión de Seguridad Indígena del Pueblo Pemón*³ elencou dentre os 25 itens com o objetivo de erradicar a insegurança na zona, a necessidade de controlar e evitar as invasões de terras no município e, ao mesmo tempo, controlar a revenda de gasolina.

Em seu perfil da rede social facebook, Lisa Henrito, identificada como Lynn Percy, coordenadora dessa *Comisión de Seguridad*, publicou em setembro de 2017, ao cumprir-se um ano da fundação do grupo de trabalho que dirige o que segue: “comparto con ustedes algunas fotos de nuestro trabajo y de dos de las raíces de nuestros problemas de inseguridad: las estaciones de combustible y el bendito oro”⁴. Das suas palavras podemos extrair a importância dos dois elementos enquanto fontes geradoras de ganhos econômicos e, por sua vez atrativos migratórios, embora sendo diferentes os níveis dos lucros gerados.

De tal forma que, ainda sendo um povoado de tradição migratória, pela falta de outras atividades produtivas massivas e pela rentabilidade do negócio, acredita-se que esse é um dos principais atrativos para aqueles “outsiders” que chegam a Santa Elena na atualidade.

² Disponível: <<http://apps.who.int/gho/data/node.main.VIOLENCEHOMICIDE?lang=en>>. Acesso: 28 dez. 2017.

³ COMISIÓN DE SEGURIDAD DEL PUEBLO PEMÓN. **Diagnóstico sobre la situación de inseguridad en Santa Elena de Uairén, Municipio Gran Sabana**. Santa Elena de Uairén, 2017. Trabalho não publicado.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/lynn.percy.56?ref=br_rs>. Acesso em: 18 dez. 2017.

Adicionalmente, na medida em que se agrava a crise do país, também os “estabelecidos” têm deixado suas atividades produtivas - como comerciantes, pousadeiros, motoristas e inclusive profissionais da engenharia, da administração, da educação, do direito - para se dedicar à revenda da gasolina, atividade que, inicialmente, apenas utilizavam para complementar suas rendas principais e cada vez mais jovens fazem parte desse comércio.

A nova economia provocou uma virada nas representações tradicionalmente associadas à capital da Gran Sabana: refúgio, oásis, terra de encanto, que são três das representações que até alguns anos se associavam à Gran Sabana, incluída sua capital. Agora, o aumento populacional não planejado e suas sequelas reinam ao redor das duas estações de serviço, nas ruas principais e nos bairros mais povoados, contrastando com a representação que assemelhava a cidade a um lugar escassamente urbano no meio da Gran Sabana.

No começo desta década, Rodrigues (2014, p. 60) apontou algumas das representações sobre esse lugar: “A terra de encanto e de encantamento (...) é um dos slogans das agências de turismo, bem como de grande parte da propaganda sobre essa região”.

Três anos depois, García (2017) descreveu na sua reportagem a cidade nos seguintes termos: “A cidade foi um refúgio hippie, um escondido oásis de tranquilidade, o último povoado antes da fronteira com o Brasil. Mas isso mudou nos últimos anos, com a crise na Venezuela e a chegada de pessoas atraídas pela promessa da gasolina barata”.

Em paralelo ao crescimento populacional, os povoadores da cidade experimentaram mudanças que vão na contramão da tranquilidade e da beleza que, tradicionalmente, constituíam os principais atrativos do lugar para os turistas e aqueles que decidiram ficar aqui.

Esse contexto de transformações na cidade de Santa Elena, decorrente do grande fluxo migratório em busca do “ouro líquido”, a gasolina, foi a nossa motivação para o desenvolvimento desse trabalho em termos de pós-graduação.

As questões que nos instigaram foram as perspectivas de entendimento sobre a associação de mobilidade humana nessa transfronteira e o comércio de combustível bem como os reflexos/impactos dessa dinâmica na sociedade local e especialmente no “modo de vida”. Importa-nos também nesse trabalho conhecer os atores e sujeitos que fazem parte desse universo que é a fronteira.

Nosso problema se arraigou em saber: De que maneira a comercialização de combustível em Santa Elena está associada à migração de pessoas? De que forma essa nova dinâmica comercial impactou o “modo de vida existência” da população que participa dela?

Ou seja, que impactos trouxeram a comercialização de combustível na cotidianidade dos “outsiders” que se deslocam de seus lugares de origem para participar dela, mesmo na cotidianidade dos “estabelecidos” envolvidos ou não no negócio?

Nosso recorte espacial é a cidade de Santa Elena de Uairén, capital do município Gran Sabana, na fronteira venezuelana com o Brasil e nosso recorte temporal o período entre os anos 2013-2018 que marcou o ápice da crise política, econômica e social a partir da morte do presidente Hugo Chávez e 2018, período de aumento da população em trânsito para o Brasil e outros países da América Latina.

Os instrumentos metodológicos de interesse qualitativo, para a consecução do objetivo foram a investigação bibliográfica e de publicações de atualidade, como jornais, revistas e páginas web, ademais do uso de dados secundários (a partir de censos, documentos oficiais, registros organizacionais e outros), especialmente a pesquisa de campo de abordagem etnográfica por meio da observação participativa. O trabalho de campo foi realizado em todo o período de mestrado, mais especificamente nas mais de 30 jornadas de observação, de anotações, fotografias, conversas com os atores e agentes sociais, nas filas nos dois postos de serviço Mapaurí e Kukenán. Os resultados dessas observações foram anotados para nosso caderno de campo e constituíram a guia definitiva de nossa pesquisa.

Além disso, fizemos uso de questionários (APÊNDICE 1). Com essa finalidade, interrogamos entre aqueles que esperam nas chamadas “fila do povo”, ou seja, a fila geral conformada por quem não fazem parte de nenhuma organização com licença para surtir o combustível sem aguardar, não são empresários do turismo, mulheres nem idosos, nem dispõem de comprovante de residência na cidade. Eles são pelo geral os migrantes (“os outsiders”), além de pessoas locais, sem relações laborais ou de economias formais.

Quanto à mostra, de acordo com nossas pesquisas iniciais, os postos de combustível atendem cotidianamente por volta de 580 condutores. Sendo 250 pessoas no posto Kukenán e 330 no posto Mapauri. Nosso objetivo inicial era questionar um por cento (1%) desse universo que diariamente assiste a cada um dos postos. Até somar 140 pessoas em um mês entre os dois. Devido aos questionamentos que recebemos em nossas primeiras incursões de campo, por parte de alguns dos participantes da atividade e em benefício da nossa segurança, o planejamento inicial foi modificado. Entrevistamos 140 pessoas, mas não em dias contínuos, fazendo menos perceptível nossa presença. Nessa ideia, finalmente, os questionários foram aplicados entre os meses de maio a julho 2018.

Desse jeito, entrevistamos um número maior de pessoas por dia não seguidos até alcançar a cifra planejada, contemplando, ademais, dentro do total, um terço parte das

usuárias que formam a “fila das mulheres”. A eleição desse segmento como interlocutoras dessa pesquisa obedeceu a a necessidade de introduzir, na pesquisa, um critério de gênero e garantir uma amostra diferenciada, diversificada que garantisse uma análise mais próxima da realidade no contexto atual.

Na terceira fase de trabalho de campo, selecionamos outros interlocutores com os quais fizemos uma série de entrevistas abertas. Um desses interlocutores selecionados foi Issam Madi, sociólogo, cuja escolha deveu-se pelo fato do mesmo ser um dos acadêmicos e pesquisadores sobre Santa Elena de Uairén e conhecer da dinâmica e do perfil social da população local. Ainda, com a finalidade de aprofundar informações surgidas a partir dos questionários e escutar a voz da população em estudo, selecionamos o representante da “fila do povo”, Alejandro Castillo, coordenador do *Movimiento Social Renacer Bolivariano*, uma das usuárias da “fila das mulheres” e um dos usuários da “filas dos idosos”, Luis Alejandro Ferrer; para aprofundarmos sobre as repercussões da migração associada á comercialização de combustível selecionamos um comerciante formal e três comerciantes informais. Alguns desses interlocutores e entrevistados autorizaram e, mesmo solicitaram que seus nomes fossem divulgados, tais como do Castillo representante de um coletivo, Madi e Ferrer. Os demais entrevistados e entrevistadas tiveram suas identidades preservadas, conforme o estabelecido em Ética da Pesquisa.

Assim, a partir dos resultados da pesquisa de campo, nossa dissertação foi organizada em quatro capítulos: no Capítulo 1, revisamos a crise política, social e econômica venezuelana enquanto detonante do processo migratório que afronta este país especialmente nos anos recentes, aproximando-nos, a partir desse contexto ao fluxo migratório associado à comercialização de combustível em SEU; no Capítulo 2, contextualizamos o comércio de combustível na fronteira venezuelana com o Brasil na história da expansão da frente da sociedade nacional sobre os territórios de ocupação indígena; no Capítulo 3, analisamos os resultados das nossas incursões de campo, no intuito de descrever os elementos achados e no Capítulo 4 aprofundamos nos impactos socioculturais e econômicos imediatos da dinâmica.

Nos motiva a possibilidade de apresentar uma pesquisa surgida a partir da vivência cotidiana de uma situação que no senso comum apenas nos apresentava como caótica e incompreensível e sobre a qual construímos uma série de percepções inevitavelmente vinculadas a hipótese. Esta dissertação é a desconstrução dessas percepções comuns na procura de conhecimentos que servam de referentes na abordagem de situações similares.

Capítulo 1

DIÁSPORA *TRICOLOR*⁵: DA MIGRAÇÃO ECONÓMICA À FORÇADA

“Hay palabras tan principales (...) por ejemplo la libertad, justicia, democracia, civismo, honestidad, las cuales cuando se ausentan de un país tornan muy difícil para sus ciudadanos el hecho de vivir realmente” (CADENAS, 2018)⁶.

Neste capítulo, contextualizamos nosso problema de estudo no marco da crise econômica, política e social venezuelana de finais do século XX e começos do século XXI e da incomum dinâmica migratória gerada a partir dessa crise. Entendendo que é inédita já que rompe com a tradição da Venezuela, de país receptor de migrantes para país a emissor⁷.

A migração, de venezuelanos de alta e média renda, começou a partir do 1998. Os primeiros a sair foram aqueles que sentiam medo, ansiedade, incerteza ante o inevitável sucesso presidencial de Hugo Chávez⁸ - um militar de passado golpista e ideias afins à Revolução Cubana -, que tinham recursos econômicos para estabelecer-se em um outro país. Esses primeiros venezuelanos saíram impulsionados por uma expectativa econômica de medio prazo, pelo temor de perder seu nível de ingressos e status.

Nesse sentido, o caso venezuelano encontra-se dentro do esperado para a mobilidade humana com frequência incentivada pelas esperanças de desenvolvimento, especialmente associadas às oportunidades de superação econômica que oferece um lugar, a clássica “migração econômica”. Sendo que os seres humanos movem se atrás das expectativas de melhorar suas condições materiais ou fugindo de condições econômicas adversas. Mais, neste caso, acompanhadas dos questionamentos políticos vinculados a esses riscos econômicos.

O próprio Ravenstein (1980) trabalhou em torno dos motivos econômicos no ato migratório e, posteriormente, Lee (1980) abordou a necessidade humana de melhorar a condição material de vida como a principal razão para migrar; além de outras causas como leis opressivas, impostos altos, ambiente insalubre, condições sociais adversas e coerção de

⁵ Uma das imagens mais comum da migração massiva de venezuelanos é aquela da mochila amarelo, azul e vermelho sobre as costas dos migrantes. Nelas os migrantes levam o elementar para sua nova vida. Essas mochilas são entregadas anualmente pelo governo venezuelano aos estudantes das escolas públicas. As cores correspondem as três faixas da bandeira venezuelana, chamada a *tricolor nacional* é dizer a triple cor nacional.

⁶ Palavras do poeta venezuelano, Rafael Cadenas, no momento de receber o Prêmio Rainha Sofia. Disponível em: <http://revistasic.gumilla.org/2018/rafael-cadenas-al-recibir-el-reina-sofia-los-nacionalismos-solo-traen-odios/>. Acesso em: 25 out. 2018.

⁷ Durante parte do século XX, Venezuela foi receptor tanto dos cidadãos europeus que fugiam dos conflitos bélicos quanto dos cidadãos latino-americanos que fugiam dos regímenes ditatoriais e conflitos armados.

⁸ Hugo Chávez, militar e político, foi presidente da Venezuela nos períodos entre 1999-2006 e 2007-2013. Morreu em março 2013, tendo sido eleito para um terceiro período de governo.

parte das autoridades no local de origem. Quase meia dúzia de razões que em boa maneira refletem as motivações dos venezuelanos para irem embora.

Nossa análise, coincidindo com Freitez (2011), indica que o processo migratório venezuelano da primeira década do século XXI é o resultado de duas décadas de instabilidade político-econômica e de convulsão social. Sendo, porquanto, uma crise multifacetada e longa.

Ao nosso entender, o descontentamento com a liderança política e decisões do primeiro governo de Carlos Andrés Pérez⁹, 1974-1979, e a comoção social, evidenciou-se a partir do chamado *Caracazo*¹⁰, em 1989. Com o sucesso de Chavez aprofundou-se o enfrentamento político e social e, a sua vez, a partir do 2013, os valores do petróleo e, portanto, a capacidade de importação do governo, a quebra do setor produtivo gerou um colapso econômico com graves repercussões para a subsistência da população.

Na Venezuela, a inflação de novembro 2017 foi de 56,7%, o acumulado anual de 1,3% para o mesmo mês¹¹ e o salário mínimo foi ajustado nesse período em cento setenta e sete mil quinhentos sete bolívares com quarenta e quatro cêntimos (Bs. 177.507) mensal¹² o equivalente a um dólar e setenta e sete centavos (US\$ 1,77) no mercado paralelo¹³.

Até abril de 2018, o salário mínimo era de um milhão de bolívares (Bs. 1.000.000), o equivalente a 0,3 centavos de dólar, de acordo com a perda do valor da moeda venezuelana para esse momento, mesmo depois de três aumentos nos primeiros quatro meses desse ano.

Entretanto, a capacidade de compra dos venezuelanos continuou impactada pela inflação que, em março 2018, foi de 68% e de 453% somente no primeiro trimestre do ano¹⁴. Na prática, os alimentos e medicamentos fizeram-se cada dia mais escassos e mais inalcançáveis. Assim, por exemplo, com esse aumento, o salário só deu para comprar 500 gramas de manteiga ou um litro de óleo de soja comestível¹⁵.

⁹ Carlos Andrés Pérez foi um dos principais líderes do partido *Acción Democrática* (AD), uma das organizações de maior tradição na história venezuelana do século XX. Foi presidente da Venezuela pela primeira vez no período entre 1974-1979 e posteriormente no período entre 1989-1994.

¹⁰ O *Caracazo* é o nome utilizado pela coletividade, na mídia e geralmente para chamar aqueles saques e protestos nos que perderam a vida (oficialmente) 276 pessoas no ano 1989. Disponível em: <<http://revistasic.gumilla.org/2017/28-anos-de-el-caracazo/>>. Acesso em: 23 dez 2017.

¹¹ Pela falta de informação atualizada do *Banco Central de Venezuela* (BCV), a *Comisión de Finanzas y Desarrollo Económico da Asamblea Nacional* venezuelana oferece o registro de inflação mensal e anual. Disponível em: <http://www.asambleanacional.gob.ve/noticias/_diputado-alvarado-567-es-el-indice-de-inflacion-del-mes-de-noviembre-2017>. Acesso em: 20 dez 2017.

¹² VENEZUELA, Decreto N° 3.138. Incremento de 30% del salario. Gaceta Oficial N° 41.269, de 1° nov.2017.

¹³ No mercado paralelo de Santa Elena de Uairén, em 18 de dez. 2017, cada real brasileiro tinha um valor de Bs. 10.500 e um dólar de Bs. 100.000 aproximadamente. Embora, no país existe um controle cambial desde 2003 e oficialmente, o valor de um dólar para a compra é de Bs. 9.975 e de Bs. 10.000 para a venda. Disponível em: <<http://www.bcv.org.ve/>>. Acesso em: 25 dez 2017.

¹⁴ Disponível em: <efectococuyo.com/principales/salario-minimo-paso-de-bs-392-646-a-bs-1-00-00en-tercer-aumento-de-2018/>. Acesso: 3 jun 2018.

¹⁵ Exemplo a partir das informações de campo recolhidas nos comércios de SEU em abril 2018.

Em setembro 2018, o governo venezuelano ordenou uma nova substituição das notas existentes. Na nova moeda, chamada de bolívar soberano (BS), eliminaram-se cinco zeros da moeda anterior, chamada de bolívar forte¹⁶ e salário mínimo passou a ser de BS. 1.800. Dois meses depois da sua entrada em vigência, o salário desvalorizou-se chegando a 11 dólares¹⁷.

Ante esse panorama, de múltiplas facetas, cíclico e agravado no tempo, cuja descrição será detalhada nos subcapítulos seguintes, boa parte da população encontrou-se sem possibilidades de sobrevivência e passou a procurar uma alternativa para além das fronteiras.

1.1 Factores estruturais da crise: delírio financeiro, instabilidade política e comoção social

Carlos Andrés Pérez¹⁸ começou seu segundo governo (1989-1994) com uma enorme popularidade e de súbito com um programa econômico chamado *Gran Viraje*, um plano de ajuste para o controle do gasto público. Segundo Sabino (1999, p. 126):

La situación del país recomendaba drásticas acciones: el déficit fiscal había llegado al 8% del PTB, las divisas efectivamente disponibles alcanzaban apenas a \$. 300 millones (contra \$ 10.000 de unos años atrás), las tasas de interés reales negativas impedían el ahorro interno y estimulaban la fuga de divisas, mientras que los compromisos de la deuda –ya renegociada– resultaban casi imposibles de satisfacer.

Sendo que, a população esperava do governo de Pérez bonança e não as medidas de austeridade implementadas, o governo terminou antecipadamente depois do *Caracazo*, os saques de 1989, seguido de duas tentativas de golpes de Estado, protagonizadas por Hugo Chávez e seus colegas das *Fuerzas Armadas*, em 1992, nos meses de fevereiro e novembro e um juízo por o uso indevido dos fundos públicos, em 1993. A sua saída, o *Congreso de la*

¹⁶ A unidade moetária da Venezuela é chamada de bolívar. A partir de 2007, a essa denominação se sumou o adjetivo de *fuerte* é dizer forte e em 2018 esse primeiro adjetivo foi substituído por *soberano* um adjetivo que poderia ser entendido tanto supremo quanto independente. Entre dezembro 2016 e setembro 2018 têm feito duas mudanças mais no valor da moeda que nem na sua denominação.

¹⁷ O valor do salário foi calculado de acordo com o valor do dolar no mercado paralelo que na época era Bs.160.

¹⁸ Tomamos como ponto de partida da crise venezuelana o segundo governo de Carlos Andrés Pérez (1989-1994) porquanto durante esse período fizeram-se evidentes os efeitos da crise política econômica e social venezuelana. Se bem coincidimos com Sabino (1999) quem acredita que a origem da crise política e econômica venezuelana teve seu ponto cume no chamado *Viernes Negro*. Recordamos assim à sexta 17 de fevereiro 1983. Esse dia o governo de Luis Herrera C. (1979-1984) desvalorizou o bolívar cujo valor já histórico era de 4,30 bolívares por dólar a 7,50 bolívares por dólar e criou um mecanismo de controle cambial administrado pelo *Régimen de Cambios Diferenciales* (RECAD) que fracassou em seu objetivo. Seus funcionários protagonizaram diversas tramas de corrupção. O fracasso e a corrupção agravaram a perda da credibilidade da elite política.

*República*¹⁹ designou como substituto a Ramón J. Velásquez²⁰. Pela sua trajetória e prestígio, Velásquez foi escolhido para conduzir o país em um momento de convulsão e críticas à democracia. No entanto, seu desempenho foi entorpecido pelo chamado *Narcoindulto*,²¹ um evento que contribuiu para debilitar, ainda mais, as bases da classe política.

No final desse período de transição liderado por Velásquez, 1993-1994, e logo da ruptura com o *Partido Social Cristiano Copei* (Copei), Rafael Caldera²² alcançou à Presidência com apenas 18% do eleitorado e a promessa de mudar a proposta neoliberal de seu predecessor, Carlos Andrés Pérez, o *Gran Viraje*. No entanto, após assumir seu segundo mandato, produziu-se uma das piores crises financeira da história venezuelana e um colapso bancário sem precedentes, quando foram interferidos 16 bancos do país, em poucos dias e derrubou a confiança no aparato financeiro e nas lideranças políticas.

Caldera e sua equipe promoveram um outro programa de ajuste chamado a *Agenda Venezuela* que incluiu um regime cambial flexível, a abertura da indústria petroleira a capitais privados, a privatização das empresas básicas de Guayana²³ e a reforma da segurança social cuja privatização não se efetivou (SABINO, 1999). Mesmo assim, enquanto a situação do país parecia estável, ao fim do governo, a economia era duvidosa e o valor do petróleo venezuelano que, nesse momento, era US\$. 8 por barril, um valor historicamente baixo, obrigou a redução dos gastos públicos e elevação das taxas vigentes (SCROFINA, 2012).

Terminada essa era, em fevereiro de 1999, assumiu a Presidência da República de Venezuela Hugo Chávez Frias, que chegou ao poder com o respaldo de uma coalizão de organizações minoritárias de recente conformação bem como as promessas de suplantar as organizações políticas de tradição como AD e Copei, ao mesmo tempo impulsionar mudanças jurídicas e institucionais radicais em favor da população de menor renda. Essa promessa e seus antecedentes de militar rebelde definiram o perfil político de Chávez. Barrera representou ao novo líder da seguinte forma (2006, p. 31):

Invoca la resurrección del libertador Simón Bolívar, promete acabar con la corrupción y democratizar el petróleo, promueve el sueño de un país sin pobres.

¹⁹ Em 1999 com a entrada em vigência da CRBV, o *Congreso de la República* quanto ente do Poder Legislativo nacional foi substituído pela *Asamblea Nacional*.

²⁰ Ramón J. Velásquez foi advogado, político historiador e jornalista. Presidente da Venezuela entre 1993-1994.

²¹ Se conhece como *Narcoindulto* o processo da liberação de Larry Tovar, um homem que, embora julgado por narcotráfico, recebeu um fraudulento perdão presidencial em circunstâncias que jamais ficaram claras.

²² Rafael Caldera, advogado e político, foi presidente da Venezuela nos períodos 1969-1974 e 1994-1999. Fundou o *Partido Social Cristiano Copei*, uma das organizações de maior tradição na política venezuelana.

²³ Na Venezuela, a Região Guayana se localiza na fronteira com o Brasil. Essa grande região está conformada pelos estados Bolívar, Amazonas e Delta Amacuro é rica em recursos naturais. Ciudad Guayana, conformada por San Félix e Puerto Ordaz, hospeda o complexo industrial de aproveitamento desses recursos.

Saca de las sombras uno de los más antiguos fantasmas de Latinoamérica: la Revolución.

Apesar dessa imagem, nos primórdios da sua gestão, Chávez manteve o tipo de câmbio flexível dos seus antecessores, as mesmas políticas monetárias e de preços e concentrou-se em liderar a luta por suas promessas políticas da campanha: promover a transformação institucional da nação a partir de mudanças fundamentais na *Constitución de la República de Venezuela*, sancionada em 1961, no nascimento da democracia venezuelana.

Nessa linha, Chávez convocou uma *Asamblea Nacional Constituyente* que foi eleita em meados de 1999 e, em seis meses de sessões, conseguiu apresentar a *Constitución de la República Bolivariana de Venezuela* (CRBV) submetida a referendo, no final de 1999, consagrando direitos civis e mudanças na estruturação do poder político venezuelano.

No começo do ano 2000 efetuou-se a convocação a eleições com a finalidade de legitimar os poderes públicos no marco da nova Constitución. Passadas as eleições de 2000, as organizações parceiras do governo ocuparam a maioria dos cargos de eleição popular, mas, ainda assim, no final de 2001, o presidente Chávez - no uso das faculdades concedidas por meio da *Ley Habilitante* - sancionou 49 leis nas mais diversas áreas²⁴.

O ano 2002 iniciou-se com protestos de rua contra as leis de *Tierras e Educación* e no dia 12 de abril produziu-se um novo golpe de Estado, a terceira irrupção armada contra o poder democraticamente estabelecido em um curto intervalo de 13 anos e a segunda saída prematura de um presidente²⁵. Essas derrubadas de governos, a primeira por um júizo e a segunda pela força militar, mas com apoio de políticos, empresários e sindicatos de trabalhadores²⁶ foram fatos que estremeceram as bases da precária estabilidade e a institucionalidade, gerando na população um crescente e onda sensação de incerteza.

Nesse abril de 2002, durante 48 horas, a Presidência foi ocupada por Pedro Carmona, líder da organização patronal *Federación de Cámaras y Asociaciones de Comercio y Producción de Venezuela* (Fedecamaras), que dissolveu todos os poderes públicos e anulou as normas em vigor da *Ley Habilitante*. Só horas depois, Chávez voltou ao poder. Seu retorno foi atribuído ao descontentamento popular e militar impulsionado pelas radicais decisões jurídicas de Carmona auto instituído como presidente (MEZA; LA FUENTE, 2004).

²⁴ *La Ley Habilitante* permite ao presidente venezuelano sancionar legislações pela via executiva, à margem do Poder Legislativo. Desse jeito, Chávez sancionou, no final do 2001, entre outras leis, as leis de *Hidrocarburos, Tierras e Educación*, três legislações que depositaram na dupla Estado-Governo o controle absoluto nessas matérias, deixando de fora os empresários vinculados esses temas.

²⁵ Fazemos referência aquele afastamento motivado pelo júizo a Carlos Pérez em 1993.

²⁶ Essas ações foram apoiadas pelos partidos políticos, os empresários e comerciantes afiliados à *Fedecamaras* e os sindicatos de trabalhadores agrupados na *Confederación de Trabajadores de Venezuela* (CTV).

Os protestos, contudo, continuaram e no final de 2002 produziu-se o *Paro Petrolero*, a grande manifestação de descontentamento promovido pelos gerentes da PDVSA contra o Poder Executivo e suas decisões referentes à indústria mais principal da economia nacional²⁷.

O ano 2003 foi de massivos protestos de rua e a efetuação do *Referendo Revocatório*, previsto na nova CRBV sancionada por Chávez em 1999. Nesse processo, a consulta popular era sobre a permanência ou não do presidente Chávez no cargo, cujo resultado permitiu a Chávez continuar seu mandato em um ambiente de certa estabilidade econômica ante o crescimento progressivo do valor do petróleo²⁸. Desse jeito, o alto valor do principal produto de exportação venezuelano permitiu ao governo financiar as chamadas missões, programas e políticas sociais nas áreas de saúde, educação, alimentação, emprego entre outras, transformando-as nas grandes bandeiras do governo de Chávez, uma vez que chegaram diretamente às classes sociais mais desprovidas e supre-a suas carências mais imediatas.

Sebastián Scrofina (2012, p. 20) ao analisar as flutuações do valor do petróleo no período de 1999-2008 diz:

Luego de haber rondado los veinte dólares por barril entre 1999 y 2004 y llegado incluso la cesta venezolana a ser cotizada en ocho dólares por barril en febrero de 1999, desde 2005 el precio del petróleo muestra un desempeño ascendente que se mantiene hasta mediados de 2008, cuando su volatilidad característica se tradujo en diferenciales de más de cien dólares para un mismo tipo de crudo a lo largo del año.

Esse aumento de renda proveniente do preço do petróleo favoreceu a diminuição do número de pessoas desempregadas e os indicadores de pobreza extrema. Alguns beneficiavam-se das missões enquanto outros de empregos parciais oferecidos pelas instituições governamentais. No entanto, ao mesmo tempo em que aumentou a circulação de dinheiro os índices de inflação chegaram, já nesse momento, a percentuais assustadores.

Nessa perspectiva, Freitez (2011, p. 16) diz que, em 2008, registrou-se o mais baixo nível de desemprego, mediante a intervenção governamental que conseguiu criar 57% dos 321.154 empregos novos, beneficiando 18% da população economicamente ativa. De acordo com suas anotações, o desemprego passou de 20%, em 2003 a 7.8%, em 2008 e em 2009, a população em condição de pobreza extrema que em 2003, era de 30% caiu para 9%. Mas o maior gasto público resultou no crescimento da inflação, que passou de 17% em 2006, a

²⁷ O *Paro Petrolero* foi uma ação impulsada pela gerência alta e meia de PDVSA. Durante 62 dias, a maior parte das operações da principal indústria do país, permaneceram paralisadas e os venezuelanos fizeram filas em todos os postos de combustível a nível nacional para comprar gasolina.

²⁸ Em agosto 2003, o preço do petróleo OPEP era de \$. 29,63, chegando em março 2004, a \$. 32,23. Disponível: <https://datosmacro.expansion.com/materias-primas/opez?dr=2004-03>. Acesso em: 25 out. 2018.

31.4% em 2008, a 28.6% em 2009. Ademais, a autora analisou, nesse intervalo, o aumento da precariedade laboral, relacionada ao salário, condições de ocupação, benefícios laborais, utilização do recurso humano e duração da jornada. Registrando um aumento de 61% na quantidade de trabalhadores com empregos precários entre 1997 e 2008.

Além disso, já no segundo mandato (2007-2013), a reforma constitucional proposta por Chávez foi rechaçada mediante o processo conhecido como *Referendum Consultivo*²⁹. No entanto, o presidente incorporou algumas dessas reformas no chamado *Plan de Desarrollo Económico y Social de la Nación* (2007-2013), sancionado por *Ley Habilitante*, constituindo-se em uma mudança no modelo político e econômico venezuelano chamado Socialismo do Século XXI. Contudo, em fevereiro de 2009, Chávez sancionou uma emenda que garante a reeleição indefinida para os cargos de eleição popular, nacionais, regionais e municipais, entre alguns câmbios mais. De outra sorte, essas mudanças do enfoque do governo incrementaram o conflito nos mais diversos âmbitos da vida nacional.

Visto o propósito governamental de tomar a via do modelo socialista e seu aparente desejo de perpetuar-se no poder, aprofundaram-se as diferenças entre o Governo e os sectores produtivos e políticos de oposição e detonou-se uma nova e crescente fase de convulsão social como expressão de um descontentamento cada vez mais generalizado, especialmente as classes medias e altas. Segundo o *Observatório Venezolano de Conflictividad Social* (OVCS), em 2012, registraram-se 5.483 protestos nas ruas das principais cidades³⁰.

Não obstante, desde 2010, o barril de petróleo vinha recuperando os preços dos tempos áureos, os preços para 2011 eram US\$. 70,3, para 2012 eram de US\$. 97,23, chegando a US\$. 100,1 para 2013³¹. Mesmo assim, a inflação continuo ascendente. Em 2011, foi de 29%, em 2012 conseguiu uma queda quase dez pontos porcentuais chegando a 19,5% e em 2013 triplicou-se e chegou a 52,7%³².

Esse ingresso adicional gerado pelo alto preço do valor do petróleo permitiu ao governo financiar as variadas missões. Uma das últimas lançadas por Chávez chamou-se *En amor mayor*³³. O enfoque dessas ajudas concentrou-se no fornecimento de alimentos regulados ou subsidiados e na atenção das mães, idosos, estudantes, descapacitados e outros em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, o governo minimizou o impacto da inflação, ou

²⁹ O *Referendum Consultivo*, previsto na CRBV é um processo de consulta geral durante o qual a população é interrogada sobre a aprovação ou não duma decisão de interés geral.

³⁰ Disponível: < <http://hinterlaces.com/al-menos-5483-protestas-se-realizaron-en-2012/>>. Acesso: 29 dez. 2017.

³¹ Disponível em: < <http://vedatos.com/stats/petroleo/>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

³² Disponível em: < <http://www.josebhuerta.com/inflacion.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

³³ Lançada em dezembro 2011, En amor mayor beneficia a aquelas mulheres maiores de 55anos e homens maiores de 60 anos que não dispunham de aposentadoria.

seja, a perda do poder aquisitivo e os primeiros efeitos do desabastecimento, que já se iniciava, sobre as famílias de baixa renda. Porquanto, o constrangimento da oposição e sua proposta de mudanças políticas não conseguiu apoio no ambiente social que ainda resultava protegido pelas políticas governamentais disponibilizadas.

Nessas circunstâncias, Chávez encarou uma terceira campanha para a Presidência no ano 2012. Apesar da sua grave doença, reelegeu-se no final desse ano ao tempo em que a sociedade experimentara uma fase de incerteza maior depois da sua morte em março 2013.

1.2 Os Fatores conjunturais da crise: desabastecimento, hiperinflação, protestos e saques

Posteriormente a morte de Chávez, a chegada de Nicolás Maduro³⁴ ao poder teve como determinantes a caída continuada dos preços do petróleo e desabastecimento de produtos de consumo massivo de diversos tipos. Os valores do barril de petróleo venezuelano, durante os anos 2015, 2016 e 2017 rondou uma média de US\$. 44,65 por barril; sendo pontualmente de US\$. 35,15 para 2015 e US\$. 46,24 por barril para 2016³⁵. Isso em uma economia com porcentagens de inflação de 64,7% para 2014³⁶, 180,9% para 2015³⁷ e 274% para 2016³⁸.

Neste novo cenário, o Governo perdeu boa parte de sua capacidade de importação dos gêneros básicos não produzidos em um país amplamente importador, a inflação acelerou-se devido à superioridade da demanda sobre a oferta, a administração pública perdeu sua possibilidade de aliviar o impacto da inflação sobre os mais desprovidos, mediante as missões sócias e subsídios e assim os cidadãos (especialmente aqueles de menor renda) perderam sua capacidade de compra dos produtos mais básicos.

Pela falta da continuidade nas missões e os altíssimos preços, Maduro ordenou, em dezembro 2013, as chamadas “vendas controladas”, ou seja, a venda de todo tipo de mercadorias, desde gêneros a equipamentos sonoros, de vídeo, tecnologia, roupa e sapatos em preços insignificantes. Para fazer cumprir a chamada “proteção ao consumidor”, instaurou a presença de efetivos militares nas lojas. Essas intervenções incrementaram as diferenças entre a maioria dos setores produtivos e o governo. Nessa linha, em dezembro tanto 2016 quanto 2017, o presidente ordenou os câmbios do padrão monetário e substituição das notas de

³⁴ Nicolás Maduro, líder sindical e político, presidente constitucional da Venezuela entre 2013-2018, reeleito para o período 2019-2025. Foi lançado como candidato pelo Chávez na sua última intervenção pública.

³⁵ Disponível em: <<http://www.mpetromin.gob.ve/portalmenpet/secciones.php?option=view&idS=45>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

³⁶ Disponível em: <<http://www.josebhuerta.com/inflacion.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

³⁷ Disponível em: <http://www.bcv.org.ve/>. Acesso em: 11 jan. 2018.

³⁸ Disponível em: <<http://www.finanzasdigital.com/2017/04/bcv-reporto-al-fmi-una-inflacion-274-2016/>>. Acesso em: 12 jan.2018.

menor denominação por outras de maior denominação como medida de emergência contra os resultados combinados da crescente inflação e perda do valor do bolívar.

Os protestos, cada vez mais violentos, tomaram as ruas das principais cidades do país tanto em 2014 quanto em 2017, deixando mortes e destruição de alguns comércios e instituições³⁹. Foram as chamadas, pelo governo, *guarimbas*⁴⁰. Segundo o OVCS, em 2017 se registraram 6.729 protestos e 163 falecidos. Em dezembro de 2016, registraram-se duas mortes e saques contra 350 comércios em Ciudad Bolívar, a principal cidade do estado Bolívar⁴¹ e em SEU cinco comércios sofreram saques⁴². Esses foram os primeiros saques na história da cidade.

O BCV publicou as cifras sobre inflação, exportações e Produto Interno Bruto (PIB) em 2015. Ainda assim, em dezembro de 2017, o governo venezuelano informou à Comissão de Bolsa e Valores dos Estados Unidos (SEC, pelas siglas em inglês) que a economia se retraiu 16,5% em 2016; uma inflação anual de 274,4% e taxa de desemprego em 7,5%. Desse informe, possivelmente os dados mais relevantes referem-se a economia petroleira, que caiu em 9,9% e sua economia não petroleira caiu 16,1%, com uma diminuição de importações de 50,8%⁴³, conferindo as razões do mais cada vez estendido desabastecimento.

A situação econômica até aqui descrita, virou ainda mais grave no último semestre 2017. Ao encerramento do mês de novembro, a *Asamblea Nacional* registrou uma inflação mensal de 56,7% sendo considerado como o começo de um período de hiperinflação⁴⁴.

Cagan (1956 apud HERNANDEZ; GIL, 2017, p. 1) descreveu um período de hiperinflação da forma seguinte:

“(…) las hiperinflaciones comienzan en el mes en el que los incrementos en los precios exceden el 50 por ciento y terminan en el mes antes de que el aumento mensual en precios caiga por debajo de esta cantidad y se mantenga así por al menos un año”.

³⁹ Disponível em: < <https://www.observatoriodeconflictos.org.ve/tendencias-de-la-conflictividad/venezuela-6-729-protestas-y-157-fallecidos-desde-el-1-de-abril-de-2017>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

⁴⁰ O termo vem de *guarida* é dizer esconderijo e associa-se aos lugares utilizados pelos comunistas para se esconder durante a ditadura de Marcos Pérez Jiménez. O termo foi resgatado pelos opositores à Revolução Bolivariana e, a sua vez, utilizado pelo governo para desqualificar, por violentos, os protestos protagonizados por jovens estudantes. Entre 2014 e 2017 centos dos chamados *guarimberos* foram detidos e processados.

⁴¹ Disponível em: < <http://www.correodelcaroni.com/index.php/economia/item/52605-saqueos-acaban-con-90-de-los-comercios-que-venden-alimentos-en-ciudad-bolivar>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

⁴² Disponível em: < <http://www.correodelcaroni.com/index.php/cdad/item/52577-violentan-cinco-comercios-en-santa-elena-de-uaiaren>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

⁴³ Disponível em: < <http://efectococuyo.com/economia/gobierno-de-maduro-le-reporto-a-eeuu-que-economia-venezolana-se-contrajo-165-en-2016>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

⁴⁴ Disponível em: < http://www.asambleanacional.gob.ve/noticias/_diputado-alvarado-567-es-el-indice-de-inflacion-del-mes-de-noviembre-2017>. Acesso em: 20 dez 2017.

Segundo cálculos de Hernández e Gil (2017), as velocidades de duplicação dos preços nas economias durante os períodos de hiperinflação dependem da porcentagem de inflação tanto mensal quanto diária. Sendo que em um contexto com 60% de inflação mensal e 1,57% de inflação diária os preços duplicam a cada 50 dias.

Na Venezuela de 2018, os valores dos gêneros de consumo cotidiano como queijo branco, farinha de milho e manteiga vegetal podem duplicar, pelo menos, uma vez por semana. Em novembro 2018, o país completou um ano de período hiperinflacionário e seus cidadãos sofrendo a crescente incapacidade para comprar seus produtos mais necessários.

Dessa relação, deduz-se perda do valor do dinheiro ante a expectativa de crescimento inflacionário e sua vertiginosa velocidade para afetar a economia. Em um período de hiperinflação, as pessoas vivem para comprar o que podem, com a certeza de que o dinheiro de hoje não fornecerá a compra amanhã e nessa lógica trabalham os comerciantes e industriais que incrementam seus preços constantemente no objetivo de garantir seus estoques.

O outro fator desse panorama é o desabastecimento incluso em itens de alimentos e medicamentos. Em dezembro 2017, os comércios de alimentos permaneciam sem mercadoria e o abastecimento dos medicamentos atingia somente 10% da demanda⁴⁵. Em julho 2018, o desabastecimento dos produtos mais básicos agravou-se ainda mais, além da falta de notas. Pela deficiência de dinheiro, as pessoas dependiam para fazer suas compras dos cartões de débito (pois os limites do crédito perderam vigência) ou das transferências eletrônicas que apenas são aceitas em algumas lojas⁴⁶.

Em dezembro 2017, reproduziram-se tentativas de saques contra dois comércios de Ciudad Bolívar,⁴⁷ a capital do estado Bolívar do qual faz parte Santa Elena de Uairén. Nos estados Vargas, Barinas, Monagas, Anzoátegui, Nueva Esparta e cidade de Caracas também se apresentaram protestos e tentativas de saques decorrentes da falta de comida⁴⁸.

⁴⁵ Disponível em: http://www.el-nacional.com/noticias/salud/escasez-medicamentos-lleg-septiembre_208281>. Acesso em: 29 dez 2017.

⁴⁶ Em julho 2018, em *El Palito*, uma localidade costeira no centro da Venezuela, a falta de dinheiro levou aos vendedores de empanadas (salgados feitos com farinha de milho), na vera da rua, a fazer-se com maquininhas de pago com cartão, algo inesperado neste tipo de comércios na Venezuela. Mas na fronteira da Venezuela junto Brasil o dinheiro continuava circulando devido ao mercado de câmbio paralelo. Por tanto, os pagos com cartão eram pouco frequentes e cobrados pelos comerciantes com aumentos nos valores.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.correodelcaroni.com/index.php/sucesos/item/61526-la-navidad-cerro-con-militarizacion-y-saqueos-en-ciudad-bolivar>>. Acesso em: 26 dez 2017.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.eluniversal.com/noticias/sucesos/protestan-varias-zonas-del-pais-por-escasez-alimentos-gas-agua_682488>. Acesso em: 29 dez 2017.

1.3 A migração económica foi expulsa até EUA e Europa pelo sucesso revolucionário

Ante o iminente sucesso de Chávez, conhecido fundamentalmente pelos fatos de 1992⁴⁹, mesmo que parte da população deposita-se nele suas esperanças, outros, muitos profissionais e pessoas de maior renda tomaram a decisão de migrar ante a possibilidade de que se transformara numa opção de governo similar à cubana, manifestaram o temor a perda e confisco de seus bens, da democracia e das liberdades individuais e coletivas. Nesse raciocínio, a maioria dos primeiros migrantes optaram pelos EUA e, só alguns pela Europa. Guardia (2008, p. 188) descreveu os motivos na decisão desses migrantes assim:

Tras la victoria electoral de Hugo Chávez a la presidencia en 1999, una gran cantidad de grupos venezolanos pertenecientes a estratos económicos medios y profesionales se plantearon la necesidad de migrar hacia Estados Unidos de Norteamérica en virtud de que temían se tomaran medidas que limitaran el ejercicio de sus derechos ciudadanos y que afectarían sus intereses económicos. Sus dudas en cuanto al destino político del país se basaban en la posibilidad de una eventual implantación de un régimen autoritario parecido al cubano, mientras que las razones personales asociadas al bienestar económico de sus familias se atribuían al alto índice de desempleo, elevada inflación, devaluación y controles de cambio impuestos por el gobierno.

A autora baseou sua análise no registro de 91 mil venezuelanos nos EUA em 2000, e de 600 mil venezuelanos residentes nos EUA em 2003⁵⁰.

Efetivamente, a visão de Guardia (2008) colocou um marco na recente história migratória venezuelana, partir do sucesso presidencial de Chávez. Mesmo assim, as condições que levaram ao sucesso da proposta liderada por Chavez conseqüentemente podem ser também analisadas como argumento do êxodo venezuelano e de uma crise continuada no plano político, econômico e social que se refletiu, cada vez mais, na perda de credibilidade dos líderes políticos tradicionais. Quanto aos fatores desencadeantes do êxodo migratório venezuelano nos inícios do século XXI, Freitez (2011, p. 31) aporta a seguinte análise:

Los efectos de dos décadas de crisis económica, social, política e institucional se reflejaron en la pérdida generalizada de niveles de bienestar y de calidad de vida entre la población residente en Venezuela. En ese contexto, aparentemente el país dejó de ser un destino atractivo para la migración internacional y, por el contrario, se produjeron importantes movimientos de retorno además de hacerse evidente la emigración de venezolanos. De esa forma se ha gestado un cambio en las pautas migratorias de los originarios de este país, quienes se habían caracterizado por una baja predisposición a migrar al exterior.

⁴⁹ Em fevereiro 1992, Hugo Chávez liderou um falido golpe militar contra o presidente Carlos Andrés Pérez.

⁵⁰ Guardia (2008) utilizou o Censo Estadunidense do 2000 e um relatório do U.S. Citizenship and Immigration Services (USCIS) do 2003.

Freitez (2011) considerou EUA como o principal destino escolhido pelos venezuelanos por causa do processo de conflito político agravado depois do golpe de Estado contra o presidente Chávez, em abril 2002 e do *Paro Petrolero* de dezembro desse mesmo ano. Lembrando que pela paralisação de PDVSA, 20.000 trabalhadores especializados foram despedidos de seus empregos. A maioria de aqueles migraram a EUA. Escolheram esse país com a finalidade de concursar por cargos nas transnacionais estadunidenses.

Essa análise poderia explicar o aumento das solicitações de asilo político nos EUA. Guardia (2008) resenhou 155 solicitações admitidas em 2002 e 525 em 2004⁵¹.

De acordo com os registros de Freitez (2011), 42 mil venezuelanos residiam nos EUA em 1990 e essa cifra subiu a 107 mil pessoas em 2000⁵². Entre 2005-2007 o número de venezuelanos residente nos EUA aumentou a 158 mil⁵³. Ao tempo que outra fonte indica que para 2005 residiam 130 mil e 172 mil para 2010.⁵⁴

A partir dos dados migratórios e seu cruzamento com o panorama político, econômico e social já descritos, Freitez (2011, p. 22) apresenta uma análise que conecta ambos os aspetos com a falta de perspectivas a futuro, o bem-estar e a resultante decisão de migrar.

Este flujo creciente de inmigrantes venezolanos en Estados Unidos es probablemente expresión de una reacción de la población frente a la agudización de un proceso de conflictividad política, luego del paro petrolero y de todos los acontecimientos políticos que se desencadenaron desde 2003, aunado al deterioro de las condiciones de bienestar por la inseguridad pública y la pérdida de institucionalidad.

De outra sorte, Freitez (2011, p. 22) assinalou a Espanha como o segundo destino dos migrantes venezuelanos na primeira década do século XXI. Se calculou, em 2005, que 148 mil venezuelanos residiam na Espanha, a cifra aumentou a 164 mil em 2010⁵⁵. Para 2017, 208.333 nascidos venezuelanos residiam na Espanha (OIM, 2018a). Isso possivelmente quanto resultado da chamada migração de volta é dizer do retorno dos europeus que se estabeleceram na Venezuela, a mediados do século XX, por causa da Guerra Civil da Espanha

⁵¹ Guardia (2008) utilizou dados do USCIS.

⁵² Freitez (2011) utilizou o *Proyecto de Investigación de la Migración Internacional en América* (IMILA) e da *Comisión Económica para América Latina* (CEPAL).

⁵³ O terceiro registro utilizado por Freitez (2011) foi gerado pela American Community Survey.

⁵⁴ O quarto registro de referência utilizado por Freitez (2011) corresponde ao Banco Mundial (BM).

⁵⁵ Para fazer esta relação Freitez (2011) recorre a dados do Banco Mundial (BM).

ou seus descendentes, ademais pelas similitudes culturais, incluso linguísticas, entre o país de origem mais recente, a Venezuela e o lugar de origem primário e de destino, a Espanha⁵⁶.

Adicionalmente, Freitez (2011, p. 23) referiu que em 2000, os venezuelanos constituíam a segunda colônia latino-americana mais numerosa no Portugal, depois dos brasileiros, com 22.300 nascidos na Venezuela, se bem não encontrou incrementos relevantes durante a primeira década da crise migratória. No entanto, 24.603 nascidos venezuelanos residiam em Portugal até 2017 (OIM, 2018a). Na Itália, Freitez (2011) analisou a tendência a aumentar a quantidade de venezuelanos, registrando-se 36 mil para 2000. Efetivamente, até 2017 a cifra de venezuelanos na Itália chegou a 49.831 (OIM, 2018a).

Tanto Guardia (2008) quanto Freitez (2011) destacaram o aspecto seletivo da migração venezuelana⁵⁷, especialmente da aqueles que escolhem os EUA como destino por conta de sua formação profissional ou suas possibilidades financeiras para fazer negócios ou participar de inversões e conservar sua qualidade de vida. Guardia, por sua parte, referiu-se à condição socioeconômica favorável, enquanto, Freitez destacou a formação académica.

Ao final da primeira década do século XXI, Freitez (2011) observou que Venezuela não se encontrava entre os países com mais altas porcentagens de migrantes, mas sem entre os 30 com mais altos porcentagens de seletividade (60%). A seletividade, é avaliada a partir das condições financeiras do migrante, sua formação profissional e mesmo os migrantes de retorno que voltam a seu lugar de origem quando o país receptor deixa de ser propício para suas economias.

1.4 Os migrantes forçados foram até as fronteiras expulsos pela fome

A partir da segunda década do século XXI se incrementou o processo migratório dos venezuelanos e essa aceleração da dinâmica migratória se fiz mais perceptível a partir do 2013, no aviltamento das condições de vida na Venezuela que seguiram a morte do Chávez.

⁵⁶ De acordo com (BAPTISTA, E. A.; CAMPOS, J.; RIGOTTI, J. I. R., 2017, p.2) “Entende-se por migrante de retorno aquela pessoa que deixou o seu local de origem, residiu algum tempo em outra região e depois regressou ao seu lugar de nascimento. Em geral, o motivo da saída do indivíduo é de ordem econômica, ou seja, ele vai em busca de melhores oportunidades de emprego na expectativa de incrementar sua renda”. A migração económica, a mobilidade humana enquanto estratégia de aumento da renda, inverte-se no sentido contrário passado a ser migração de retorno uma vez que a pessoa logra seu objetivo ou quando as condições no local de destino resultam adversas em comparação com o lugar de origem.

⁵⁷ Segundo Lee (1980, p.111) “As migrações são seletivas em razão das pessoas responderem de forma diferente a série de fatores positivos e negativos prevalecentes nos locais de origem e de destino, terem capacidades diferentes para superar as séries de obstáculos e diferenciarem-se entre si em termos dos fatores pessoais anteriormente já discutidos”

Iván de La Vega⁵⁸ referiu-se no final de 2016 ao crescimento de 60% da migração comparando-a com 2015 e as mudanças nos padrões migratórios no período 2013-2016. Por sua vez, caracterizou essa migração de venezuelanos a partir do perfil dos migrantes como de moderados ou escassos recursos econômicos, profissionais ou ainda dependentes de ofícios ou empregos de menor qualificação, que migram para países vizinhos ou sul-americanos que, eventualmente, viajam de avião, mas frequentemente viajam de ônibus, a pé, de carro ou de balsas (SUBERO, 2017).

Segundo De La Vega, o principal destino dessa migração é Colômbia onde contabilizou 35 mil nascidos venezuelanos, boa parte deles filhos de colombianos que chegaram a Venezuela nas décadas 1970-1980 fugindo do conflito armado entre o Exército, os grupos guerrilheiros e, mais tarde, os para militares; Perú e Equador também figuram na sua lista de países sul americanos recebendo migração de retorno ou também chamada migração de volta e além de venezuelanos que chegaram a esses países pela primeira vez. Outros, escolheram as ilhas do Caribe como Aruba, Curaçao, Trinidad e Tobago e, outros, o extremo norte do Brasil, o estado de Roraima e ainda cidades brasileiras mais distantes.

De La Vega também discutiu registros de venezuelanos migrando a América do Sul mais longínqua como a Chile, onde migraram, especialmente, os profissionais da área médica e outras migrações que escolheram em geral, a Argentina e o Uruguai, sendo este último um país pequeno que abriga já uma importante migração venezuelana.

Igualmente, analisou a migração venezuelana ao Panamá, na América Central, causando lá a chamada saturação migratória expressada no rechaço constante aos venezuelanos e à República Dominicana, destino frequente de pessoas com capacidade de inversão. Na verdade, as duas podem ser descritas como migração econômica seletiva, sendo processos definidos pelas capacidades e fortalezas das pessoas para empreender seus projetos migratórios a partir de suas possibilidades econômicas.

No entanto a intenção primordial da migração nos anos 2013 a 2016, de acordo De La Vega alteram o padrão tradicional, pois os migrantes não só buscam melhorar sua qualidade de vida, pretendiam especialmente segurança, alimentos e medicamentos. Nessa mais recente história migratória venezuelana, a migração aparece uma vez mais como “estratégia de sobrevivência”, não só como tática de desenvolvimento ou bem-estar.

As pesquisas e análises de Simões (2017) também permitem conferir as apreciações aqui expostas acerca da migração venezuelana a partir de 2013, assim como integrar outra

⁵⁸ Iván De La Vega é diretor do *Laboratório Internacional de Migraciones* e professor da *Univerdad Simón Bolívar* (USB). As duas instituições se encontram na Venezuela.

perspectiva de análise válida nosso recorte espacial de pesquisa. O autor registrou, em 2015, o aumento da migração venezuelana, em que Roraima, estado do extremo norte do Brasil, na fronteira sul da Venezuela, Santa Elena é um dos destinos principais dessa migração.

A partir desses pedido de refúgio em Roraima, Simões (2017) analisou que nesse momento a maior parte deles chegavam por via terrestre, através da fronteira entre as cidades de Santa Elena de Uairén, na Venezuela e Pacaraima, no Brasil e que muitos que entravam, permaneciam um tempo e depois voltavam para seu país de origem, Venezuela o que definiu, nesse momento, como migração pendular⁵⁹.

A partir desses perfis, Simões (2017) classificou a migração como uma migração de trabalho e oportunidades, além de pendular, isto é feita diariamente. Sua classificação considerou que muitos destes migrantes chegaram ao Brasil com a finalidade de trabalhar e, depois de um período, retornar, com dinheiro, comida, medicamentos e outros gêneros.

Nos estudos de Simões, a determinação dos migrantes de voltar a seu local de origem determinou a definição desse processo como pendular, sendo um processo que se inicia em um lugar definido e que, logo de um percorrido de ida até um lugar de destino, termina provisoriamente em um percorrido de volta a um ponto de origem, para depois e, indefinidamente iniciar-se de novo. Tratava-se de uma “tática de sobrevivência cotidiana” que levava os venezuelanos de menor renda a cruzarem para as fronteiras terrestres junto aos países vizinhos, incluso Brasil⁶⁰. Entendendo que suas motivações essenciais são alimentação e saúde, mas sem necessidade de abandonar de um todo seu país e lugar de residência principal para onde a pessoa mantém um firme propósito de voltar, em um tempo curto e definido, com economias e insumos necessários para ele e sua família.

Boa Vista, a capital do estado de Roraima, passou de 280 solicitações de refúgio em 2015, para 2.236 em 2016 e 5.438 até junho de 2017. Para todo o Brasil foram 829, 3.368 e 7.600 as solicitações de refúgio respectivamente.

Num total, em 2016, 56.800 venezuelanos entraram pelo ponto migratório fronteiro da Polícia Federal Brasileira (PF) em Pacaraima e retornaram 47.108 e até junho 2017,

⁵⁹ Segundo Pinho e Brito (2015, p. 3), “A mobilidade pendular de trabalhadores se caracteriza pelo deslocamento cotidiano de pessoas entre o local de residência e o local de trabalho, considerando as situações em que esses dois pontos estão situados em municípios distintos”. Não obstante, Simões utiliza o termo para definir o deslocamento por motivos de trabalho que não é permanente ainda sendo dum país a outro. BRITO, Fausto; PINHO, Breno. Local de residência e local de trabalho na RMBH: uma análise comparada entre os anos de 1980 e 2010. **Textos para discussão**, Belo Horizonte, n. 25, 2015.

⁶⁰ Em 2017, 35.000 venezuelanos residiam regularmente no Brasil (OIM, 2018a).

entraram 24.379 e retornaram 13.868. Com relação ao perfil desses migrantes 58,28% eram homens e 41,72% mulheres. Com relação a idades, 80% encontravam-se entre 20 a 59 anos⁶¹.

Em 2018, se registraram cada vez mais venezuelanos migrantes ao mesmo tempo em que houve descenso dos registros de saída (retorno) desde os países receptores. Destacando entre seus principais destinos os países vizinhos da Venezuela, o Brasil e Colômbia. Na Colômbia registraram-se 48.714 em 2017 e 870.093 em 2018 (OIM, 2018b). Entre primeiro de janeiro 2017 e 27 de março 2018, um total 107.361 venezuelanos entraram no Brasil através do Ponto de Controle da Polícia Federal (PF) Pacaraima⁶². Só em janeiro 2018, entraram 12.151 venezuelanos e saíram 2.025 e, em fevereiro de 2018 entraram 12.436 e saíram 3.379⁶³. Segundo o relatório *Tendencias Migratorias en las Américas* (OIM, 2018b) de julho 2018, o registro de venezuelanos no Brasil foi de 3.425 em 2015 e 50.000 em 2018.

Em julho 2018, abordamos sistematicamente os venezuelanos que chegavam no posto da Polícia Federal em Pacaraima. Em comunicações orais, a maioria informaram que viajavam com a família, e que iriam até a cidade de Boa Vista (um nome que apenas pronunciavam) onde tinham algum conhecido e com o objetivo de morar na rua ou em um refúgio e trabalhar; que saíam por conta da situação do país, sendo o valor dos alimentos o mais inquietante dos motivos e não dispor de água, comida nem dinheiro nem para o trajeto de ida e muito menos para uma ainda não planejada volta. Lembramos que uma mulher expressou que saía do país para se tratar do câncer de útero na principal cidade de Roraima, aproximadamente a 1.030 quilômetros da sua cidade de origem, Ciudad Guayana e que em suas falas muitos migrantes relatavam episódios de violência, roubos, assaltos, assassinatos e enfrentamentos entre facções que diariamente presenciavam nos seus povoados de origem.

A ausência total das mais elementares condições para continuar na Venezuela determinam a definição desses deslocamentos enquanto “migração compulsória”, descrita por Oliveira (2014, p. 25) no contexto amazônico. De acordo a força desses fatores que “impulsiona o indivíduo à migração e o obriga a colocar-se em marcha mediante dispositivos de violência “simbólica” e concreta, que atingem diferentes dimensões de sua existência”.

Mas, além disso, os mais recentes a sair, nem sempre conseguiram pagar passagens de ônibus, muito menos aéreas nem alugar no lugar de destino. Eles saem pelas fronteiras do país, de ônibus quanto têm como e quando não vão a pé e de balsas, engrossando as longas

⁶¹ Simões (2017). Trabalha com dados oferecidos pela Assessoria de Comunicação da Superintendência da Polícia Federal (PF) em Roraima, Brasil.

⁶² O Ponto de Migração Terrestre da PF em Pacaraima está localizado a um quilômetro do limite fronteiro e a 15 quilômetros do centro de Santa Elena de Uairén, a mais perto das cidades venezuelanas.

⁶³ Fonte: Relação de Atenções da PF, publicado em março 2018.

filas da “migração transfronteiriça” cuja única expectativa é fugir das condições adversas, da fome, da carência, da violência inclusive que ameaçam sua vida (GONZÁLEZ, 2015)⁶⁴.

Na verdade, é bem factível que tanto a guerra como os desastres naturais são cumpram o papel de eventos detonadores das migrações sejam “compulsórias” ou “forçadas transfronteiriças” (OLIVEIRA, 2014; GONZÁLEZ, 2015) e que esses deslocamentos decorram da persistência de fatores estruturais diversos.

A continuidade do fluxo no tempo, as mudanças nos perfis dos migrantes - cada vez mais jovens ou mesmo adultos e velhos todos empobrecidos, desesperados por comida e medicamentos - obrigam a extrapolar a escolha das definições para entender a verdadeira dimensão do processo. Portanto, dentro das “migrações forçadas” que incluem as “migrações compulsórias”, mesmo “transfronteiriças forçadas”, adotamos a chamada “migração pela sobrevivência” (BETTS, 2010) por que precisamente o autor descreve a aqueles que fogem em busca de vida e dignidade, não só de sobrevivência biológica mesmo assim de sobrevivência social. Os venezuelanos migram, cruzando as fronteiras do seu país, cembora em condições de pobreza e vulnerabilidade, para se manter-se vivos, ter a possibilidade de comer e ter acesso a artigos de primeira necessidade.

Nossas observações revelam que, ainda que desprovidos de dinheiro e de um projeto migratório muito bem definido, sem redes familiares ou de amizade ou com a redes apenas referidas no lugar de destino, as pessoas abandonam seu país, apenas com a esperança de sobreviver, seja para morar em um abrigo, na rua e achar um trabalho que possa suprir minimamente as necessidades básicas.

Essa “migração de sobrevivência” constitui o grande contexto da mobilidade associada à comercialização de combustível em Santa Elena de Uairén, na fronteira da Venezuela com o Brasil, facilitando, a sua vez, a compreensão das características definidoras do fluxo migratório interno que participa da comercialização de gasolina nesta fronteira e ainda mais a partir no período 2013-2018 que abarca nosso recorte de estudo. Ainda transversalmente o

⁶⁴ No início de ambas etapas migratórias observamos processos eleitorais como eventos prévios, imediatos à aceleração dos fluxos migratórios. Traz duas décadas de crise, a primeira onda migratória explodiu definitivamente após do sucesso da proposta bolivariana nas eleições em dezembro 1998 e sua consolidação como governo em 1999 (GUARDIA, 2008). Ao passo que, a segunda onda foi crescendo logo do sucesso de Maduro nos comícios de abril 2013 até explodir em 2017-2018. Em 2017, na Venezuela se realizaram três eleições consecutivas: *Asamblea Constituyente*, em 30 julho; eleições de governadores, em 15 outubro e de prefeitos, em 10 dezembro. Depois de maio de 2018, traz a reeleição de Maduro, na fronteira Venezuela-Brasil assistimos um inédito aumento do fluxo migratório. Enquanto, os fatores estruturais (sejam económicos, políticos ou sociais) constituem as causas profundas do fluxo, é conveniente refletir a importância dessas causas conjunturais (os processos eleitorais) quanto impulsoras da explosão definitiva das ondas que em cada tempo dispersam milhes de venezuelanos pelo mundo, apenas ante a inevitabilidade dos resultados eleitorais e suas consequências na vida das pessoas.

fator econômico continua determinando boa parte das urgências dos migrantes a necessidade de sobreviver vá muito mais além do bem-estar material, abrangendo as condições básicas que determinam a permanência da vida desde a alimentação, a saúde até a segurança.

Para uns e outros, para os que saem e os que ficam, a fronteira, tanto limitadamente aberta e transitável para as pessoas quanto limitadamente fechada para o comércio de matérias como a gasolina, transforma-se em oportunidade salvadora para quem escapam das limitações impostas pela precariedade da vida em seu país. Uma expressão mais da distância cada vez maior entre a globalidade e seus postulados dum mundo sem fronteiras e a realidade de um planeta, ainda mais de um subcontinente, como antigamente dividido (AUGE, 2010).

Capítulo 2

DO DEIXAR PASSAR AO AMO: UM SÉCULO DE EXPANSÃO E CONFLITO

El mundo del “entonces” (PIATO DAKTAI) era totalmente bueno, verdadero, real, arquetípico, como debería serlo para siempre. Pero, por desgracia nuestra, un día el mundo degenero, se degradó, se perdió la bondad originaria, y con él todos los seres, acontecimientos y realidades corrieron la misma suerte (GUTIÉRREZ, 2002, p. 10).

Neste capítulo contextualizaremos a migração associada à comercialização de combustível em Santa Elena de Uairén, na capital do município Gran Sabana, na fronteira da Venezuela com o Brasil, uma história que embora não sendo de um século é a chave para o entendimento de qualquer dinâmica acontecida no extremo amazônico do país sul-americano.

Santa Elena é a capital do município Gran Sabana, localizado no extremo sul da Venezuela (Figura 1). Configurado em 90% por *Áreas Bajo Régimen de Administración Especial* (ABRAES), seja por sua beleza paisagística ou importância ambiental (CORPORACION ELÉTRICA NACIONAL, 2008). Esse 90% de ABRAES coincide com o território do *Pueblo Indígena Pemón*⁶⁵, habitantes ancestrais do sudeste venezuelano.

Nesse decorrer, vamos aprofundar na compreensão do processo de fundação e desenvolvimento do povoado que constitui o recorte espacial desta pesquisa, a partir da análise da “fronteira” (interna) como frente de expansão da sociedade nacional sobre os territórios tradicionalmente ocupados por povos indígenas, portanto espaço de “conflitos” (MARTINS, 2012), em um processo de nova colonização pensado a partir da necessidade do Estado de impor sua presença e aproveitar os recursos do território que, embora ocupado, segue considerado como vazio (BECKER, 1990). Empregaremos as abordagens de outros autores (FARAGE, 1991; RODRIGUES, 2014, 2017; DE LA TORRE, 2013; SANTOS, 2018; SIMANCAS, 2001) que possibilitem a compreensão desse processo e suas dinâmicas.

⁶⁵ Santa Elena é principalmente não indígena, mas encontra-se rodeada por comunidades pemón, um povo de origem caribe habitante das terras altas da Guayana venezuelana. Os pemón são 30.148 pessoas (CENSO, 2011).



Figura 1: Santa Elena se encontra no extremo sudeste venezuelano a 15 quilômetros do Brasil.

Não sendo produto de um limite físico impenetrável, um marco como tal, esses territórios nos países com face Amazônica, como a Guayana venezuelana⁶⁶, de ocupação indígena e abundantes recursos naturais e só aparentemente vazios, continuam significando áreas de desenvolvimento para os estados nacionais, lugares onde, aparentemente, “a ordem econômica e social da nação deve ainda ser implantada”. (RODRIGUES, 2006, p. 198).

A fundação e desenvolvimento de SEU respondem à lógica já utilizada mais cedo pelos colonizadores e seus governos em outros territórios da região Amazônica. Primeiro, chegaram os missionários, seguidos dos militares, logo os garimpeiros, e, depois da instalação da sociedade nacional, suas precárias infraestruturas de serviços e instituições, a população corriqueira, a proliferação de uma economia extrativa subterrânea,⁶⁷ caótica, informal e devastadora, o preparo em caminho para as grandes mineradoras concebidas como a ordem necessária para o benefício de Estado e sociedade.

Farage (1991) sintetiza muito bem a história da ocupação da Amazônia, quando diz que os colonizadores recorreram à influência missionária sobre os povos indígenas para utilizá-los como muralhas humanas na proteção do território conquistado e garantindo, assim, as condições para que os Estados nacionais estabelecessem logo postos militares de defesa. Já Rodrigues (2017) da conta dessa ocupação dos territórios indígenas quando analisa que nesses mesmos lugares se desenvolveram, até hoje, zonas de garimpagem⁶⁸ e mineração.

Neste Capítulo 2, fazemos um andamento pelo primeiro século de história deste povoado crioulo que surgiu como marco fronteiro vivo, a partir da chegada dos primeiros funcionários da *Policía de Fronteira* e dos Missionários Capuchinos, para depois se desenvolver como receptor dos pequenos garimpeiros e provedores de vários gêneros; já formalmente, quanto lugar de operações dos corpos militares, serve de cenário da chamada *Conquista del Sur*⁶⁹ e acolher na década de 1990, os pequenos e meios empresários do turismo. Posteriormente, converter-se no centro de apoio para o *Programa para el Desarrollo del Sur* (Prodesur).

⁶⁶ A região Guayana venezuelana está conformada pelos estados Bolívar, Amazonas e Delta Amacuro.

⁶⁷ A economia subterrânea é a produção de bens ou serviços não registrados juridicamente, que não pagam impostos, nem registram seus empregados ante as instituições do Estado (BASTOS; SILVA, 1995, p. 37 apud RODRIGUES, 2017, p. 77).

⁶⁸ Rodrigues (2017, p. 90) refere-se à garimpagem como à atividade de exploração que não é conhecida nem reconhecida oficialmente, sem organização e sem declarar seus benefícios. Na Gran Sabana toda a extração e venda de ouro e diamante realiza-se na forma da garimpagem. Sendo dois os destinos desse produto: o comércio transfronteiriço e os garimpos.

⁶⁹ CODESUR contemplada no *IV Plan de la Nación 1970-1974* tinha por objetivo afirmar a soberania nacional sobre o território a través de instalações aeroportuárias e fluviais, estradas, desenvolvimento de povoados, escolas e centros de saúde. Fonte: COPPENS, Walter. *La conquista del Sur: ¿Ocaso de los índios amazónicos?* Gumilla, Caracas, set-out. 1971. Seção Biblioteca. Disponível em: <http://gumilla.org/biblioteca/bases/biblo/texto/SIC1971338_382-383.pdf>. Acesso: 4 jan. 2017.

Atualmente, Santa Elena é lugar das diversas economias subterrâneas vinculadas a garimpagem, entre elas, e muito especialmente, a comercialização de combustível. Santa Elena é o destino e o trânsito do mais recente deslocamento da área de garimpagem no contexto do lançamento do plano *Arco Minero del Orinoco* (AMO)⁷⁰, além lugar de passagem do fluxo migratório que experimenta o país. Nesse sentido, Santa Elena surge quanto lugar privilegiado de observação sociológica (MARTINS, 2012).

Santa Elena é, a nosso entender, o novo Eldorado venezuelano, ainda que em tempos de crise, à medida que acompanha a representação de um sonho de riqueza, prosperidade, terras vazias a serem ocupadas, trabalho, oportunidades, enfim, boas novas⁷¹.

Nesse espaço transfronteiriço confrontam-se visões e interesses diferentes e até opostos, cada um deles em função de alguma das várias fronteiras que aqui coexistem e acrescentam-se: a internacional, étnica-cultural, econômica, ecológica. A disputa sem fim constitui o elemento propulsor das constantes transformações deste espaço, passando pelo conflito ou ainda mais pelo caos como dinâmica de transformação desordenada.

Essa visão do “conflito”, portanto definidora da origem e, ao mesmo tempo, presente de Santa Elena de Uairén é precisamente discutida por Valero (2009 apud 2010, p. 200):

Esta pequeña ciudad fronteriza emerge en la segunda década del siglo pasado como producto de la avanzada aventureira de exploradores que penetraron la Gran Sabana con diversos intereses, algunos formaron parte de las misiones evangelizadoras, otros arribaron atraídos por la explotación de minerales auríferos y diamantíferos que dejaron sus secuelas en disputas y conflictos por el control del territorio acentuado en esta década del siglo veintiuno.

Nesse trajeto, de quase um século, descrevemos fundamentalmente aquelas intervenções do Estado venezuelano na fronteira da Venezuela com Brasil, a partir de projetos de desenvolvimentos, obras pontuais de certa envergadura e ações institucionais, especificamente na face venezuelana do lugar chamado por Rodrigues (2014) de “lugar Guayana”, para se referir ao encontro dos municípios limítrofes de Pacaraima e Gran Sabana, Santa Elena, nos estados de Roraima, Brasil e de Bolívar, Venezuela. Lugar de transição das formações socioculturais e territoriais tanto da Venezuela quanto do Brasil, um espaço diverso onde coexistem múltiplas sociedades falantes de diversas línguas e praticantes de diferentes modos de vida que, no cotidiano, levam ao deslocamento físico, cultural, subjetivo.

⁷⁰ Para conhecer dados do decreto de criação do AMO, revisar nota de rodapé número 13. A través desse decreto el Ejecutivo Nacional criou a *Zona de Desarrollo Estratégico Nacional Arco Minero del Orinoco*, sobre 111 846, 70 kilómetros cuadrados da Guayana venezolana.

⁷¹ Extraímos essas motivações para viajar a Santa Elena de Uairén de nosso estudo de campo no intuito de perfilar a migração associada a comercialização de combustível.

2.1 SEU: De quartel fronteiro e missão a centro de fornecimento da garimpagem

A fundação de Santa Elena de Uairén como povoado não indígena registrou-se na segunda década do século XX. Não obstante, até esse momento na zona já havia uma série de moradias indígenas dispersas sobre e ao redor do Monte *Akurimá*, de acordo com as anotações dos Missionários Capuchinos que chegaram até a fronteira, inicialmente, motivados pela possibilidade de evangelizar os habitantes daquelas terras distantes com a boa aprovação do governo venezuelano desejoso de tomar posse desses espaços (GUTIÉRREZ, 2004, v.1).

O isolamento da fronteira venezuelana em relação ao resto do país devia-se, principalmente, a distância e seu difícil acesso. As recopilações dos relatos dos missionários religiosos (DE LA TORRE, 2013; GURIÉRREZ, 2004, v.1) dão conta do complexo que resultava chegar de cavalo desde Tumeremo a El Dorado⁷², navegar e caminhar pelo mato até subir La Escalera, os degraus feitos de cipó na intrincada e pendente serra que separa as terras baixas da Guayana da planície que constitui a Gran Sabana, depois atravessar as savanas inundadas, rios caudalosos como *Yuruaní*, *Mapaurí* e *Kukenán* e finalmente chegar ao limite da Venezuela junto o Brasil nas cercanias de *Akurimá*.

Lucas Fernández P.⁷³, segundo sua filha Luisa Fernández, chegou pela primeira vez ao lugar em 1921. Nessa primeira incursão só contato aos povos da região -pemón-, mas, quando retornou, anos mais tarde, achou a bandeira inglesa e os indígenas falando inglês pelo contato com os adventistas.

Segundo a narrativa da filha, Lucas Fernández Peña desalojou os estrangeiros sem necessidade de um disparo (MORILLO, 2007). Mas surgiu, assim, um primeiro episódio de disputa entre os pioneiros, laicos e seculares, de bandeiras diferentes, pelo domínio do território já ocupado e empregado pelos indígenas, mas, ainda, considerado vazio e, portanto, susceptível de ser tomado pelo Estado quanto garantia da sua posse efetiva e de seu oportuno aproveitamento. Nesse processo, já o Estado venezuelano imaginava, na porção amazônica, sua importância geopolítica e reserva de recursos.

A maneira de estratégia à presença dos ingleses, a fundação de Santa Elena como sede da Inspectoría de Frontera da Venezuela, na sua fronteira com Brasil registrou-se em

⁷² El Dorado, no município Sifontes do estado de Bolívar, era o último povoado conhecido a princípio do século XX no sul profundo venezuelano. Pela Troncal 10, a estrada atual, o povoado de El Dorado encontra-se a 317.4 quilômetros de Santa Elena de Uairén.

⁷³ Lucas Fernández P. Foi o primeiro povoador não indígena ou crioulo desta zona. Por isso, entre os povoadores de Santa Elena de Uairén, é conhecido como o fundador deste povoado fronteiro.

novembro de 1930. O presidente da República de Venezuela era Juan Vicente Gómez⁷⁴. Seu primeiro inspetor foi o general Daniel Montes De Oca, tendo como sua equipe: Lucas Fernández Peña, quem já estava estabelecido perto da fronteira há alguns anos e Juan Rodríguez (GUTIÉRREZ, 2004, v.1). Já nesse momento, o pessoal valeu-se do novo povoado como “ponto de apoio” das tarefas de inspeção fronteiriça recém empreendidas, ou seja, como tática do governo de Gómez para deter o avanço estrangeiro protagonizado pelos missionários (adventistas e beneditinos) provenientes das vizinhas hoje repúblicas da Guiana e Brasil.

Conseqüentemente, um ano depois, em 1931, registrou-se a fundação do centro de evangelização dos Missionários Capuchinos mediante acordo com o *Ministerio de Relaciones Exteriores* da Venezuela (DE LA TORRE, 2013). Passaram a associar-se as incipientes tarefas de inspeção fronteiriça e as de evangelização dos povoadores indígenas da ampla e emaranhada região do sudeste da Venezuela, mediante as primeiras instituições laicas e seculares em uma etapa inicial de colonização do Estado sobre seu território em risco.

Assim, embora seja admitida a presença prévia dos indígenas pemón, enquanto os povoadores do Monte *Akurimá* e as atividades prévias tanto dos adventistas da Guiana Inglesa quanto dos beneditinos do Brasil, a história oficial contada pela Igreja Católica destaca a participação dessa organização, junto com povoadores indígenas e não indígenas, na fundação desse povoado. Nessa linha de pensamento, de acordo com De La Torre (2013), a diferença entre os capuchinos e aqueles outros religiosos encontrados neste lugar foram que os católicos chegaram com a determinação de estabelecer e, igualmente, os funcionários a cargo da Inspectoría de Frontera, além de mudar de forma definitiva e considerável aquela realidade existente. Desse jeito, seriam os Capuchinos os fundadores do povoado crioulo, os pioneiros dentro de uma primeira etapa da “frente de expansão” nacional sobre o sudeste da nação. Segundo De La Torre (2013, p. 63):

Fundar supone ser el punto de apoyo para que una realidad sea cambiada substancialmente. Ciertamente, con la llegada de los Misioneros Franciscanos-Capuchinos em 1931 al Cerro Akurimá comienzan las transformaciones de esta población. Se inicia la educación sistemática, la atención médica, el progreso agropecuario, con nuevas técnicas de siembra y cuidado del ganado, el anuncio del evangelio y la administración de los sacramentos de manera permanente. Los misioneros católicos, colocaron las bases de esta noble ciudad, Santa Elena de Uairén, hoy capital del Municipio Autónomo Gran Sabana, por lo cual bien pueden ser considerados “fundadores” de la misma, junto con los indígenas pemones -

⁷⁴ Juan Vicente Gómez foi militar e político, exerceu a Presidência da Venezuela no período 1908-1935. Primeiro temporariamente (1908), depois constitucionalmente (1910-1913) y finalmente de fato (1914-1935) (PAEZ,1983, p. 102).

pisatarios originarios del lugar- y los primeros criollos llegados a este rincón del país.

Na verdade, sobre o Monte *Akurimá* e suas adjacências já se encontravam famílias indígenas dispersas, missionários brasileiros da Ordem dos Beneditinos e guianeses da Igreja Adventista, além de Lucas Fernández Peña enquanto polícia da Inspección de Frontera. Independentemente dos interesses de cada um deles, todos participaram nas dinâmicas que consolidaram Santa Elena desde aquele primeiro conflito fundacional, do estabelecimento do povoado como marco e quartel fronteiriço e seu desenvolvimento como incipiente “ponto de apoio” para as novas atividades institucionais, sociais e produtivas no longínquo sudeste venezuelano. Na fronteira, o conflito dinamizava a gestação de uma nova realidade.

Igualmente, a descrição do vocábulo *Akurimá* de Armellada e Gutiérrez (2007, p. 8) sugere que o monte foi motivo de conflito: diz que primeiro alojou uma capela, dedicada a São Salvador, pelos beneditinos do Brasil, posteriormente, os adventistas ingleses e, entre 1936-1941, funcionaram as instalações da *Policía de Frontera*, destruída por um incêndio.

Nesta fronteira, há ainda hoje, o fogo é um recurso de agressão, especialmente para os indígenas e mesmo para os crioulos. Os cronistas definiram aos indígenas do lugar como pemón; enquanto a seus predecessores na tarefa de evangelização, disseram que o primeiro beneditino brasileiro em atingir a zona de Akurimá foi Dom Odilón Hammer, em 1923, e em sua casa se alojou, em 1929, o adventista A.W. Cott com sua família.

Também relataram do encontro com Lucas Fernández e a polícia de fronteira, que se instalou perto do Monte *Manak* - atual comunidade pemón de *Manak Krú* - com sua mulher e seus quatro primeiros filhos e que próximo de Lucas Fernández vivia Juan Rodríguez que também se desempenhava como funcionário da *Inspección de Frontera*. Seguindo as sugestões dos primeiros a chegar, o Centro dos Capuchinos igualmente edificou-se nas proximidades do *Manak*, onde hoje ainda se encontra o *Vicariato Apostólico del Caroní*.

Com a chegada dos capuchinos, eles encontraram uma economia de subsistência: cada família indígena tinha não mais de uma dúzia de reses e um plantio familiar em uma clareira de bosque.

De La Torre (2013) relata que, em 1936, se criou o *Grupo Azules de la Gran Sabana* com a finalidade de defender a fronteira e expulsar os ingleses. Seu sucesso inspiraria a criação da *Guardia Nacional* (GN), em 1937, pelo presidente Eleazar López Contreras⁷⁵. Nasceu assim a organização que desde esse momento atende a segurança e defesa nas fronteiras internacionais venezuelanas. Pouco depois, a GN chegou a Santa Elena

⁷⁵ Eleazar López C. militar e político, presidente constitucional da Venezuela 1936-1941 (PÁEZ, 1983, p. 140).

estabelecendo-se na trilha que unia a maioria dos locais das instituições e vivendas familiares existentes até esse momento: o Centro dos Capuchinos, a casas de Lucas Fernández e Juan Rodriguez e as primeiras casas indígenas não dispersas, aquelas que pouco a pouco foram dando passo à aldeia indígena de *Manak kru*, hoje praticamente conectada com a localidade de Santa Elena só por uma rua.

Alem disso, os Fernández e Rodríguez, as primeiras famílias não indígenas estabelecidas foram as de origem brasileira como as de Júlio Cipriani e Raimundo Roque e, mais tarde, os venezuelanos Dimas Arredondo e José Antônio Odremán, que abriu uma pousada e restaurante perto de onde hoje se encontra a *Plaza Bolívar*, em Santa Elena. Assim, já em 1950 se contabilizaram 30 famílias não indígenas na localidade.

Posteriormente, iniciou-se a migração de garimpeiros e comerciantes desde as localidades do sul venezuelano, principalmente desde Tumeremo através da Pedra da Virgen (não pela Escalera de Serra de Lema) para Santa Elena de Uairén e já em pouco tempo se estabeleceram lojas de abastecimento e compra (ou troca) de ouro e diamante.

De La Torre (2013, p. 104) fez referência a uma testemunha do sacerdote Nicolás de Cármenes. Segundo o sacerdote, Fernández Peña tinha certa quantia de diamantes apanhados na zona de *Quimô* (Brasil) e *Kevei* (Venezuela), perto da fronteira venezuelana com o Brasil e foi ele (Fernández Peña) quem começaria a prática da garimpagem do ouro na zona do rio *Surukún* junto a outros não indígenas, entre eles o brasileiro Júlio Cipriani. Nas nascentes do *Surukún* foi aberta depois uma zona de garimpagem conhecida como El Polaco.

Os nomes dos primeiros lugares de garimpagem e mineração abertos ao redor de Santa Elena expressam o imaginário dos desbravadores: *Salva Patria*, *La Esperanza*, *La Faisca*. Alguns deles como concessões do governo que formalizou assim seu interesse na atividade através dos militares ativos ou aposentados e de alguns crioulos designados quanto funcionários civis. De novo segundo De La Torre (2013), El Polaco foi aberto em 1935 pelo general Sixto Gil. Daí procede o diamante Libertador ou Barrabás (155 quilates) conhecido como um dos maiores encontrados no garimpo da região.

Em 1942 chegaram desde Tumeremo⁷⁶ um grupo de 60 pessoas, incluindo oito mulheres. A expedição foi conduzida por Rafael Yépez e o coronel (inativo) Cristóbal Méndez a pé e de cavalo desde Tumeremo porque o preço do voo desde lá resultava muito elevado e a saída demorada. Entre eles viajava Guillermo F. Sáez, conhecido pelo tempo que

⁷⁶ Atualmente a distância entre este Tumeremo e Santa Elena de Uairén (pela Troncal 10) é de 377, 5 quilómetros.

exerceu o mandato de prefeito de SEU. O grupo de migrantes, liderado pelo militar, viajou com o objetivo de incursionar na garimpagem (DE LA TORRE, 2013, p. 95).

Já no ano de 1947, um grupo de garimpeiros fez o trajeto do Rio Ikabarú achando material mineral. Eles fundaram o povoado de Ikabarú que hoje é o principal da zona da garimpagem de município, a 114 quilômetros ao sul de Santa Elena.

As datas e a consolidação da garimpagem, nas imediações de Santa Elena, como povoado de atração migratória, coincidem com a história da garimpagem e mineração no norte brasileiro. Segundo Rodrigues (2017, p. 21), os garimpos no atual estado de Roraima, no Brasil, só exerceram atração populacional em meados da década de 1930, com a descoberta de diamantes na zona da Serra de Tepequem, assumindo grande importância na economia do então Território do Rio Branco já na década de 1940.

Tepequem e Ikabarú (ao norte do Brasil e ao sul da Venezuela) são povoados vizinhos, ainda conectados por trilhas a pé, pouco conhecidas e transitadas, que nasceram na mesma década devido um mesmo interesse: a garimpagem de diamantes e posteriormente de ouro.

Na década do 1940, iniciou-se um movimento comercial entre Boa Vista e Santa Elena de Uairén em carros de bois que levavam até 37 dias para fazer o percurso (RODRIGUES, 2014, p. 55). Esse comércio é também descrito pelos Missionários Capuchinos - Franciscanos como fonte de produtos de consumo básico para os primeiros povoadores não indígenas de SEU (GUTIERREZ, 2004, v. 1; DE LA TORRE, 2013) e fortaleceu a função desta cidade fronteiriça enquanto “ponto de abastecimento” para a região, tendo como seus clientes, fundamentalmente, os militares que moravam no lugar, os garimpeiros e suas famílias.

A corretagem ao tempo que aumentou o abastecimento de gêneros em Santa Elena constituiu-o num atrativo adicional para os migrantes do sul venezuelano e do norte brasileiro. Eles encontraram em em Santa Elena de Uairén a possibilidade de se estabelecer em uma área bem-sucedida pelas demandas constantes da economia da garimpagem.

Assistimos até aqui um primeiro tempo de avanço da fronteira, a chegada dos missionários, pessoal policial e militar seguidos dos garimpeiros, quanto “frente de expansão” da sociedade nacional sobre os territórios indígenas, chamada assim pelo modo como essa sociedade se autodefinia quanto à civilização, se expande através de novos povoadores que facilitam a expansão do capital, seja privado, seja público (MARTINS, 2012, p. 09).

Para avançar, os pioneiros dessa “frente de expansão” valeram-se das suas condições materiais, de seus relacionamentos pessoais e institucionais e do pessoal a seu serviço. Foram esses fatores o motor das riquezas buscadas, mesmo com a possibilidade de chegar,

permanecer no lugar e, ainda mais, permanecer com sucesso. Em palavras de Martins (2012, p. 137), a expansão de fronteira pode ser descrita da forma seguinte:

Essa expansão é essencialmente expansão de uma rede de trocas e de comércio, de que quase sempre o dinheiro está ausente, sendo mera referência nominal arbitrada por quem tem o poder pessoal e o controle dos recursos materiais na sua relação com os que explora, índios e camponeses. O mercado opera, a través dos comerciantes dos povoados, com critérios monopolistas, mediados quase sempre por violentas relações de dominação pessoal, tanto na comercialização dos produtos quanto nas relações de trabalho (sendo aí características a peonagem ou escravidão por dívida). Portanto, muito longe do que tanto Marx quanto Weber poderiam definir como capitalista.

2.2 A Conquista del Sur: a chegada das vias, mais instituições e novos migrantes

A ocupação e controle do extremo sudeste venezuelano se acelerou novamente a princípios da década de 1970, com a criação do *Consejo Nacional de Fronteras* (CNF), vinculada à *Dirección de Fronteras del Ministerio de Relaciones Exteriores* e por sua vez vinculada *Presidencia de la República*, ocupada nesse período por Rafael Caldera⁷⁷. A implementação da *Comisión para el Desarrollo del Sur* (CODESUR), projeto melhor conhecido como a *Conquista del Sur*, foi um programa governamental que incluiu a abertura da estrada de terra desde El Dorado a Santa Elena de Uairén, entre os anos 1972-1973.

Nesse segundo momento, o Estado impulsionou em primeiro “eixo de integração espacial” (BECKER, 1990) com a finalidade de conectar aquele suposto espaço vazio com as zonas já desenvolvidas e mais densamente povoadas, onde a sociedade nacional tem suas sedes de governo, indústria e comércio em uma estratégia já implementada em outras regiões amazônicas facilitando, as condições para reafirmar sua presença e desenvolvimento na área.

Como previsto, a nova via incrementou a chegada de mais pessoas com a finalidade de trabalhar no garimpo ou de morar na zona para abrir lojas de gêneros diversos e participar da troca de bens por ouro ou diamantes. Assim, os garimpos aumentaram e aqueles comerciantes recém-chegados que se incorporaram as incipientes redes comerciais já existentes, mediante a troca e, só eventualmente, a compra de materiais preciosos e venda de alimentos, roupa, utensílios domésticos para a garimpagem em locais comerciais no centro do principal povoado da zona, Santa Elena de Uairén.

⁷⁷ Rafael Caldera foi advogado e fundador do *Partido Social Cristiano Copei*, ocupou a *Presidencia da Venezuela* pela primeira vez em 1969-1974 e depois no período 1994-1999.

Em junho de 1972 foi nomeado o sacerdote Diego J. de Valdearenas como presidente do Centro Missionário de Santa Elena e membro principal da *Junta Municipal*. Gutiérrez (2004, v.1, p.193) destacou a fusão da autoridade religiosa e política na comunidade da Gran Sabana. Essa nova fusão surgiu como uma versão formal daquela aliança inicial que deu lugar à fundação do povoado não indígena, finalmente chamado de Santa Elena de Uairén, a partir da convivência entre os primeiros funcionários da *Policía de Frontera* e dos Missionários Capuchinos, quanto dupla representante da sociedade nacional.

No ano 1973, já com a via aberta, chegou a Santa Elena um primeiro grupo do *Ejército Nacional* e abriu-se a primeira gasolinera da *Corporación Venezolana de Petróleo* (CVP) administrada pela família Llavaneras⁷⁸ até inícios do século XXI quando passou para as mãos do Estado sendo chamada de PDV-Mapaurí. No mesmo ano, 1973, foi inaugurado o *Aeropuerto de Santa Elena* no começo da via que conecta com o povoado de Ikabarú, em substituição do *Aeropuerto de Akurimá*, lugar no qual foi outorgado à construção de vivendas. Pouco depois, promulgou-se a lei contentiva da visão de fronteiras do Estado venezuelano: a *Ley Orgánica de Seguridad y Defensa* (1976) e, por consequência, posteriormente produz-se a criação do *Consejo Nacional de Seguridad y Defensa*.

Naquele mesmo ano, chegaram também algumas famílias novas não indígenas, nem mesmo garimpeiros, procurando tranquilidade e a possibilidade de desempenhar atividades diversas, evidenciando-se uma nova fase de avanço da “frente demográfica” (MARTINS, 2012) na região. Alguns deles assentaram-se em Santa Elena e outros na zona do Paraitepui e El Paují, uma comunidade mista, de indígenas e não indígenas, fundada a partir do acampamento do *Ministerio de Obras Públicas* (MOP) que abriu a estrada Santa Elena-Ikabarú. Durante anos, eles desenvolveram modos de vida alternativos, opostos à garimpagem e seus efeitos sócios ambientais. Impulsionaram o turismo, a apicultura, a agricultura orgânica de subsistência. Mas a partir de 2013, por conta da queda do turismo, muitos deles passaram a praticar a garimpagem ou outras atividades conexas como o comércio de gêneros e licores.

Em 1983, Santa Elena passou a ser parte do município Urdaneta do Distrito Sifontes do estado Bolívar; logo, já em 1990, a Gran Sabana passou a ser município autônomo e Santa Elena sua capital. Não obstante, a entrada da Gran Sabana quanto municipalidade não acarretou à declaração dos terrenos sob sua administração, deixando aberta sua consideração quanto espaços vazios, mais ainda baldios e susceptíveis de ocupação anárquica.

⁷⁸ Já retirado, o coronel Eduardo Llavaneras chegou à fronteira na frente do *Batallón Juan Manuel Cajigal* que construiu a primeira via desde El Dorado até Santa Elena de Uairén e fez a *Plaza Bolívar* da localidade.

Além disso, da figura do prefeito, pela distância entre o município Gran Sabana e a sede da *Gobernación de Bolívar*, Ciudad Bolívar, o município sempre teve um comissionado do governador. A partir de 2018, esse funcionário é chamado de protetor⁷⁹.

Essa foi a razão pela qual o poder militar estabelecido na zona exerceu eventualmente as funções próprias do poder civil, De La Torre (2013, p. 33) analisou uma vez mais o fator distância quanto o principal argumento desse solapamento de funções diversas: “Anteriormente, aunque existia formalmente un poder civil en el territorio de la Gran Sabana y debido a la distancia entre estos territorios y la cabeza del Distrito, el poder era ejercido por el comandante da Guardia Nacional”. Esta é uma prática que ainda persiste nesta fronteira, transformando-se numa tradição, apesar das mudanças político administrativas e territoriais, incluindo o processo de descentralização da administração pública, das melhorias realizadas nas vias de transporte e modernização dos sistemas de comunicações.

Em 1984, o CNF passou a ser permanente, com maior quantidade de funções e dependente da *Secretaria da Presidencia de la República*, ocupada no momento por Jaime Lusinchi,⁸⁰ incrementando suas possibilidades de penetração e de serviços nesta fronteira.

Assim, em 1985, a multinacional da origem estadunidense Texaco abriu a segunda estação de serviço local, localizada a 200 metros do primeiro posto de combustível. Nos princípios da década do 2000, esse posto de combustível também sobreveio a mãos do Estado venezuelano passando a ser chamada de PDV-Kukenán⁸¹.

Em 1990, culminado o asfaltado da Troncal 10⁸², começou a consolidar-se o turismo que até esse momento dependia dos escassos e caros voos desde Caracas até os povoados de Santa Elena e El Paují⁸³ e iniciou-se uma década de diversificação da economia a partir do estabelecimento de pousadas, hotéis, restaurantes, operadoras de turismo de aventura e da declaração do setor Oriental do Parque Nacional Canaima⁸⁴, melhor conhecido como Gran Sabana, utilizando, também, Santa Elena como “ponto de abastecimento” e base operativa.

⁷⁹ A figura do protetor surge quanto estratégia de intervenção do Executivo Nacional presidido por Nicolás Maduro nas jurisdições controladas por partidos políticos opostos, portanto não deriva de eleição popular.

⁸⁰ Jaime Lusinchi foi médico e líder do *Partido Acción democrática* (AD), ocupou a *Presidencia de la República de Venezuela* no período 1984-1989.

⁸¹ A pouco de iniciar seu primeiro governo, Chávez reverteu a chamada abertura petroleira, as alianças de internacionais de exploração e comercialização dessa indústria impulsadas pelo governo anterior. Nesse processo, os postos passaram das mãos das transnacionais a mãos da empresa estatal PDVSA.

⁸² Inicialmente, quanto Troncal 10 nomeou-se a estrada que levava desde El Dorado até Santa Elena de Uairén. Por isso, ainda hoje as cercanias do Dorado são conhecidas como Kilómetro 0. Posteriormente, chamou-se assim a via toda que conecta desde Ciudad Bolívar, capital do estado de Bolívar, a SEU, na fronteira com o Brasil.

⁸³ Hoje é fundamentalmente uma comunidade indígena e garimpeira.

⁸⁴ VENEZUELA. Decreto N° 1.640, em 05 de junho 1.991. Aprova a criação do Sector Oriental del Parque Nacional Canaima. Gaceta Oficial N° 34.758, em 18 de julho 1.991.

A abertura e asfaltado da Troncal 10 facilitou a chegada à Gran Sabana que até esse momento permanecia naturalmente amuralhada pela impenetrável Serra de Lema, pelos leitos dos rios, os buritizais e outros lugares de inundação perpétua. Esse “eixo de integração espacial” disponibilizou a condição básica para o avanço da fronteira nessa última década do século XX. Pois cada vez mais pessoas poderiam seguir essa rota, incrementando a demanda de mais serviços, infraestruturas e instituições.

De La Torre (2013, p. 34) analisou que, inicialmente, o município Gran Sabana dispunha de poucos recursos econômicos devido a sua escassa população e mínima arrecadação de impostos. Essa condição financeira e a necessidade de incrementar sua base eleitoral teriam levado os prefeitos (enquanto chefes do poder executivo municipal) a promover ou permitir a proliferação das ocupações massivas de terrenos a partir do ano 1994 de forma não planejada⁸⁵.

Por volta de 1998, se consolidou a chamada *Invasión*, uma ocupação de barracas que deu origem a dois grandes bairros de população não indígena, nomeados como *Kewei I e II*.

Deste segundo período da “frente de expansão” da sociedade nacional sobre o sudeste da Venezuela destacam dentro da visão da *Conquista del Sur* a chegada da rodovia, dos postos de venda de combustível, do negócio do turismo de aventura, das instituições correspondentes à recente divisão político-territorial. Numa evidente aceleração do processo de avanço iniciado décadas atrás com a instalação das instituições religiosas, laicas e militares sobre espaços percebidos como vazios a despeito da antiga presença indígena e as disputas entre os crescentes e variados interesses envolvidos.

Assim, pela Troncal 10 não só chegou o turismo, como também as chamadas invasões, ocupações sem permissão de terras com o propósito de levantar vivendas nos antigos buritizais ao redor das nascentes de água que drenam no rio *Uairén*.

Dessa maneira, a “linha de povoamento” antecedeu a efetiva ocupação econômica do território (MARTINS, 2012); no processo da “frente de expansão”, embora os pioneiros e seu poder foram os possuidores das condições para chegar e disputar os territórios de ancestral ocupação indígena, foram as populações pobres, rotineiras, não indígenas, garimpeiros, pequenos agricultores, entre outros os chamados ao povoamento do território recém conquistado pela sociedade nacional. Foram eles os primeiros que chegaram em massa as

⁸⁵ Assim, enquanto internacionalmente os migrantes são descartados quanto sujeitos não votantes, por enquanto fora do exercício da expressão política, nacionalmente os migrantes (internos), ainda aqueles deslocados pela força da violência, da fome, dos planos de desenvolvimento ou outros fatores, viram em votantes a vontade dos atores políticos com interesses em utilizar esse fluxo de despossuídos a seu favor.

terras aparentemente vazias nas adjacências de Santa Elena, conectados por redes familiares ou de amizade, a promessa de terras e a ilusão da fortuna vinculada a esta região.

2.3 PRODESUR: uma era de integração energética e comercial

No seu segundo governo, Rafael Caldera⁸⁶ reativou-se o CNF e impulsionou uma nova proposta de desenvolvimento para o sul da Venezuela, a chamada PRODESUR. De acordo Simancas (2001), três aspetos o sustentavam: desenvolvimento, segurança e integração.

O objetivo da PRODESUR era promover o desenvolvimento harmonioso e sustentável dos territórios de menos desenvolvimento nos estados Amazonas, Apure, Amacuro e Bolívar.

A partir de dezembro de 1998, Santa Elena de Uairén foi declarada Porto Livre⁸⁷ e desde finais do século XX diversificaram-se e incrementaram-se os comércios nesta povoação fronteiriça. Especialmente, se incrementou a chegada de comerciantes de origem sírio, libanês e de chineses. Os primeiros abriram lojas de tecnologia, padarias e eletrodomésticos e os segundos grandes estabelecimentos de gêneros não perecíveis.

PRODESUR inclui-o entre outras coisas a construção da linha de interconexão elétrica Venezuela-Brasil com o intuito de levar a energia desde a Central Hidroeléctrica Simón Bolívar ou Guri, em Ciudad Guayana, passando pela Gran Sabana até a cidade de SEU cujo fornecimento eléctrico dependia de uma planta de diesel, além de levar energia eléctrica para as cidades de Pacaraima e Boa Vista, uma obra e um “conflito” conhecidos como *tendido eléctrico*.

Aquela obra, composta de enormes torres metálicas de alta tensão, provocou expressões de repúdio tanto entre os indígenas quanto entre os ambientalistas em nível local, nacional e internacional. É esse, “conflito” sócio ambiental, um dos traços mais comuns da concepção de “fronteira” enquanto a fim e começo dos territórios que se transformam uma e outra vez, em uma disputa entre grupos pela definição da linha que separa cultura e natureza, o homem e sua criação do simplesmente animal (MARTINS, 2012, p.10).

Travou-se um novo processo conflitivo entre os interesses e ações dos “nós”, o governo venezuelano e boa parte dos desbravadores não indígenas, além do governo brasileiro e os interesses e ações dos “outros”, também chamados de “vítimas”, os indígenas e seus

⁸⁶ Rafael Caldera foi presidente constitucional da Venezuela em duas oportunidades. A primeira pelo partido Social Cristiano Copei. Seu segundo governo aconteceu no período 1994-1999 com apoio duma aliança de partidos.

⁸⁷ VENEZUELA, Decreto N° 3.112. Creación del Puerto Libre de Santa Elena de Uairén. Gaceta Oficial N° 5.288. Em 16 dezembro de 1998.

aliados ambientalistas. Alguns grupos pemón tornaram-se expertos derrubadores das torres da linha de interconexão colocadas nas terras ocupadas por eles desde tempos distantes, burlando inclusive a vigilância militar, embora numerosa, treinada e armada. Com tudo, em 2001, o sistema de interconexão elétrico foi inaugurado pelos presidentes Hugo Chávez Frias, da Venezuela e Fernando Henrique Cardoso, do Brasil.

Neste período, sancionaram-se também a CRBV e a *Ley Orgánicas de Pueblos y Comunidades Indígenas* (LOPCI)⁸⁸, contentivas dos mandatos legais porquanto os direitos das populações originárias, incluindo seus direitos a ocupar e administrar seus territórios.

Depois do *Paro Petrolero* do ano 2002 e nos inícios da comercialização de combustível, os postos de gasolina em nível nacional passaram para as mãos de PDVSA, sendo administrados por funcionários públicos. Em Santa Elena, as duas estações caíram em custódia das *Fuerza Armadas Nacional Bolivariana* (FANB), seja a GNB ou ENB. No cenário do conflito, nesse momento da incipiente comercialização de combustível, a fronteira iniciou a perda de parte da sua construção social até esse momento, portanto lugar de integração social, cultural e econômica para fortalecer-se em sua dimensão político - militar que o qualifica como “zona de seguridade nacional” (GONZALEZ, 2015) entretanto será objeto dum tratamento especial.

Posteriormente, a Aduana Ecológica de Santa Elena de Uairén foi inaugurada em 2004, sobre a divisa Venezuela-Brasil, no objetivo primário de regular a passagem de mercadorias e matéria-prima de impacto ambiental e de aproveitar as contribuições recolhidas em benefício do ambiente. Na mesma linha fronteira, inaugurou-se a Estación de Servicio Internacional em um acordo entre os dois governos para levar combustível venezuelano, mais barato até a fronteira quanto estratégia para deter sua comercialização ilegal.

Entre 2006-2008, foi renovado o aeroporto, com uma nova pista e salas para várias líneas aéreas, lojas e um banco. Finalmente, o *Aeropuerto Internacional de Santa Elena de Uairén* foi reinaugurado em 2009. Embora essa classificação de internacional, em 2018 só recebia e emitia pequenos e caros voos privados com rotas entre SEU e aldeias pemón de acesso aéreo, especialmente aldeias cuja principal atividade econômica era na atualidade, na Venezuela da crise, a garimpagem de ouro e diamante e onde só os indígenas podiam garimpar, sendo cada vez mais frequente a presença de homens não indígenas que,

⁸⁸ VENEZUELA: Constitución de la República Bolivariana de Venezuela. *Gaceta Oficial Extraordinaria* Nº 5.453. Em: 24 de mar. 2000; Ley de Pueblos y Comunidades Indígenas. *Gaceta Oficial* No. 38.344. Em: 27 de dez. 2005.

aproveitando laços matrimônios, estabelecem-se nessas zonas distantes com a finalidade de trocar produtos básicos por ouro.

Chávez também sancionou a chamada *Ley del Oro*⁸⁹ reservando para o Estado o aproveitamento desse mineral e instalou uma estação em terra do satélite Simón Bolívar, localizadas nas adjacências do *Sector Oriental del Parque Canaima*, perto do acesso para a via que leva à comunidade de *Kavanayén*.

Na visão deste tempo privilegiou-se a diversificação da economia a partir do impulso do comércio local e transfronteiriço, além da consolidação dos “eixos de integração energética e de telecomunicações” e a manifesta determinação de impulsar outras atividades produtivas, reservando ao Estado o aproveitamento de seus minerais.

Simancas analisou que na política de fronteira venezuelana combinam-se os interesses externos e internos por enquanto uma diversa gama de aspectos embora sendo opostos:

La política de fronteras de Venezuela contiene un aspecto, constitutivo de la política exterior, que ha tenido como objetivo esencial el establecimiento de las delimitaciones y demarcaciones de las fronteras terrestres, marítimas y fluviales con relación a otros países. Igualmente, comprende un conjunto de elementos vinculados a la política interna del país, tales como hechos, fenómenos y problemas inherentes a la seguridad nacional, la ordenación e integración territorial, el control de extranjeros, la salud, la educación, la conservación del ambiente, la subversión, el narcotráfico, la planificación del desarrollo e integración binacional (Simancas, 2001, p. 6).

Com a consolidação do esquema de descentralização municipal, entre 1999 e 2017 realizaram-se mais 17 invasões de terras, com objetivos residenciais, a maioria delas no entorno da cidade, nos limites das comunidades indígenas localizadas mais perto: *Sampai* e *Wará* fundamentalmente (MORILLO, 2015). Os nomes dessas ocupações, associam-se com a *Revolución Bolivariana* que governou o país a partir de 1999. Sendo *La Bolivariana*, *La Constituyente*, *Simón*, *Bolívar*, *Libertador* e *Ezequiel Zamora*⁹⁰, mesmo outros tantos se referem à filiação religiosa dos habitantes como *Brisas de Dios* e *El Nazareno*.

⁸⁹ Na Venezuela, o aproveitamento do ouro corresponde ao Estado, em 2011 sancionou-se a primeira versão da *Ley Orgánica que Reserva al Estado las Actividades de Exploración y Explotación del Oro*, así como las conexas.

⁹⁰ Bolívar, o Libertador e Zamora, líder da Guerra Federal, são os dois heróis fundamentais da *Revolución Bolivariana* venezuelana, um processo político impulsado pelo falecido presidente Chávez e continuado pelo atual presidente da Venezuela, Nicolás Maduro.

2.4 O Arco Minero del Orinoco: a nova colonização ou a chegada do grande extrativismo

Em fevereiro de 2016, o presidente da República Bolivariana de Venezuela, Nicolás Maduro⁹¹, decretou a *Zona de Desarrollo Estratégico Minero Nacional Arco Minero del Orinoco* sobre uma extensão de 111.846,70 quilómetros quadrados da Guayana venezuelana. Umás 150 empresas, entre nacionais e transnacionais de 35 países, entraram a participar do comércio através da modalidade de associações mistas e fazer alianças entre o Estado e companhias conformadas por capital individual ou social. No portfólio de investidores sobressaem empresas de origem chinesa, congolês e barbadiano (PAEZ, 2017). Sendo também a China junto a Rússia os principais sócios do Estado venezuelano na execução de outro grande projeto extrativo, mesmo na Guayana, a *Faja Petrolífera del Orinoco*.

Além desse estoque de grupos econômicos convidados, foi criada a *Compañía Anónima Militar de Industrias Mineras, Petrolíferas y de Gas* (CAMIMPEG)⁹² que permite aos componentes da FANB a possibilidade de oferecer a logística para o desempenho da indústria da mineração. Desse jeito, o Estado não se limitou a ser só um sócio principal, mais uma vez recorreu a seu exército na sua estratégia de adiantamento na “frente de expansão”.

Numa nova fase de colonização contemporânea, o governo, num período de carência, de falta de possibilidades financeiras, recorreu novamente ao endividamento, colocando como garantia os recursos minerais no subsolo, em uma ação de expansão de fronteira nos territórios de tradicional ocupação indígena. A Amazônia ainda segue sendo imaginada como uma fonte infinita de recursos naturais para cuja exploração apenas requerem-se de bons sócios. Assim, mediante alianças, o Estado e as corporações buscam ir mais além sobre os territórios que consideram susceptíveis de ocupação e exploração. Diz Becker (1990, p. 62): “A implantação de grandes projetos é parte da construção de uma economia planetária por corporações transnacionais, mais é também, em nosso entender, uma forma contemporânea de afirmação do Estado nacional: a multinacionalização de empresas estatais”.

O lançamento deste projeto, no marco da chamada *Agenda Económica Bolivariana*, foi motivado, no imediato, pela caída do valor do petróleo⁹³, mesmo assim, o Estado ativou como estratégia a promoção de outra indústria extrativista de alto rendimento e rápida

⁹¹ Nicolás Maduro, líder sindical e presidente da Venezuela no período 2013-2018, reeleito para 2018-2024.

⁹² VENEZUELA. Decreto No 2.231, de 10 de fevereiro de 2016. Creación de la Compañía Anónima Militar de Industrias Mineras, Petrolíferas y de Gas (Camimpeg). Caracas, Gaceta Oficial de la República Bolivariana de Venezuela No 40.845.

⁹³ Em janeiro 2016, o preço médio do barril de petróleo foi de \$. 26,5. Sendo \$ 131,22 (em 2008) seu recente valor mais alto. Disponível em: <<https://datosmacro.expansion.com/materias-primas/opez?dr=2016-01>> Acesso em: 25 out. 2018.

recuperação da inversão e ganho, ou seja, a exploração de minerais como ferro, bauxita, coltan, ouro, diamantes e terras raras⁹⁴. Analisamos o plano AMO como saída da emergência financeira. Sem embargo, já desde um início do processo da expansão da fronteira a atuação dos agentes do Estado era pelo menos tolerante com a atividade garimpeira pouco e cada vez menos regulada. Portanto, não é nova a projeção da Amazônia venezuelana quanto espaço de mineração. Apesar das muitas figuras de proteção ambiental.

Páez (2017, p. 2) também analisou que foi a queda do valor do petróleo o que motivou o Governo a ativar outras fontes de ingressos no intuito de garantir seus compromissos tanto financeiros internacionais quanto sociais nacionais:

Ante la vertiginosa caída de los precios del petróleo, en los mercados mundiales, el Estado venezolano se encontró en la necesidad de orientar las actividades económicas hacia otros rubros que permitieran captar ingentes cantidades de dólares para paliar la deuda externa; continuar realizando inversiones en programas sociales y nada presentaba una mejor oportunidad que la industria minera de extracción a cielo abierto.

Igualmente, de acordo com a fala do próprio presidente da República Bolivariana da Venezuela, Nicolás Maduro os argumentos que levaram ao governo ao AMO foram a falta dos recursos provenientes da sua fonte principal de enriquecimento é dizer que o petróleo: “Tenemos un plan para enfrentar y encarar esta tormenta y salir de aquí más fuertes con una vía hacia el desarrollo real productivo del país y la generación de fuentes de riqueza”⁹⁵.

No aspecto ambiental e da metodologia do trabalho de exploração, os documentos e publicações sobre o projeto AMO apenas contém referências a um procedimento chamado de eco socialista que ainda não foi definido, sendo só um termo enunciativo do suposto respeito pelo ambiente. Neste sentido, Páez (2017) avaliou que não são conhecidas as tecnologias nem os estudos de impacto ambiental, além dos estragos atribuíveis à mineração a céu aberto comparáveis só com a degradação social e ambiental da garimpagem.

Esse autor refere que nos países mais extratores de *coltan*, como a República Democrática do Congo, utilizam métodos rudimentares, sem garantias trabalhistas, chegando ao emprego de mão de obra infantil. Sua descrição, é parecida o panorama nas áreas de garimpagem na Gran Sabana venezuelana, onde empregam-se tanto venezuelanos como estrangeiros desrespeitando a leis laborais vigentes. O pessoal trabalha em condições de risco, são corriqueiros os desmoronamentos, com saldos de feridos e mortos, a infecção por

⁹⁴ Tierras raras se refiere a los 30 elementos de la tabla periódica Lantánidos (15 elementos) y los Actínidos (15 elementos) Disponível: <https://www.ecured.cu/Tierras_raras> Acesso: 25 out. 2018.

⁹⁵ Disponível em: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/maduro-decreta-zona-estrategica-desarrollo-integral-arco-minero-orinoco/>. Acesso em: 25 out. 2018.

mercúrio, a malária e leishmanioses, apenas com a garantia de uma porcentagem do mineral extraído em um período de jornada que geralmente é de um a três meses.

São as “formas escravistas de relações de trabalho”, relações cujo alicerce é “uma relação de sujeição, que vai ao ponto de fazer ao patrão supor que tem um direito absoluto ao corpo do trabalhador, além do presumível direito ao próprio trabalho, como se vê quando este é submetido à humilhação, à tortura, ao castigo até morte” (MARTINS, 2012, p. 73).

Entretanto, os projetistas dividiram o chamado AMO em quatro blocos, com áreas de trabalho nos estados de Bolívar, Delta Amacuro e Amazonas.

Mesmo assim, são contra os pareceres de diversos grupos ambientalistas⁹⁶ no sentido do impacto do AMO sobre as bacias dos rios Orinoco e Caroní, que são os de maior caudal do país e suas principais fontes de água doce; além de ser, o Caroní, o rio de maior capacidade hidrelétrica por abastecer 76% da demanda nacional e as cidades de Pacaraima e Boa Vista.

A *Escuela de Antropología de la Universidad Central de Venezuela* (UCV) emitiu um relatório alertando que todos os bloques de trabalho foram projetados sobre os territórios habitados por comunidades duma dúzia de povos indígenas: *mapoyo, piaroa, hiwi, e'ñepa, sanema, ye'kwana, kariña, akawaio, pemón arekuna e pemón taurepang*, comunidades e povos que não foram informados nem consultados, arriscando os costumes e habitas dessas populações⁹⁷ (Figura 2). Mesmo assim contradizendo a CRBV e a LOPCI⁹⁸.

No caso específico do *Pueblo Pemón* o *Bloque Cuatro* abrange parte do município Sifontes do estado Bolívar, facilitando a entrada de mineradoras na zona das Claritas. Em um primeiro momento, abrangia também o *Bloque Especial Ikabarú*, que abarcava parte do *Sector VII do Pueblo Indígena Pemón*, uma área de 597. 982, 87 hectares sobre a qual os pemón tem um *Título colectivo del hábitat y tierra de los pueblos indígenas*, com poderes para sua administração e cuidado.

⁹⁶ Disponível em: <http://red-ara-venezuela.blogspot.com/2016/06/la-red-ara-rechaza-el-decreto-que.html>. Acesso em: 25 ou. 2018.

⁹⁷ Disponível em: <http://revistasic.gumilla.org/2016/declaracion-de-la-escuela-de-antropologia-de-la-ucv-arco-minero-del-orinoco/> Acesso em: 10 ag. 2018.

⁹⁸ VENEZUELA: Artículo 120. Constitución de la República Bolivariana de Venezuela. *Gaceta Oficial* Extraordinaria de la República Bolivariana de Venezuela N° 5.453 de 24 de marzo de 2000; Ley de Pueblos y Comunidades Indígenas, Art. 11, 12, 59. *Gaceta Oficial* de la República Bolivariana de Venezuela No. 38.344 de 27 de diciembre de 2005.

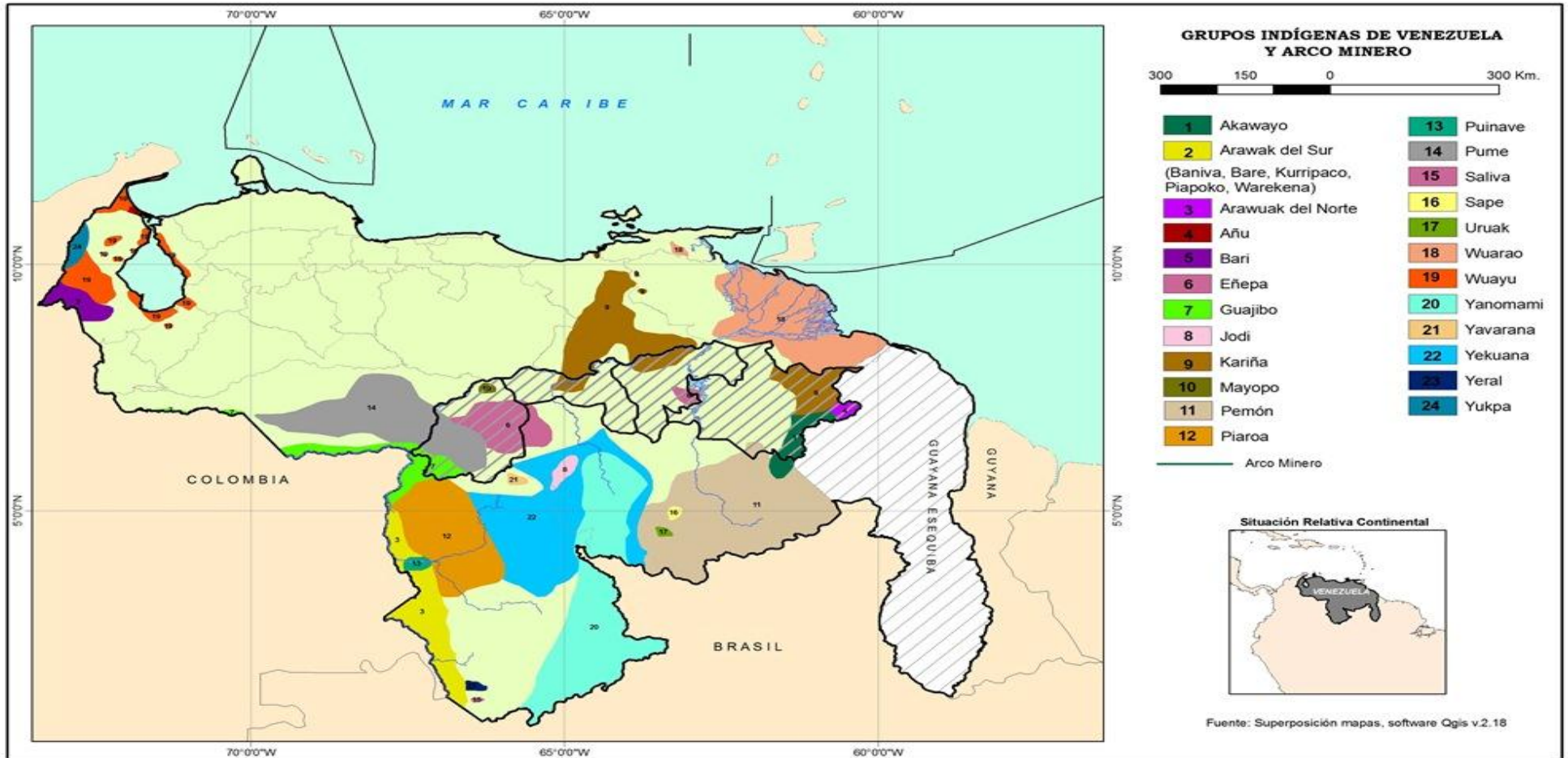


Figura 2: Toda a área do Arco Minero del Minero impacta o território dos povos indígenas do sul venezuelano (Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/721/72156172008/index.html> Acesso em: 17 janeiro 2019).

Sem embargo, depois conhecer essa informação, as comunidades pemón desse Sector, a través das autoridades tradicionais, manifestaram não têm sido consultadas nem mesmo informadas do objetivo do governo de instalar grandes mineradoras na zona. Depois dessa reclamação, o *Bloque Especial Ikabarú* ficou fora da discussão pública do AMO, sem que tem sido formalizada sua exclusão (MORILLO, 2016)⁹⁹.

Logo do lançamento do *Decreto AMO*, cada vez mais eventos de violência têm acontecido nas zonas de garimpagem do sul venezuelano: formação e surgimento de grupos armados, enfrentamentos entre esses grupos, matanças, assassinatos seletivos tanto de alguns dos líderes das facções que operam na zona quanto de líderes das comunidades indígenas. Em uma evidente “reconfiguração do espaço fronteiriço” (GONZÁLEZ, 2015).

2.5 SEU século XXI: o fortalecimento da sua vocação quanto “ponto de apoio” garimpeiro

A CORPOELEC (2008, p. 148) descreveu a SEU como um povoado de Jerarquia II, ou seja, uma localidade de mediano porte que serve de apoio às atividades econômicas e político-administrativas de seu em torno, tanto em nível local e regional como povoado fronteiriço. Segundo essa definição, seus principais relacionamentos locais são com as comunidades indígenas de *Yuruaní*, *Kavanayén*, *Wonkén* e a comunidade mista de *Ikabarú*. Sendo essas aldeias as principais beneficiárias de suas possibilidades de fornecimento. Por sua vez, seu principal relacionamento regional é com Ciudad Guayana,¹⁰⁰ como fornecedor natural de mercadorias e serviços especializados.

Esse texto diz que os principais relacionamentos fronteiriços internacionais de SEU são com as cidades de Pacaraima¹⁰¹ e Boa Vista¹⁰². Nesse momento, sem embargo, esses dois relacionamentos internacionais não tinham a importância vital de agora, por conta da crise venezuelana. Mas também, por conta dessa crise e do acrescentamento da garimpagem, têm-se apresentado mudanças no comportamento de povoado como “centro de apoio”, de fornecimento e logística. Pois, na medida em que nas cidades de maior porte o desabastecimento é maior, SEU, a partir da sua condição de fronteira internacional, espaço de

⁹⁹ Disponível em: <<http://revistasic.gumilla.org/2018/pemones-de-san-luis-de-morichal-claman-por-atencion-de-las-autoridades/>> Acesso em: 25 out. 2018.

¹⁰⁰ Ciudad Bolívar encontra-se a 705, 2 quilómetros de Santa Elena e Ciudad Guayana a 587,8 quilómetros.

¹⁰¹ Pacaraima encontra-se a 15 quilómetros de Santa Elena de Uairén.

¹⁰² BV está localizada a 245 quilómetros de Santa Elena de Uairén.

comércio transfronteiriço, tem-se fortalecido como abastecedora das cidades que anteriormente a provisionavam como Ciudad Guayana, ainda Ciudad Bolívar e outras.

Além disso, SEU dispõe mais cada vez de diversas instituições dependentes do Executivo Nacional, como el *Ministerio de Relaciones Exteriores, Interior, Justicia y Paz e Minería*; instalações de seguridade dependentes da GNB, do ENB, da *Milicia Nacional Bolivariana*, da *Policía del Estado Bolívar (PEB)* e *Policia Nacional Bolivariana (PNB)*, um escritório da CORPOELE, a *Aduana Ecológica* e um aeroporto.

Também dispõe de quatro agências bancárias, três delas pertencentes ao Estado venezuelano e uma privada; um hospital tipo I com possibilidades limitadas para atenção primária e referência dos pacientes¹⁰³; um *Centro de Diagnóstico Integral (CDI)*; três centros de educação pré-escolar; três escolas de educação inicial; duas escolas de educação média e núcleos de quatro instituições universitárias e também de um colégio e uma clínica particular.

Os comércios dos chineses dedicam-se agora, fundamentalmente, à venda de poucos gêneros alimentícios e aparelhos de plástico (cadeiras, mesas e utensílios de cozinha). Essas mercadorias são muito solicitadas tanto pelos clientes brasileiros, cada vez mais beneficiados pelo câmbio da moeda,¹⁰⁴ quanto pelos viajantes venezuelanos conhecidos como *bachaqueros*¹⁰⁵ e os proprietários das máquinas que operam nas áreas da garimpagem. Mesmo assim, com o agravamento da crise do país alguns comerciantes fecharam suas lojas sobre tudo aquelas dedicadas à comercialização de equipamentos de tecnologia e de lençóis. Na atualidade, só pequenos comércios de proprietários venezuelanos oferecem uma maior variedade de gêneros alimentícios

Para satisfazer o mercado dos *bachaqueros*, entre 2016-2017, alguns dos comerciantes sírios e libaneses - que fecharam suas lojas de tecnologia em SEU- abriram depois vendas de alimentos em atacado na rua Suape, no centro da Pacaraima. Não obstante, a maioria seguiu morando junto com suas famílias em SEU onde abriram seus comércios novamente, uma vez passado o surto comercial de alimentos na localidade brasileira.

¹⁰³ Pela falta de especialistas e materiais, diariamente por volta de dois pacientes são referidos desde el hospital de Santa Elena a os centros de saúde de Boa Vista, RR.

¹⁰⁴ Oficialmente, o valor de um dólar para a compra é de Bs. 9.975 e de Bs. 10;000 para a venda. Fonte: <http://www.bcv.org.ve/>. Acesso em: 25 dez 2017. Apesar do mecanismo de controle cambial vigente desde 2003, em Santa Elena existe um mercado de troca de rua. Em jul. 2018 cada real brasileiro tem um valor de Bs. 150.000 no mercado paralelo local. Em nov. 2018 cada real brasileiro tem um valor de BS.50.

¹⁰⁵ “Bachaqueros” é o apelido de quem compram comida nas fronteiras e revendem informalmente na Venezuela. Os “bachacos” surgem, a partir do ano 2015, no cenário da crise económica venezuelana. O Bachaco em espanhol é a formiga cortadora de folhas com grande capacidade de transporte. A PF utilizou esse sobrenome para identificar sua operação de luta ao contrabando de combustível da Venezuela ao Brasil.

Em 2018, os comerciantes estrangeiros, estabelecidos em SEU, continuavam operando intermitentemente em SEU ou Pacaraima de acordo com o câmbio da moeda, o desabastecimento e demanda venezuelanos. Em um modelo de “mobilidade pendular” que permitiam-lhes gerar ganhos apesar da crise, devido ao comércio transfronteiriço.

O ramo industrial é ainda muito elementar: SEU só abriga uma fábrica de gelo e albergou pouco tempo uma processadora de plástico para sua reciclagem. Além de meia dúzia de fábricas de tijolos, a metade delas privadas e as outras cooperativas incentivadas pelo governo e depois encerradas pela falta de matéria-prima. Ademais, a atividade agrícola e pecuária mante níveis de subsistência: algumas famílias indígenas continuam cultivando para seu consumo e vendendo seus excedentes e alguns agricultores, especialmente brasileiros, tem suas hortas nos redores de SEU e vendem suas hortaliças no *Mercado Municipal*.

No entanto as atividades produtivas em 2018, observamos, que uma grande quantidade de pessoas concentra-se diariamente em torno dos dois postos de gasolina; entre eles, destaca um importante número de transportistas (táxis e moto taxis¹⁰⁶) que desempenham a atividade formal¹⁰⁷ ou informalmente; outros se dedicam à compra de ouro nos locais do centro da cidade ou a comércio de alimentos em suas casas ou pequenos locais e outros à troca da moeda nas ruas de acesso e saída de Santa Elena. Com exceção dos taxistas formais, os demais dedicam-se a atividades ilegais ou informalmente. Só algumas instituições, especialmente a *Aduana*, os sistemas educativos e de saúde continuam sendo empregadores formais; sem embargo, enquanto avança a crise, cada vez menos pessoas conseguem manter como assalariados, tendo que recorrer a outras fontes de ingressos não formais para complementar suas rendas.

Por outro lado, as temporadas turísticas são cada vez menos nutridas e só algumas companhias continuam oferecendo a possibilidade de subir ao Monte Roraima. Contudo, suas ofertas são especialmente dirigidas aos viajeros estrangeiros pois são feitas em dólares americanos ou reais brasileiros e publicitadas através de sítios na internet.

Nossas observações de campo, coincidem com as estimações do sociólogo Issam Madi¹⁰⁸. Segundo seus cálculos o Produto Territorial Bruto (PTB) do município encontra-se em US\$. 110 milhões anuais, ingressando US\$. 66 milhões 760 mil por garimpagem; US\$.3 milhões 240 mil por comercialização de combustível; US\$. 28 milhões por comércio e

¹⁰⁶ Pela falta de transporte público coletivo e dificuldade para preencher combustível, em Santa Elena de Uairén proliferam mais cada vez os moto taxis, convertendo-se numa opção de trabalho e serviço acessível.

¹⁰⁷ Segundo um informante da *Federación de Transporte Municipal*, 1.334 veículos estão afiliados a associações civis e cooperativas. Assim sendo, por volta de 6.269 povoadores da localidade dependem dessa atividade.

¹⁰⁸ Sociólogo que mora e pesquisa em SEU. Entrevista realizada na cidade de SEU em seis de setembro 2018.

serviços conexos, principalmente de transporte; US\$. 7 milhões por turismo e US\$. 5 milhões por outros.

Já De La Torre (2013, p. 108) analisou a importância das atividades ilegais na economia local e o impacto socioeconômico dessa economia subterrânea:

Ante la dificultad de conseguir un trabajo digno y estable, mucha gente recurre al contrabando de gasolina y en menor escala al tráfico de estupefacientes o al robo. Estas actividades ilegales se están convirtiendo en un motor innegable de la economía santaelenera, pero no beneficia en el fondo a la ciudadanía, pues fomenta la comodidad, el trabajo fácil y los antivalores, al tiempo que -al ser una actividad ilegal- evaden impuestos que deberían ir para las bolsas del erario público.

Assim, ainda não sendo SEU um lugar de garimpagem, é um “centro de apoio” cuja economia movimenta-se fundamentalmente do fornecimento dos garimpos localizados nas áreas afastadas do município Gran Sabana, principalmente na zona de *Ikabarú*, fornecendo-lhes desde comida até gasolina; além de restaurantes, posadas e aluguel de casas e quartos a quem utilizam Pacaraima e Boa Vista para se aprovisionar de gêneros diversos.

Por volta de um século da sua fundação, a economia de SEU continua sustentada na garimpagem, diretamente através da comercialização do ouro ou diamantes ou indiretamente através da comercialização de combustível que movimenta as máquinas, na provisão de gêneros vários aos garimpeiros e da cadeia de gastos e inversões. Mesmo sendo uma atividade ilegal pelas restrições ambientais, pelas proibições a pessoas não indígenas nos territórios indígenas e pelas legislações que limitam a exploração e a compra de materiais auríferos e diamantíferos ao Estado¹⁰⁹. Igualmente, o monopólio do Estado no comércio de combustível.

A função de “centros de apoio” é frequente nos povoados amazônicos (BECKER, 1990; SANTOS, 2018). Especificamente, Santos (2018, p. 21) refere-se a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, na qual encontra-se SEU, como um “eixo de integração”, além da floresta amazônica, onde as pequenas cidades constituem-se em “ponto de apoio” para o desempenho das “estratégias de sobrevivência”¹¹⁰.

No cenário da crise, especialmente da inexistência, insuficiência e a perda do valor do dinheiro, da moeda quanto unidade de valor, torna-se evidente o valor do ouro e essa evidência é ainda mais perceptível onde o ouro tem suas fontes e lugares iniciais de circulação como moeda comum. Dessa forma, o ouro é trocado diretamente por outras mercadorias,

¹⁰⁹ VENEZUELA. Ley Orgánica que Reserva al Estado las Actividades de Exploración y Explotación del Oro y demás Minerales Estratégicos. Gaceta Oficial de la República Bolivariana de Venezuela N° 41.122, Caracas, 30 dezembro de 2015.

¹¹⁰ Segundo Arredondo e González (2013) o conceito de “táticas ou estratégias de sobrevivência” compreende um conjunto de ações independentes ou em cadeia cujo propósito é garantir que as pessoas de menor renda acedam as condições materiais mínimas para manter sua existência tanto individual quanto familiar.

produzindo-se a venda sem necessidade da compra, enquanto o garimpeiro compra aquelas mercadorias necessita de imediato e, no fim das contas, fica de mãos vazias. Diz Marx (2013, p. 141): “(...) o ouro funciona como medida ideal de valor apenas porque ele já se estabeleceu como mercadoria - dinheiro no processo de troca”.

Em SEU, entanto formalmente o Estado impulsionou programas de desenvolvimento, com objetivos basicamente de consolidação institucional: na procura de marcos fronteiriços, segurança nacional, integração territorial e conservação ambiental, entre outros propósitos, sobre todo no período 1960-1980, em uma lógica já documentada e analisada, essa institucionalidade e seu impacto continuam sendo precários. Deste modo, tais condições, mais do que um desenvolvimento harmonioso, levaram ao crescimento populacional espontâneo a partir do atrativo das “terras aparentemente vazias”, do garimpo e suas atividades vinculadas.

Trata-se de uma estratégia que percebemos como de “deixar passar” pois deu margem ao crescimento espontâneo da população, facilitando alguns serviços e sobretudo permitindo esse aumento apesar dos territórios indígenas, das limitações ambientais vigentes e da escassa oferta de atividades produtivas formais. O Estado foi constituindo as bases para a ocupação não indígena da sua frente Amazônica e depois deixou, com poucas ou nenhuma limitações, para que a população ocupara e ainda continue ocupando progressivamente, sem permissão nem proibição formais, as terras só aparentemente vazias.

Na virada do século XXI, no cenário de crise, o “lugar Guayana” venezuelano surge ora em oportunidade para o Estado no intuito de expandir mais uma vez sua fronteira sul, ora em chance de sobrevivência individual para alguns, ora em oportunidade de corrupção, ora em ameaça ambiental, cultural ou étnica. O território em redefinição constitui-se numa oportunidade ante a crise, mas também numa ameaça ante a crise. Falamos das muitas faces da fronteira em discussão. A “fronteira” analisada é internacional e interna, é cultural e étnica, é ecológica e garimpeira. Assim a força transformadora da fronteira não só se soma, passando a mais, mais se multiplica, dinamizando câmbios acelerados, inesperados e contínuos.

Nesse contexto, surgem os *talibãs*, aqueles que chegam a esta fronteira para participar a comercialização da gasolina habitando indefinidamente na alteridade, são esses “outros” que ainda não são reconhecidos quanto parte de grupo nenhum, porque indo e vindo seguem sendo forasteiros. São eles a peonagem visível, urbana desta nova etapa da expansão de fronteira na virada do século XX para o XXI, no “lugar Guayana” venezuelano.

Nesta perspectiva, deparamos com outro tipo de fronteira menos tangível, a “fronteira do humano” (MARTINS, 2012, p. 11), a dimensão transgredidas pelos migrantes associados à comercialização de combustível, degradados na sua necessidade de sobrevivência para dessa

forma fazer possível os planos dos pioneiros, daqueles que chegaram antes que eles, ora o Estado, ora aqueles iniciadores da garimpagem local ou aqueles deslocados pela chegada das grandes mineradoras nas outras regiões da garimpagem nas zonas adjacentes da Gran Sabana.

Segundo as testemunhas, alguns das quais serão expandidas mais para frente, nos postos de gasolina da cidade têm condutores que preenchem os depósitos de carros que não são deles, fazendo chegar através de transferências bancárias o pagamento aos proprietários, trabalhando só a câmbio de alguns litros de gasolina quando tem a possibilidade de encher¹¹¹.

São essas formas de dominação, quase esquecidas, as que com frequência fizeram possível neste contexto a chegada dos desbravadores, apesar da inexistência de vias de acesso e seu estabelecimento no lugar, sem prescindir de um todo das condições de vida habituais e aproveitamento das zonas de garimpagem sem garantia de fortuna nenhuma e as que hoje incitam a chegada dos *talibãs*, dos migrantes da gasolina ao sul este da Venezuela. São eles a nova frente demográfica que leva adiante a ocupação das terras ainda aparentemente vazias ou pouco habitadas em uma nova versão de aqueles garimpeiros que chegaram em outros tempos para engrossar as equipes a cargo de um corte ou de uma máquina.

Aproximamos-nos para conhecer as “vítimas” da expansão de fronteira na Venezuela do século XXI. É esse o lugar, a melhor perspectiva para conhecer a fronteira e seus processos (MARTINS, 2012). Pois é nessa categoria que podem achar-se as fragilidades e dificuldades essencialmente humanas e os traços que expressam o cenário e seu tempo.

Ante a crise, a falta de alternativas de emprego nos lugares de origem, enfim sua necessidade de sobrevivência e das suas famílias, os *talibãs* participam de uma forma de produção de renda que para eles resulta inovadora, diferente, aparentemente lucrativa e independente. Mas, na realidade, são a nova peonagem de uma estratégia de expansão de fronteira que é a chave de uma complicada rede de relações sociais que permitem o aproveitamento da natureza. Uma estratégia com resultados moderados, embora contínuos. Com impactos e custos igualmente moderados, mas consideráveis sendo permanentes.

Por conta da crise, o governo, enquanto ator fundamental do Estado, mudou sua habitual estratégia de “deixar passar” em um grande projeto de desenvolvimento dirigido ao aproveitamento das zonas de tradicional ocupação indígena, onde até esse momento outros atores, indígenas e não indígenas, garimpeiros medianos e pequenos, grupos criminosos, inclusive guerrilheiros deslocados da Colômbia através da fronteira comum com a Venezuela,

¹¹¹ Esses são os casos de Noel e Gregório (nomes fictícios utilizados para proteger a identidade dessas pessoas), dois homens, de menos de 27 anos, que durante nossas jornadas de pesquisa relataram que faziam longas filas sem ter eles veículos próprios. O primeiro recebia um salário sem considerar as horas de trabalho adicional, o segundo um quarto dos litros de gasolina preenchidos.

cobravam cada vez mais força devido à exploração mineral e suas economias subterrâneas vinculadas. Da estratégia do “deixar passar”, o Estado, antes ambíguo, apenas presente, precário e longínquo, passou a impulsionar uma fórmula de desenvolvimento formal e muito bem definida com apoio de seu braço armado, o ENB e outras organizações de inteligência policial, através das associações com corporações nacionais e estrangeiras.

Nesse novo cenário surgiram a chamada *Matanza de Tumeremo*, em março 2016, com a morte de 17 pessoas, numa localidade do município Sifontes, vizinho do município Gran Sabana e a *Matanza da Cicapra*, também no Sifontes, em fevereiro 2018. Os dois eventos têm sido vinculados a operativos de “limpeza” por parte do ENB e outros organismos oficiais no intuito de sacar dos garimpos os sindicatos¹¹², grupos criminosos praticantes da extorsão em troca de segurança para os garimpeiros.

Mas além desses eventos, muito divulgados na imprensa nacional e internacional, como graves ataques contra os direitos humanos, as matanças têm sido cada vez mais frequentes e explicadas pelo Governo como enfrentamentos entre forças de segurança e ordem pública e bandos armados pelo controle das jazidas. Enquanto, os familiares reclamam os homicídios de garimpeiros independentes e as comunidades pemón pela morte de seus homens nas áreas projetadas para o AMO, embora exploradas por garimpeiros e indígenas como San Luis del Morichal no município Sifontes do estado Bolívar¹¹³.

Já na Gran Sabana, SEU, as disputas pelo controle do território agravaram-se a partir de dezembro 2017, após a eleição do líder indígena, Emilio González, como prefeito: a partir desse momento, produziram-se choques eleitorais, acusações de separatismo contra a líder Lisa Henrito de parte de lideranças afins do Governo, rechaçado pelas autoridades tradicionais,¹¹⁴ intentos de detenção contra o prefeito González o que poderia ser entendido quanto atos lecionadores ou de intimidação contra a população indígena.

Em 28 setembro 2018, foi assassinado José Vásquez, o comandante da Guardia Territorial Pemón (GTP), uma organização de seguridad fronteiriça e comunitária fundada pelas lideranças para controlar a incursão de delinquentes nas áreas indígenas viradas em

¹¹² A nosso entender o uso da palavra sindicato para designar os grupos criminosos que atuam nos garimpos da conta da relação entre esses grupos e os sindicatos dos trabalhadores das empresas básicas de Ciudad Guayana cujas lutas mais cada vez se enfocaram nas disputas pelo poder sindical, sendo penetrados pela violência. Desse jeito, ante a crise das empresas básicas, muitos desses sindicatos poderiam ter migrado até os garimpos do sul. Essa dedução achou argumentos numa análise do Observatorio Venezolano de Conflictividad Social (OVCS). Disponível em: <https://www.observatoriodeconflictos.org.ve/tendencias-de-la-conflictividad/venezuela-violencia-en-el-entorno-laboral-sindical-e-impunidad-primer-semester-de-2014>. Acesso em: 25 out. 2018.

¹¹³ APORREA. ORG Comunidad Pemón de San Luis de Morichal permanece prácticamente secuestrada en sus territorios. **Aporrea**, 2018. Disponível: <<https://www.aporrea.org/actualidad/n324838.html>> Acesso: jun. 2018.

¹¹⁴ CONSEJO DE CACIQUES GENERALES DEL PUEBLO PEMÓN. Comunicado, Santa Elena, 2018. 1p.

acampamentos de garimpagem¹¹⁵. Em comunicações orais, no primeiro semestre de 2018, Vásquez pronunciou-se contra o impacto socioambiental da garimpagem e da comercialização da gasolina em Santa Elena e falou da urgência de deter esses comércios.

Três semanas depois, em 8 de outubro 2018, a comunidade indígena pemón de San Miguel de Betania, localizada no Quilômetro 67 da Troncal 10, no município Sifontes, vizinho do Gran Sabana, no estado Bolívar, trancou o passo de veículos em protesto pela falta da gasolina e os descontrolados preços dos alimentos¹¹⁶. A manifestação, que contou com o apoio das comunidades indígenas da Gran Sabana, prolongou-se mais de uma semana.

Ainda durante a obstrução, em 14 de outubro, divulgaram-se a morte de sete personas no garimpo El Candado, no município Sifontes, pelo suposto enfretamento entre o ENB e a guerrilha do *Ejército de Liberación Nacional* (ELN), parcialmente deslocada da fronteira Venezuela-Colômbia por conta do processo de pacificação de seus similares da *Fuerza Armada Revolucionaria de Cooperación* (FARC)¹¹⁷.

Embora com interesses opostos, os dois exércitos, oficial e clandestino, disputam-se o controle dos garimpos no âmbito do plano AMO como parte de um “conflito” típico da fronteira a partir do processo de emprego dos territórios indígenas por parte dos diferentes grupos de interesse que fazem parte da sociedade nacional. Nesse conflito, as vítimas levaram a pior. São eles quem ficam no meio do fogo cruzado, sejam os garimpeiros porque trabalham independentemente ou como empregados de um dono de máquina ou indígenas que habitam essas terras, transitando de acordo com a época pela economia do lugar.

Os indígenas de Bethania exigiram a presença do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. De forma que, o protesto foi detido, após 10 dias, ainda sem a presença do Presidente, dando permissão ao trânsito pela via que conduz a Ciudad Guayana e Ciudad Bolívar em sentido norte e a SEU e o limite com Brasil no sentido sul. Mais além das suas demandas imediatas, a ação indígena pode ser entendida como resposta de resistência.

Cessado o protesto, em outubro 2018, durante o encontro entre algumas lideranças pemón afins do governo e o governador de Bolívar para analisar o tema do subministro da gasolina em SEU, dois aviões F-16 sobrevoaram o povoado, num mecanismo de intimidação

¹¹⁵ RANGEL, Clavel. Consejo de Caciques confirma homicidio del líder de la Guardia Territorial Pemón. **Revista SIC**, out. 2018. Disponível em: <<http://revistasic.gumilla.org/2018/consejo-de-caciques-confirma-homicidio-de-lider-de-la-guardia-territorial-pemon/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

¹¹⁶ Durante o protesto, por volta de 10 dias, os dois postos de combustível de SEU permaneceram fechados. Embora, nas ruas a circulação apenas diminuiu. No mercado paralelo a gasolina alcançou um valor de Rs.20.

¹¹⁷ FERMÍN, María. Ministerio Público confirma siete muertos en mina El Candado de Tumeremo. **Efecto Cocuyo**, out. 2018. Seção Sucesos. <<http://efectococuyo.com/principales/ministerio-publico-confirma-siete-muertos-en-mina-el-candado-de-tumeremo/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

sem precedentes. Mesmo assim, o subministro da gasolina foi cada vez mais caótico, insuficiente e interrompido pelos enfrentamentos entre grupos nas localidades vizinhas¹¹⁸.

Um mês depois da morte de Vásquez, registrou-se outro ataque contra Juan Gabriel González, capitão geral do *Sector VII-Ikabarú*, nesse acontecimento os atacantes foram detidos, embora as lideranças indígenas reclamassem sua entrega à justiça indígena por parte da justiça ordinária, eles permaneceram sob custódia dos organismos de segurança do Estado.

Em novembro 2018, a *Asamblea Nacional* derogou o *Decreto de Creación del AMO*, aprovando a sua vez a *Ley Orgánica de la Mega Reserva de Agua Dulce y Bio Diversidad del Sur del Orinoco y la Amazonía*. Infelizmente, pelo desconhecimento explícito das decisões da *Asamblea Nacional*, de maioria opositora, por parte do Executivo a derogatória foi imediatamente ignorada. O objetivo da *Asamblea* foi estabelecer maior proteção para região por lei não por decreto, via utilizada para a criação do AMO.

Sem embargo, duas semanas depois, o acelerado processo de intervenção do governo venezuelano na Amazônia venezuelana ocupada pelos pemón, a Gran Sabana, no contexto do plano AMO, alcançou seu clímax em nove de dezembro de 2018 com a invasão de uma vintena de homens da *Dirección de Contrainteligencia Militar* (DGCIM) na comunidade de *Kanaimö* com resultado de dois indígenas feridos e um morto.

A invasão foi qualificada pelo *Ministerio de Defensa* da Venezuela como um operativo contra o garimpo ilegal. Sem embargo, o *Consejo de Caciques del Pueblo Pemón* responsabilizou ao Estado pela morte e classificou essa ação de terrorismo de Estado pois as forças militares, fingindo ser turistas, enfrentaram com armas de guerra e explosivos seus guias contratados e os indígenas que trabalhavam no garimpo.

Quase cem anos depois do advento do processo de expansão de fronteira, a suposta barbárie, entanto diferencia entre os civilizados e não civilizados, parece mais viva que jamais. Diz Martins (2012, p.10) no entanto a violência característica desses conflitos que envolvem os chamados “agentes da civilização”: “Na fronteira, o chamado branco e civilizado é relativo e sua ênfase nos elementos materiais da vida e na luta pela terra também o é”.

Nossa linha de análise, Vitti (2017) sintetizou os acontecimentos deste ano no território dos pemón com a seguinte reflexão:

La militarización de la Amazonía implica eliminar cualquier tipo de resistencia en ese territorio, en este caso el pueblo pemón. Lo que se pretende es dominar la naturaleza y las personas. Esto se ejecuta a través de guerras presentadas como

¹¹⁸ Durante os dias que durou o protesto, a gasolina no mercado paralelo de Santa Elena de Uairén chegou a ter um valor de Rs.20 por litro.

operativos de control y seguridad; por lo tanto “Tepuy Protector¹¹⁹”, no es un plan para resguardar ningún patrimonio de la humanidad, es un proceso de control de territorio en función de un modelo extractivista- minero presentado ante la opinión pública como política social¹²⁰.

De forma que, no estado Amazonas venezuelano, de população fundamentalmente indígena e variedade de ABRAES, na fronteira da Venezuela com o Brasil e Colômbia, também se iniciou a comercialização de combustível no período em estudo, tendo filas de até 30 horas. Como em SEU, essa atividade está vinculada, em proporções não determinadas, ao contrabando até nas zonas de garimpagem nos territórios indígenas e a través da fronteira internacional principalmente até nas localidades da Colômbia contíguas¹²¹.

Por conta do crescente aumento do contrabando internacional da gasolina, em julho de 2018, o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciou o aumento do valor da gasolina nos 43 municípios fronteiriços da Venezuela, e também na Gran Sabana. Até setembro seguinte. Maduro chamou os condutores venezuelanos para tramitar o *carnet de la patria*¹²² e participar do *Censo Nacional de Transporte* quanto condições para preencher até 200 litros em um mês, beneficiando-se do subsídio que determina os valores atuais. Sem embargo, o chamado a registrar-se também poderia ser analisado como “mecanismo de coação” por parte das autoridades.

O primeiro objetivo dessa medida de aumento seria controlar o contrabando de gasolina nas fronteiras venezuelanas tanto terrestres quanto marítimas. No chamado, Maduro falou do contrabando da gasolina da Colômbia até o Caribe, mas não seu desvio até o Brasil nem mesmo do seu destino até os garimpos localizados nos estados Bolívar e Amazonas, zonas de ocupação indígenas tocadas ou ainda impactadas pelo AMO.

Sem embargo, na data prevista, embora o aumento entrou em vigência em alguns outros dos municípios de fronteira, até dezembro 2018, em Gran Sabana ainda não se aplicava. Vários dos usuários informaram oralmente que o atraso se deve à falta de conexão Wi-Fi nos postos de combustível, um requerimento tecnológico necessário para conferir os

¹¹⁹ *Tepuy Protector* é o nome do operativo da intervenção militar em Kanaimo. A designação dessa operação com nome indígena é uma afronta direta ao Pueblo Pemón que em 2013 proibiu ao Governo venezuelano a utilização de vocábulos indígenas para identificar suas ações militares.

¹²⁰ Disponível em: VITTI, Minerva. **Revista SIC**, dez. 2018. <http://revistasic.gumilla.org/2018/el-contexto-de-la-resistencia-indigena-de-los-pemon-de-kanaimo>. Acesso em: 20 dez. 2018.

¹²¹ PARDO, Daniel. Los barriles de gasolina clandestina del río Orinoco. **BBC Mundo**, Puerto Ayacucho, 2013. Seção News Mundo. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2013/11/131101_venezuela_contrabando_gasolina_orinoco_colombia_d_p. Acesso em: 25 out. 2018.

¹²² O *carnet de la patria* é um crachá, dotado dum código QR, outorgado pelo governo venezuelano com a finalidade de identificar a população e canalizar ajudas económicas para assistência em alimentação, saúde, educação, necessidades especiais e outros benefícios.

dados dos condutores e seus carros na Plataforma Patria¹²³. Ainda assim, durante algumas semanas, nos dois postos de combustível de SEU, Mapaurí e Kukenán, rapazes com camisetas de cor vermelho (a cor da Revolução) verificaram os dados e impressão digital de cada um dos condutores já identificados e ingressaram em outro registro os dados daqueles que manifestavam não ter o *carnet de la patria*. Apesar desse controle adicional, as filas e o tempo de espera não diminuíram.

Nesse contexto, surge que este estudo sobre a mobilidade associada à comercialização de combustível, quanto uma “tática de sobrevivência” para alguns e uma expressão mais desse “deixar passar” praticado pelo Estado, quanto estratégia de expansão demográfica na transição para a ativação do plano Arco Minero del Orinoco.

Mas quando a migração não é espontânea a consolidação de um núcleo urbano também não é. Quanto ao serviço prestado do “centro de apoio” para o fornecimento para o garimpeiro e o “deixar passar” há uma crescente mobilidade garimpeira a seu redor. Tudo vai cobrando sentido. Lembramos que, por exemplo, a região concebida inicialmente como *Bloque 4 do Arco Minero del Orinoco*, embora em discussão pelo reclamo das autoridades indígenas, já foi desbravada e explorada desde a década de 1940 pelos garimpeiros tanto venezuelanos quanto brasileiros.

Neste percurso pelas intervenções da sociedade nacional no chamado “lugar Guayana” (RODRIGUES, 2014), na fronteira venezuelana com o Brasil, contextualizamos a migração associada à comercialização de combustível na história do seu recorte espacial, percebendo-a como uma das dinâmicas mais recentes dentro de um largo processo de expansão de fronteira impulsionado pelo Estado venezuelano a partir da terceira década do século XX.

A expansão sobre a grande fronteira amazônica acostuma ser feita em “surto devassadores” vinculados tanto com as condições internas das nações quanto com a expansão capitalista mundial (BECKER, 1990). Assim, a fronteira amazônica imaginada como vazia e inesgotável cobra importância em um momento de crise, tanto para o Estado que avança mais uma vez em procura das riquezas quanto para o capital sem fronteiras na procura de novos espaços de lucro, mesmo para os cidadãos como a possibilidade de ir mais além dos territórios pessoais conhecidos e conquistados, em um espaço propício para empreender uma ampla variedade de “estratégias de sobrevivência” vinculadas quase sempre com “as economias subterrâneas”.

¹²³ Disponível em: <https://patria.org.ve/>. Acesso: dez. 2018.

Capítulo 3

BOOM: A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA IMPULSIONADA PELO COMBUSTÍVEL

La visión de El Dorado era ya familiar en el fondo de aquellos ojos duros. Mucho habían oído de él, mucho lo habían soñado. Lo olían entre el vaho de la selva como el almizcle de un animal salvaje (USLAR, 1947, p. 35).

Neste capítulo analisaremos a mobilidade associada a comercialização de combustível em SEU. Por enquanto, não existindo nesta cidade nenhuma outra atividade econômica de grande atrativo, analisamos que essa mobilidade está associada à expansão da comercialização de combustível que se popularizou nesta fronteira há pouco mais de 15 anos e, sobretudo a partir da crise agravada depois da morte do presidente Chávez, em 2013.

Já temos falado que Santa Elena de Uairén é, a nosso entender, o novo Eldorado venezuelano, ainda em tempos de crise ou ainda mais em tempos de crise, isso quanto a representação de um sonho de grande riqueza, prosperidade, terras vazias ou pouco ocupadas, trabalho, oportunidades, enfim boas novas tão necessárias nos dias aziagos¹²⁴.

Na prática, sem embargo, esse atrativo (o comércio de combustível) é tanto menos místico e deve-se à diferença entre o valor do combustível venezuelano e internacional, ou mais especificamente brasileiro ou seu valor nos garimpos do interior da Gran Sabana¹²⁵. Desse modo, os ganhos pela venda de combustível surgem dos limites imposto onde antes existiam populações cultural e historicamente conectadas, praticantes de modos de vida que misturavam as fortalezas de cada uma delas: eram as “boas fronteiras”, em contraposição as “más” que surgem onde esses laços sociais são deixados ir pelo Estado (DORFMAN, 2009).

O surgimento do comércio irregular nessa zona fronteira, iniciado pela corretagem de gado desde o território do Rio Branco a SEU, foi acompanhado pouco depois pelo contrabando de gasolina no sentido contrário, coincidindo com a definição dos marcos fronteiros tanto pelo Estado brasileiro quanto pelo Estado venezuelano entre nas décadas de

¹²⁴ Extraímos essas motivações para viajar a SEU de nosso estudo de campo no intuito de perfilar a migração associada a comercialização de combustível e das representações associadas à Amazônia (BECKER, 1990).

¹²⁵ Em nov. 2018, ainda em bolívares soberanos, em média, o combustível venezuelano tem um valor equivalente a 0,01 dólares por litro, enquanto no resto de América Latina e o Caribe tem um valor de 1,17 dólares por litro e em Brasil de 1,24 dólares por litro. Enquanto, nas ruas de SEU ou Pacaraima tem um valor de Rs.1,5 a Rs.2 e nos garimpos, o valor dum tambor de 200 litros oscila entre seis a oito gramas de ouro, dependendo geralmente da distância entre SEU e o sitio de extração. Na capital municipal cada grama de ouro tem valor de Rs. 120 por volta de US\$. 30. Um tambor, por tanto, tem um valor de Rs.720 ou mais e cada litro desse tambor um valor mínimo de Rs. 3,6. GLOBAL PETROL PRICE. Gasoline prices. Disponível em: <http://es.globalpetrolprices.com/gasoline_prices>. Acesso em nov. 2018.

1930 a 1940 (RODRIGUES, 2014). Na medida em que o Estado brasileiro definiu seu limite, o venezuelano procurou a fiscalização e povoamento da sua fronteira e essa maior quantidade de pessoas fomentou a aparição e a diversificação do mercado, adiantado pelas limitações acarretadas pela fronteira internacional econômica e a possibilidade de burlar essas barreiras.

Nessa fratura, devida à presença dos Estados e materialização das fronteiras nacionais nasceu e prosperou o descaminho e o contrabando da gasolina, desenvolvido com a perda do valor do bolívar venezuelano e a proliferação da garimpagem na Gran Sabana. Chegando a ser considerado quanto um dos principais problemas desta fronteira (SANTOS, 2018; FERREIRA, 2016). Embora, as relações comerciais não formais, ainda ilegais, constituam e aprofundam boa parte das dinâmicas cotidianas entre os habitantes de fronteira, mesmo aqueles que só chegam com a finalidade de participar dessas complicadas tramas de comercialização subterrânea e logo depois ir embora a seus lugares de origem.

Santos (2018, p.111) opina que a “interação social” dos sujeitos é o elemento essencial e que determina a dinâmica fronteiriça:

Nesse panorama, cabe mencionar a fronteira Brasil/Venezuela como espaço geográfico e simbólico que é, também, marcada cotidianamente pela interação social, mantida muitas das vezes pela diversidade cultural e, em algumas situações, pelos conflitos sociais. O tipo de interação social mais comum nesta fronteira é caracterizado pelas relações comerciais, relações de trabalho e pelos casamentos, que possuem, entre suas peculiaridades, os interesses binacionais. Isto permite analisarmos as distâncias e aproximações entre a realidade vivida pelos migrantes brasileiros e venezuelanos em ambos os lados da fronteira e a fronteira almejada por cada um desses povos.

Os *talibãs*, aqueles que aguardam nas filas durante horas nos dois postos de combustível de SEU para comprar uns litros e revendê-los minutos depois, fazem parte do chamado “comércio formiga” (FERREIRA, 2016), é dizer, aquele comércio fronteiriço de pequenas quantidades de serviços ou produtos legais, ilegais ou aparentemente legais, tais como contrabando ou descaminho, com a finalidade de satisfazer a subsistência¹²⁶. Mas, além disso, esse comércio de gasolina é uma dinâmica comercial interiorizada na interação social entre brasileiros e venezuelanos que abarca, também, as relações de trabalho e de família e, de outra forma, vinculada à garimpagem, especialmente pelas diferenças nos ganhos entre um e outro destino desse tráfego. As duas demandas constituem as variáveis que impulsionam o crescimento do negócio, disparando o atrativo migratório do lugar.

¹²⁶ Em nov. 2018, cada veículo recebia 20 litros e os tempos de espera flutuavam de três a 72 horas na fila do povo. Nessas condições, depois dessa longa espera, um talibã apenas conseguiria Rs.40 pelo combustível, aproximadamente BS.2000, pouco mais dum salário mínimo mensal venezuelano.

As estimaciones de Issam Madi revelaram que em 2018 Santa Elena apresentava uma população de 42.300 habitantes¹²⁷. De tal maneira, a cidade teria experimentado um crescimento populacional acelerado, é dizer, superior ao esperado em um prazo de 20 anos para uma cidade venezuelana de médio porte. A partir de seus estudos de campo, já desde 2013, ele atribuiu esse crescimento à migração associada a comercialização de combustível.

La última investigación de campo que yo realicé fue en 2013, me contrató la oposición con ocho encuestadores en 240 entrevistas por el tamaño de Santa Elena y para poblaciones de hasta 100 mil personas y el 30% de las personas que nosotros encuestamos primero no tenían más de dos años de haber llegado a Santa Elena de Uairén, segundo ya se habían inscrito en el padrón electoral y tercero las razones que señalaron por las cuales se vinieron a Santa Elena era porque algún conocido, algún familiar o un amigo les había dicho que aquí se podía vivir de la venta del combustible y luego en la práctica ellos confirmaban que de eso era de lo que ellos vivían, de la venta de combustible. Eso me llamó mucho la atención porque eso alteraba la composición socioeconómica de los trabajos de campo que yo había hecho anteriormente donde las personas que decían vivir del consumo de combustible eran el 8% (...), eso es algo anormal porque eso es algo único en Santa Elena. En las otras fronteras en donde se comercializa combustible generalmente suele ser el equivalente a 6% o 7% de la población (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 6 set. 2018).

A pesquisa de Madi (2013) permitiu visualizar outros aspectos desse processo de mobilidade como a “ruptura” (TILLY, 1978 apud TRUZZI, 2008) quanto o aspeto descritivo do processo migratório interno, diferentemente do turismo ou deslocamentos de curta distância. Pois, aqueles que manifestaram ter no lugar menos de dois anos e dedicar-se à venda de combustível também manifestaram ter mudado de residência, incluso no *Registro Electoral Permanente* (REP); além do atrativo migratório da “economia subterrânea” (BAGANHA e REYNERI, 2001) já que, possivelmente, quem chegara desde outras localidades do país, só tomaram essa decisão pela possibilidade de comercializar gasolina integrando-se em um fluxo migratório interno enquanto mão de obra nessa economia e, além disso, a significância das “redes em processos migratórios” (TRUZZI, 2008), pois essas pessoas manifestaram que foi a partir de relações de amizade ou familiaridade como avaliaram essa oportunidade.

De maneira adicional, a fala de Madi sugere a instrumentalização dos migrantes internos com fins eleitorais por parte de funcionários da municipalidade, da forma já analisada por De La Torre (2013)¹²⁸ pois, apesar do curto tempo de estadia em SEU, essas pessoas que

¹²⁷ Maddi fez seus cálculos a partir da quantidade de postes de serviço eléctrico (9000) na localidade, em 2018, multiplicados pela média de componentes duma família venezuelana para uma cidade média (4,7).

¹²⁸ Em 06 dez. 2018, três dias antes das eleições de vereadores, o funcionário da PDVSA que usualmente marca sobre os cristais dos carros o número e fila correspondente no posto Mapauri, mesmo marcava os carros com as

manifestaram ter-se mudado pela possibilidade de participar da comercialização de combustível já formalizaram seu novo lugar de domicílio no REP.



Figura 3: Na “fila do povo” observamos elementos que permitem falar da instrumentalização dos “migrantes outsiders” com fins eleitorais (Fotografia: Morelia Morillo Ramos).

Dessa forma, constituem-se nesse espaço de “fronteira múltipla” as “economias subterrâneas” de um lugar onde não só entra no jogo a fronteira internacional (econômica), também a fronteira etno-ecológica derivada da queda das ABRES e dos territórios pertencentes aos povos indígenas.

Madi falou de outros elementos que permitem-nos entender a magnitude da expansão de nosso recorte espacial, a importância que nesse processo tem a migração associada ao combustível e os efeitos da múltipla fronteira sobre mercado e mobilidade.

Santa Elena de Uairén en el año 1998 tenía una población de 10.500 personas apenas. Generalmente, cada 20 años es que la población se dobla es decir para el año 2018, Santa Elena debería tener una población de 21.000 personas por el crecimiento vegetativo normal, pero resulta que tenemos 42.300 o casi el doble, es decir, en Santa Elena de Uairén se rompió el patrón demográfico de crecimiento tradicional de Venezuela que es que una población debe doblar su población cada 20 años. Aquí se cuadruplicó la población en 20 años. Ninguna ciudad de Venezuela ha recibido en 20 años su crecimiento vegetativo normal más el otro doble producto de

senhas do *Partido Socialista Unido de Venezuela* (PSUV). Segundo comunicações orais informais, essa marca identifica as pessoas comprometidas a assistir à caravana do partido de governo quem receberam maior quantidade de gasolina durante o final de semana eleitoral, aparentemente, a câmbio de seu voto, numa evidente utilização dos recursos públicos para conseguir apoios.

la migración, solamente en Santa Elena y fíjate que en Guasipati y el Callao,¹²⁹ no tienen esos fenómenos de crecimiento tan violento. Ese es un fenómeno básicamente de Santa Elena, por supuesto, el combustible en Santa Elena no sólo aprovisiona a los brasileros sino también a la mina (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 6 set. 2018).

A partir das estimações de Madi e do *Consejo de Caciques Generales* temos que a população de Santa Elena é de aproximadamente 42.982 pessoas, apenas 3.461 pessoas, a menos de 46.443 pessoas projetadas para o 2050, pelo INE (2011)¹³⁰. Numa evidente expressão numérica da aceleração demográfica já comentada anteriormente.

Da sua experiência e conhecimento extraímos também alguns elementos para analisar essa dinâmica de mobilidade interna até o presente e sua lógica quanto ao mercado.

Hasta ahora el patrón sigue. No ha cambiado. Sigue su lógica. Puede ser que esté aminorando porque ya se saturó el mercado de las personas que pueden vender combustible, pero entonces lo que está sucediendo es que hay más personas compitiendo por el mercado y eso lo que hace es que bajen los precios, inclusive ya se ve el fenómeno de que la están vendiendo en lugar de un real y medio a los brasileros en un real porque ya hay más competencia, hay más gente ofreciendo (Entrevista concedida a Morelia Morillo R. Santa Elena de Uairén; 6 set. 2018).

Numa outra expressão quali e quantitativa desse crescimento acelerado, entre 2000 e 2015, na Gran Sabana consolidaram-se, em boa medida por conta desta dinâmica, ao redor de 17 invasões, ocupações massivas em terras indígenas ou aproveitadas com fins agropecuários por pessoas com anos morando na zona¹³¹.

A maioria dessas incursões, onde paulatinamente as barracas foram substituídas por casas de interesse social ou de financiamento privado, realizou-se nos entornos da cidade, nos limites entre Santa Elena e as comunidades indígenas. Não obstante, entre finais de 2016 e começos de 2017, a *Comisión de Seguridad del Pueblo Pemón* paralisou, ao menos três ocupações, uma delas, no *Fundo Divina Pastora*, a primeira fazenda criada pelos Missionários Capuchinos com a finalidade de criação de gado. Essa Comisión assegurou que a ocupação foi promovida pelo *Movimiento Social Renacer Bolivariano* (MSRB), o coletivo que agrupa os usuários da “fila do povo” nos dois postos de combustível (MORILLO, 2017).

Esse fato é uma reedição contemporânea do “conflito”, da luta pelo aproveitamento do território já tradicionalmente ocupado pelos povos indígenas. Neste caso, entre a Igreja

¹²⁹ Guasipati e El Callao são povoados garimpeiros do estado Bolívar onde igualmente existe a comercialização do combustível unicamente até os garimpos da localidade.

¹³⁰ Proyección de la población al 30 de junio con base Censo 2011, según entidad federal y parroquias, 2000-2050 (INE, CENSO, 2011).

¹³¹ Nas adjacências de Caño Amarillo, onde hoje encontram-se os bairros Zamora, Andrés Bello e Simón Bolívar foram áreas de plantio da família Briceño, uma das famílias de maior tradição neste povoado.

Católica como “estabelecidos”, já ocupantes da fazenda, no entanto migrantes do primeiro momento da expansão demográfica; enfrentados, neste cenário, aos “outsiders migrantes”, ou seja, a recente frente demográfica. Entre eles, achamos a intermediação dos próprios indígenas, os “estabelecidos originários”, atuando em defesa do território.

Segundo Elias (2000) os “estabelecidos” são o grupo homogêneo que “se auto percebe e que é reconhecido como uma 'boa sociedade', mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência”: por outra parte, os “outsiders” são “os não membros da 'boa sociedade', os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos” (ELIAS; 2000, p. 7). Não obstante, uns e outros só existem nessa relação de interdependência.

De modo complementar, a atuação do MSRB na ocupação frustrada destacou, uma vez mais, a relação entre os “surto devassadores” e a comercialização de gasolina enquanto atrativo migratório. Embora, a partir das intervenções da *Seguridad Indígena* se paralisaram as invasões já referidas, no entanto, prosperaram duas, em novembro 2018, ambas nas zonas de segurança nos dois postos de distribuição legal de gasolina de SEU, apesar de ser lugares vedados à ocupação residencial pelas restrições ligadas à presença de material inflamável.

Nós propusemos aplicar 1% de questionários nesse universo de 580 usuários que de segunda a sábado comparesem aos postos. Nesse propósito, aplicamos questionários a 106 homens (76% da amostra) na maior das fila de acesso, a chamada “fila do povo” ou geral, na qual esperam aqueles que não têm nenhuma licença, onde geralmente formam-se os migrantes e 34 mulheres (24% da amostra) na “fila das mulheres” num esforço por conhecer as diferenças marcadas pelo gênero na migração associada a comércio de combustível em SEU.

A “fila das mulheres” se constitui logo que um grupo de condutoras apresentara, ante aos funcionários administrativos e de segurança (componentes de coletivos vinculados ao governo e pessoal da GNB e ENB), seus argumentos contra a impossibilidade para aguardar durante longo tempo nas filas; devido a que a maioria é mãe e tem empregos¹³².

¹³² Algumas das outras filas com licencias especiais foram beneficiadas automaticamente pelo *Concejo Municipal* de Gran Sabana cujos vereadores estabeleceram os dias e quotas de preenchido. Esse é o caso dos idosos, deficientes, turistas e transportistas formais. Entre quem lutaram pelo benefício de sortir seus veículos a uma hora específica, depois de um tempo mínimo de espera, encontram-se as mulheres, caminheiros e os usuários da fila do povo, esses três grupos são parte da MSRB; os comerciantes por sua parte foram representados pela *Cámara de Comercio* e os operadores turísticos pela *Cámara de Turismo* do município.

3.1 “Garimpo urbano”: “economia subterrânea” da “múltipla fronteira” como atrativo

Das 140 pessoas (entre homens e mulheres) que responderam aos questionários, somente 1,4% admitiram comprar o combustível para a comercialização; 37,1% tanto para a venda quanto para o consumo e, 61% só para o consumo. Em termos absolutos, 38,5% ou seja 39% das pessoas revelaram vender seu combustível; a maioria delas, 46% das pessoas, expressaram que o vendem a um atacadista; enquanto os outros 54% vendem seu combustível entre familiares, amigos, garimpeiros e brasileiros, em porcentagens muito parecidas.

As apreciações da comercialização de combustível permitem-nos pensar que possivelmente, o combustível seja revendido em proporções similares entre brasileiros e garimpeiros através dos distribuidores, das pessoas que comprem em quantidade e que clandestinamente, oferecem o combustível para quem o necessita¹³³. Não obstante, sendo maiores os ganhos da gasolina nos garimpos, é possível que uma porcentagem maior da gasolina escorra nessa direção. Essa similaridade entre a distribuição de combustível tanto para o contrabando internacional e para o tráfego nos garimpos indica a importância da “múltipla fronteira” no aproveitamento desse comércio, pois sem dúvida, as duas formas de demanda se compartilham nesse mercado, embora seja em partes iguais.

Isso sugere que, provavelmente, a gasolina seja o principal produto de contrabando transfronteiriço, pois, enquanto o desabastecimento de alimentos, medicamentos e produtos importados, os bens antes contrabandeados, devido, entre outras coisas, ao baixo custo, decorrentes dos subsídios para esses produtos de primeira necessidade na Venezuela, bem como dos produtos oriundos das zonas de livre comércio nas lojas venezuelanas, o país continua produzindo combustíveis ou importando-o e esse ainda são subsidiados, portanto, configurando-se em ganhos atrativos para seus comercializadores nas fronteiras terrestres do país, como a Colômbia e Brasil e, inclusive cada vez mais, nas fronteiras marítimas¹³⁴.

Não obstante, enquanto na fronteira junto a Colômbia a revenda aproveita, fundamentalmente, a diferença do valor entre um e outro país, ou seja, a fronteira econômica e isso, efetivamente, configuram-se como um atrativo migratório, seu poder de atração é menor em comparação com o atrativo da “múltipla fronteira” Venezuela-Brasil.

¹³³ Como analisaremos no Capítulo IV, em Santa Elena de Uairén existem por volta de 35 grandes distribuidores de gasolina. Os bairros de maior tradição na venda de gasolina são Puerto San Rafael, La Planta, El Salto, La Bolivariana, Zamora e mais recentemente a comunidade mista de *Kamaiwá*.

¹³⁴ Segundo Egea (2013) mensalmente 15 milhões de combustível venezuelano passam a Colômbia.

Neste cenário, a comercialização e o contrabando de gasolina, enquanto a “economia subterrânea” movimentada uma imensa trama de atividades à margem das normas estabelecidas institucionalmente ou não contempladas, enquanto outras atividades similares já foram regulamentadas (BAGANHA e REYNERI, 2001, p. 136), mesmo assim representa um poderoso atrativo para os migrantes.

Esses resultados relacionados à forma de comercialização do combustível permitiram analisar a importância dos vários fatores que constituem a demanda da comercialização subterrânea da gasolina e, deste modo, a função que esse comércio cumpre nas fronteiras tanto internacional-econômica pela diferença de valores, gerada devido à vigência de um subsídio quase total de um lado, Venezuela e um valor elevado do outro, Brasil; a disparidade entre o bolívar venezuelano e real brasileiro e a fronteira etno-ecológica que estabelece proibições de garimpagem nas ABRAES e, de terceiros ou não indígenas no território indígena, mas também a possibilidade de burlar todos esses limites internacionais ou etno-ecológicos devido às falhas na vigilância e intermediação da corrupção versus os lucros desse comércio. Nesse sentido, os ganhos que gera um tambor de gasolina frente ao empobrecido salário venezuelano é um atrativo para a comercialização como “estratégia de sobrevivência”.

É esse “garimpo urbano”, denominado assim pelos “estabelecidos”, é o espaço da cadeia da comercialização de combustível, seja para seu contrabando até o Brasil, seja para as áreas de garimpagem no interior do município Gran Sabana. Os “garimpeiros urbanos”, são, portanto, semelhantes àqueles buscadores perpétuos do ouro e diamantes, mas limitados ao âmbito urbano, pois ¹³⁵ “garimpam” nos postos de gasolina.

O *talibaneó*¹³⁶, é a atividade de comercialização do combustível e é parte da cadeia de extração, distribuição e comercialização de gasolina que garante a trajetória do combustível desde os postos “distribuidores oficiais” até os quintais das casas ou centros de “distribuição informal ou subterrânea” nos bairros da cidade. É um negócio fundamentalmente de *crioulos* uma vez que os indígenas que garimpam tradicionalmente¹³⁷ utilizam o combustível destinado às comunidades indígenas e não necessitam, portanto, submeter-se às filas nos postos.

¹³⁵ Embora a demarcação do primer lote do território indígena pemón, em 2013, os garimpeiros e outros terceiros, e dizer não indígenas, não foram exortados a sair. Porquanto, ante essa omissão do mandato legal, as autoridades indígenas assumiram a responsabilidade de estabelecer normas de ingresso, ambientais, de convivência e taxas para o trabalho dessas pessoas nos garimpos. Sem embargo, o subministro de combustível depende das diligências que nesse sentido consiga realizar cada dono de máquina.

¹³⁶ Nesta fronteira, essa atividade é tão popular que a coletividade criou o verbo “talibanear” para referir-se à ação de comercializar o combustível e dizer tirar a gasolina do tanque do veículo e vende-la.

¹³⁷ Embora, o Governo Nacional trabalhasse desde 2006 na mudança da garimpagem a outras atividades produtivas, em 2013, permitiu sua prática só para os pemón, sempre e quando honrassem os chamados Acuerdos del Aeropuerto, entre as lideranças indígenas e representantes do Executivo acordos. É dizer fizessem garimpo fora do *Parque Nacional Canaima*, ao menos a 500 metros dos rios, reflorestarem as áreas impactadas e

No entanto, a crise econômica do país sugere a incorporação de algumas famílias das comunidades indígenas da Troncal 10, na cadeia da comercialização do combustível a partir da crescente presença, nessas comunidades, de carros de chapas venezuelanas e brasileiras, especialmente de Taxi-lotação que fazem a rota Pacaraima-Boa Vista, RR. Podemos falar, então, de uma mudança nessa estrutura social do *talibaneo* que tem práticas socioculturais parecidas à garimpagem e são consideradas atividades típicas das fronteiras que obrigam os sujeitos a transitarem em, pelo menos, dois sistemas como afirmou Rodrigues (2014, p. 59):

O sujeito na fronteira organiza seu espaço com base em dois sistemas -um oficial e outro paralelo e invisível- e está constantemente transitando entre um e outro, está permanentemente em um espaço intersticial. As estratégias para cruzar a fronteira vão sendo construídas e reconstruídas subvertendo as regras oficiais dos estados nacionais.

A fronteira, ou os espaços transfronteiriços, tem um potencial de atrativo de migrantes pela possibilidade de moverem-se em sistemas distintos, mas, também de impactar sócio culturalmente a comunidade local. Falar do espaço fronteiriço é falar de transformação constante, acelerada e permanentemente. De tal maneira, em SEU existe uma economia subterrânea e informal que produz um forte atrativo migratório, atuando como promotores da mobilidade humana ainda mais em tempos de dificuldades.

De maneira adicional nos países subdesenvolvidos, como os dos extensos territórios amazônicos, ricos em recursos minerais, se desconhecem intencionalmente a lei e abrem-se caminhos para a corrupção. Nesses espaços, a implantação de grandes projetos de desenvolvimento atrai a população provocando grandes ondas de mobilidade interna e onde prosperam as economias subterrâneas.

De tal maneira que nesses espaços entre fronteiras, à margem da lei, prosperam as economias subterrâneas e a mobilidade interna é atraída pela possibilidade de ganhos econômicos imediatos para garantir a subsistência familiar, mas, podem vir a tornar-se atores da delinquência, do crime organizado ou outras atividades ilegais. Assim, os postos de combustível em SEU, tão protegidos, são paradoxalmente, “lugares entre fronteiras à margem da lei”, onde no meio do caos é fácil fazer uso e aproveitar carros velhos, já fora da circulação pela falta de documentos, ou mesmo roubados ou com papéis e números alterados¹³⁸.

vendessem o ouro num escritório do *Banco Central de Venezuela* (BCV) ainda não existente, em 2018. Os demais acordos também não foram cumpridos nem pelos indígenas nem pelo governo.

¹³⁸ O entrevistado #99 contou que na sua cidade de origem não pode taxiar seu carro porque não tem documentos. Sem embargo, incluso desse jeito, conseguiu chegar a Santa Elena onde trabalha taxiando de noite e vende gasolina. Quando lhe perguntamos por seu motivo de vinda a Santa Elena, respondeu com uma palavra: “*Papa*”, é dizer batata, uma forma corriqueira de dizer simplesmente “comida”.

“Lejos de ser um efecto de la inmigración ilegal, la economía subterránea apareceria como uma de sus causas”, analisaram Baganha e Reynei (2001), invertendo assim as frequentes percepções a priori porquanto os efeitos e causas da migração internacional, numa lógica que também é válida para a migração interna; tanto, mas nos países subdesenvolvidos.

O próprio Alejandro Castillo relatou a recorrência desse tipo de situações, sugerindo a existência de redes de delinquência, lavagem de ativos, conectadas à “economia subterránea”.

Son vehículos que quizás son solicitados en otra latitud del país y que Santa Elena se ha prestado como un paraíso para tener un carro y que otra persona lo pueda manejar. Yo puedo estar en Valencia, por ejemplo, traigo un carro para acá y digo este carro está montado y se lo doy a alguien y le digo a alguien, mira tú vas a sacar gasolina, la mitad para ti, la mitad para mí, tú me lo vas a depositar a mí en reales, que me explote en moneda allá en Valencia. Es un negocio, que la gente trae vehículos de otras latitudes sin importar cuál sea la condición del vehículo, si está legal o no está legal, el problema es llegar aquí. Al llegar, usted tiene plata.

Anteriormente, aquí venían a revisar todos los vehículos, todos los vehículos de la cola del pueblo. No revisaban ningún otro gremio sino la cola del pueblo a ver si tenían seriales adulterados, a ver si tenían pimpinas de combustible en el baúl, a ver si el carro estaba solicitado, a ver si tenían los papeles en regla y la mayoría de estas personas que están aquí en la cola del pueblo tienen vehículos que no son de ellos, tienen vehículos que no tienen seriales correctamente identificados o que están solicitados. Entonces, nosotros nos hemos dado cuenta de que cuando escuchamos el rumor allá de que hay operativo de revisión de vehículos para la cola del pueblo, nosotros podemos anotar 300 vehículos, pero quedan nada más 150 porque el resto se pierden. Se pierden nada más por el temor de que le quiten el vehículo porque no está en regla, entonces pierdan la fuente de sustento para sus familias (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

Sem embargo, na sua fala, percebemos que para ele o importante não é o delito, a denúncia, a legalidade. Para ele, enquanto migrante, porta-voz do MSRB, o importante é o sustento familiar, a “remessa” como objetivo imediato dessa “economia subterránea” e dessa mobilidade interna associada ao “garimpo urbano” e assim à forma clássica da garimpagem.

3.2 Os “outsiders migrantes”: a mais nova comunidade migrante em SEU

Como dito anteriormente, a nossa amostra foi de 140 pessoas que frequentam as filas de acesso aos postos de combustíveis. Desse total a maioria é de migrantes, ou seja, 93% são não nascidos em SEU. Os principais estados representativos desses migrantes são: 43% no estado Bolívar; 13% no estado Anzoátegui; 10% no Distrito Capital; 6% em Guárico; 4% em

Sucre e 4% em Monagas. Os outros lugares de nascimento variaram entre 2% e 1% e representaram 10 estados venezuelanos mais.

Dessa forma, os percentuais mais representativos, com a exceção do Guárico¹³⁹, vem de entidades localizadas na região norte oriental costeira e centro oriental do território venezuelano, geograficamente conectadas com a cidade de SEU.

A imensa variedade encontrada nesse padrão permitiu nos corroborar a condição migratória desta “cidade transfronteiriça”, seguindo com a definição utilizada para as várias fronteiras presentes no “lugar Guayana”, sendo tradicionalmente “ponto de apoio” da garimpagem no interior municipal e um lugar, até então, tranquilo que inspirou a representação do paraíso, um dos destinos turístico mais importante do país e internacionalmente. No entanto, agora é, primordialmente, um lugar de passagem ou de migração transfronteiriça.

Em relação à análise sobre o lugar onde moram atualmente, os pesquisados assinalaram, predominantemente, a cidade de Santa Elena de Uairén (46%); seguidos daqueles moradores de outros municípios do estado Bolívar (18%); Anzoátegui (8,5%); Monagas (8%); Distrito Capital (5%); Guárico (6%); Sucre (2%) e Margarita (2%) . Esses dados corroboram com os dados acima na relação entre lugares de nascimento e residência e o estreito vínculo migratório existente na região, pontualmente, na região norte oriental do país.

A prevalência inter-regional na migração interna nos demonstra a vigência desse tipo de mobilidade humana na região Amazônica, em que os migrantes constroem seus itinerários de sobrevivência indo de um a outro povoado até conseguir um mínimo de condições dignas, mas, que esse alcançar pode levar anos de vida (OLIVEIRA, 2014).

Nesse padrão geral, a maioria deles, ou seja, 39% revelaram ter chegado a Santa Elena de Uairén devido à situação econômica venezuelana, não necessariamente para vender combustível. Nas entrevistas, pelo menos um afirmou que seu projeto inicial era migrar ao Brasil e que só permaneceria em Santa Elena enquanto economizava para continuar sua viagem. Desses, 26% disseram estar em Santa Elena por motivos de trabalho; 16% por motivos familiares, incluindo nesse grupos pessoas que mobilizaram-se por reunificação familiar, casamentos, ainda quanto mudança depois do divórcio; 6% por ser esse seu lugar de nascimento; 4% pela tranquilidade do lugar; 2% por turismo; 2% por estudos e 2% por garimpagem; os restantes disseram encontrar-se em Santa Elena por motivos variados tais como futuro, procura espiritual, atividade religiosa ou simplesmente por uma melhor vida.

¹³⁹ Guárico está localizado na planície central do país, região focada nos agronegócios, uma área muito afetada pela crise econômica do país, especialmente devido à escassez de insumos agrícolas.

Enquanto as pessoas com mais de cinco anos em SEU foram motivadas a vir por razões sentimentais ou de melhora pessoal, aquelas que chegaram há cinco ou menos foram atraídas pelas oportunidades de trocar suas situações econômicas.

Numa revisão mais detalhada dos resultados, achamos que 51% dos entrevistados declararam ter menos de 1 ano no povoado. Mais especificamente 75% deles têm média de cinco meses a quatro dias e 25% média de 10 dias. Durante a pesquisa, o entrevistado #73 revelou ter apenas três horas na localidade e ter chegado direto ao posto de combustível, onde contava já hora e meia, ser mecânico, que procurava emprego e que já sabia da venda de combustível, embora não tivera ainda decisão de vender.

De modo complementar, 43% dos entrevistados expressaram ter mais de um ano, com média de 12 anos três meses na cidade. Essas duas apreciações do tempo de chegada das pessoas, muito diferenciadas uma de outra, nos permitiram mais uma vez analisar a mostra quanto a representação da conformação migratória da cidade, além de expressão de uma corrente migratória que até um ano aproximadamente foi atraída fortemente pela comercialização de combustível, nos seus primórdios e desenvolvimento dessa atividade nesta cidade e que posteriormente faz parte de um fluxo migratório itinerante num cenário de “migração forçada transfronteiriça”, ainda de “sobrevivência”. A porcentagem faltante corresponde aos nativos da cidade.

A origem forasteira¹⁴⁰ dos usuários da “fila do povo”, um qualificativo muito sugestivo, a motivação dessa migração, o desespero associado as necessidades familiares, as oportunidades que oferecem as fronteiras, mesmo as dificuldades decorrentes da condição de fronteira foram também conferidas pelo porta-voz¹⁴¹ dessas pessoas, Alejandro Castillo, coordenador do MSRB.

Nosotros hemos hecho un sondeo, hemos hecho un censo, donde nos hemos dado cuenta de que más 70% de las personas que hacen vida en la cola del pueblo son personas que vienen de otras latitudes, de otras ciudades, de otros estados a hacer vida en Santa Elena. Muy bajo porcentaje son los residentes de acá. Entonces, eso genera también un problema social. Esas personas normalmente no tienen donde

¹⁴⁰ No restante das filas colocam-se fundamentalmente residentes de Santa Elena, isso por conta dos requisitos exigidos pelos funcionários responsáveis dos postos para ingressar nesses registros: os comerciantes, transportistas e operadores turísticos registraram-se, a través das suas associações gremiais, apresentando os documentos de suas companhias e carros; enquanto as mulheres e idosos devem apresentar documentos do veículo e carta de residência.

¹⁴¹ Em 2016, iniciou-se a organização dos usuários não favorecidos pelas licenças concedidas por mandato do *Consejo Municipal*. Assim surgiu o MSRB que agora encarga-se de organizar as filas do povo, dos caminheiros e as mulheres. Embora, a escolha e relacionamentos dos porta-vozes com os administradores e pessoal de seguridade dos postos têm motivado críticas, pela suposta coação desses representantes. Um morador de Santa Elena, com mais de 30 anos na cidade, assegurou que os porta vozes são escolhidos, indiretamente, pelo pessoal dos postos, entre os mais lutadores dos usuários para evitar, concessões mediante, seus constantes reclamos.

quedarse, no tienen donde vivir, si están recién llegados tienen que dormir en sus vehículos en la cola. Entonces, realmente es un problema serio, muy pero muy serio. El alto porcentaje de las personas que están acá unos por el combustible, por el atractivo que hay en la frontera de que el combustible lo puedes comercializar ilegalmente; otros por el atractivo del efectivo (...) Eso se debe a muchos fenómenos económicos que el Gobierno no ha sabido controlar. Es un espiral de inflación al que nosotros estamos sometidos, es una presión social fuerte donde la devaluación es la principal fuente de presión. La gente viene desesperada de otras latitudes: de Maturín, de El Tigre, de Puerto La Cruz, de Caracas, de Acarigua, hemos tenido personas aquí de Barlovento, de Trujillo, de Valera, de Maracaibo (Entrevista concedida a Morelia Morillo R. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

O próprio Castillo é migrante. Tinha só dois anos na fronteira no momento da entrevista. Na sua testemunha deu conta do impacto pessoal da crises econômica, da perda, da ruptura associada à determinação de sair para provavelmente não voltar atrás, da magnitude da sua aposta pessoal, da motivação econômica da sua decisão de migrar, da ilusão garimpeira associada a sua viagem, ainda não sendo diretamente garimpeiro, igualmente dos inconvenientes e riscos usuais de esse tipo projeto e da organização quanto estratégia de sobrevivência e fonte de empoderamento.

Yo vivía en Maturín, teníamos un negocio. Poco a poco el negocio se fue contrayendo en las ganancias, en la forma de conseguir los productos, no era suficiente volumen para mantener lo que estábamos acostumbrados a percibir y decidimos cerrarlo. Cerramos y yo dije bueno me voy a Santa Elena porque tenía un camión que vender. Me dijeron en Santa Elena pagan en oro. De repente con el oro, tú puedes venir y haces otro negocio. Me pintaron una cantidad de situaciones que yo dije, bueno Santa Elena es el destino. Cuando llego acá me encuentro que la cuestión es diferente. No es como me lo habían pintado. La cuestión es ruda, es dura acá y especialmente por el sistema de alojamiento porque es demasiado caro y entonces bueno me quedé y vi esta oportunidad de ayudar a los muchachos a que organizáramos los usuarios de la cola del pueblo, estuvieron de acuerdo, hicimos varias asambleas y gracias a Dios no me puedo quejar porque estoy en un sitio en donde me siento bien sirviéndole al público, un servicio social que no estoy esperando remuneración, recompensa, ni agradecimiento de nadie sino que lo hago porque sé que hay una necesidad y hay un pueblo que está esperando que se lleve a cabo la organización (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

No seu testemunho, apreciamos novamente, mas em primeira pessoa, a ocorrência da migração interna durante as crises nacionais. Esse depoimento, cheio de perdas, emocionais e materiais, prova como nos países subdesenvolvidos são os migrantes internos, nacionais, quem assumem o desempenho das atividades comuns dentro das economias subterrâneas, quanto os empregos indesejados, as tarefas e ocupações que, nos países desenvolvidos, seriam

desempenhadas pelos estrangeiros irregulares procedentes de países em crise e urgidos de dinheiro¹⁴² (SOLÉ, 2001; BAGANHA e REYNERI, 2001).

3.3 “Gaiola dos esquilos”: “migração rotativa” na apropriação e venda da gasolina

Partindo de nosso tema de pesquisa, os que disseram participar da comercialização de combustível permanente ou eventualmente representaram 39%¹⁴³. Desses, 52% afirmaram ter mais de cinco anos de residência em Santa Elena de Uairén, ou seja, são os “estabelecidos” e 48%, dos entrevistados disseram ter menos de cinco anos, considerados, portanto, “migrantes outsiders” dentro dos critérios de nossa pesquisa. Vale ressaltar que nenhuma pessoa, desse 48%, participantes da dinâmica da comercialização de gasolina, manifestou ter, pontualmente, um ano vivendo ou transitando em SEU.

Esse descenso na quantidade de pessoas com menos de cinco anos corrobora com a pesquisa de Issam Madi realizada em 2013 e poderia encontrar explicação no limite de 20 litros por carro, nos altos custos da vida na fronteira, especialmente os altos valores dos aluguéis em SEU¹⁴⁴, a hiperinflação e a política compartilhada pelas autoridades indígenas e a Prefeitura Gran Sabana que, atualmente, tentam barrar as ocupações ilegais de terras. Há uma variedade de fatores que constituem fortes “barreiras de permanência” ao estabelecimento em SEU, principalmente para aqueles que se iniciam na atividade de compra e venda de gasolina.

Assim, enquanto até 2017 a comercialização de combustível foi o principal atrativo migratório da cidade e, portanto, o acelerador do seu crescimento, temos elementos para pensar que esse crescimento se desacelerou a partir da suma de condições expostas e que a mobilidade decorrente de gasolina virou num “fluxo rotativo” (BAGANHA e REYNERI, 2001), ou seja, pessoas que vem e voltam em períodos de tempo não definidos.¹⁴⁵

¹⁴² Essa outra cara da comercialização de combustível já se apresentou nos primeiros anos dessa atividade informal e subterrânea, quando o câmbio da moeda beneficiava aos venezuelanos. Num princípio, eram os pampeiros (condutores de veículos tipo pampa com grande capacidade em seus depósitos) quem movimentavam essa atividade. Ainda em 2005-2006, muitos deles chegavam a Santa Elena cedo na manhã, no momento mesmo de abrir a fronteira, preenchiam os depósitos dos seus carros nos quintais de casas já conhecidas e voltavam a Boa Vista. Na atualidade são raros os pampeiros que passam à fronteira venezuelana para levar carburante. Aparentemente, pelos controles e outras intervenções dos funcionários militares venezuelanos e pela disposição dos venezuelanos a cruzar a fronteira com gasolina, vender lá e incrementar seus ganhos.

¹⁴³ Essa porcentagem é 8% superior à porcentagem de Madi para 2013.

¹⁴⁴ Em nov. 2018, o aluguel duma vivenda de dois habitações e banheiro aproxima-se Rs. 600, o equivalente a BS.3000 de acordo com o câmbio no mercado paralelo, enquanto ingresso mínimo a set. 2018, era de BS. 1980. Em mai. 2018 o aluguel duma habitação pequena tinha valor de Rs.200 mensais, enquanto aquelas com cozinha tinham valor de Rs.300. A modalidade que mais cresceu entre 2017-2018 foi aluguel por dia cujo valor em out.2018 alcançou Rs.15 a 20 por dia. Essa modalidade é muito popular entre talibãs e taxistas formais e não formais, pessoas que dependem da diária conseguida.

¹⁴⁵ Todos esses aspectos serão detalhados para frente dentro dos impactos socioculturais da migração por comercialização de combustível para quem participam dessa dinâmica e suas famílias.

Neste cenário as normativas das autoridades da PDVSA sobre o controle da atividade de comercialização de combustível funcionam como estratégia de controle migratório interno, mesmo que não seja esse o propósito. Segundo a fala de Alejandro Castillo, do MSRB, mesmo os migrantes percebem-se quanto população rotativa¹⁴⁶, uma descrição que adotaram da sua situação resultante entre seus limitados ingressos contra o custo da vida no local.

Hay una rotación muy acentuada porque la gente se da cuenta de que en el municipio no hay oportunidad habitacional. Aquí no hay política habitacional para ofrecerle alojamiento a las personas. Los alquileres ahorita están inalcanzables. Una habitación de cuatro por cuatro, te cuesta 300 reales al mes (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

Ainda para aqueles que manifestaram usar o combustível só para a venda, sua frequência de visita ao posto ronda os três dias por semana, incluindo o domingo e um tempo médio de permanência na fila de 17 horas (segundo os questionários).

No melhor dos cenários imagináveis para os revendedores outsiders era vender a totalidade de gasolina obtida (20 litros na atualidade¹⁴⁷) em Rs. 40, aproximadamente US\$.10 depois de ter feito aproximadamente 17 horas na fila de espera. Assim sendo, seu cálculo do “rendimento” alcançaria um valor de Rs. 2,35 por hora. Somando por volta de Rs. 640 por mês, isso descartando toda eventualidade¹⁴⁸. De forma que quem conseguir gasolina uma vez por semana só, alcançaria um rendimento de Rs. 160 por mês ou de Rs. 320 de conseguir duas vezes por semana para sua posterior revenda. Esse raciocínio é válido, no caso que o veículo seja próprio. De outra forma, o rendimento seria ainda menor¹⁴⁹.

Dessa maneira, nas longas jornadas de permanência na “fila do povo”, ficam evidentes as condições de “vulnerabilidade” dos migrantes internos. Coincidindo com as características descritas por Egea e Soledad (2013) para os “pimpineiros”, ou seja, os revendedores de

¹⁴⁶ A “população rotativa ou itinerante” é também uma constante nas áreas de garimpagem, sendo assim chamadas aquelas pessoas que permanecem um tempo só no lugar de destino, voltam a sua origem e eventualmente retornam ao garimpo para trabalhar na exploração mineral ou no comércio.

¹⁴⁷ Em 8 nov. 2018 o limite de preenchido continuou sendo de 20 litros por veículo. Durante o protesto de San Miguel de Bethania em outubro 2018, e nos dias seguintes, a quantidade foi reduzida a 15 lts. e o combustível alcançou um valor de Rs. 20 por lt. Posteriormente, o valor estabilizou-se por volta de Rs.2 a Rs.3 por lt. Esse manejo da gasolina ante a crise da conta da importância estratégica desse recurso nesta fronteira.

¹⁴⁸ O propósito de preencher o depósito de combustível pode ser obstaculizado por muitas circunstâncias cotidianas: os protestos na Troncal 10, a hora de chegada da gasolina, as alterações no esquema de distribuição de PDVSA, o esgotamento do estoque. Assim, em dez. 2018, é habitual que uma pessoa só consiga combustível uma a duas vezes por semana das três ou quatro correspondentes.

¹⁴⁹ Entre as pessoas que participaram da pesquisa, pelo menos uma (o entrevistado #116) manifestou não ser o dono do veículo que conduzia. Contou que abastecia o tanque e, depois de vender o combustível, transferia uma porcentagem do valor para seu patrão. Nesse momento, entre maio e julho 2018, o real por transferência tinha um valor duas a três vezes maior que em dinheiro. Em nov. 2018, superada escassez de dinheiro, depois da introdução das novas notas, o real por transferência tinha um valor de BS. 70, BS.20 mais do que em dinheiro.

gasolina venezuelana na fronteira Colômbia-Venezuela¹⁵⁰. Eles aproveitaram a “vulnerabilidade” para descrever essas pessoas, grupos ou comunidades que tenham que resistir ou responder a riscos imediatos, embora em condições de desvantagem acrescentando suas possibilidades de resultar afetados. Essa descrição mesmo pode abranger os *talibãs* porquanto suas condições de trabalho, económicas e de bem-estar, de moradia, ainda a manipulação dum material inflamável ameaçam constantemente suas elementares possibilidades de sobrevivência e da sua família.

Outros enfoques, vinculam a “vulnerabilidade” dos migrantes às condições particulares desse grupo, comunidade ou pessoa, que, durante o processo migratório, acrescentam os riscos que poderiam sofrer inclusive à exploração. Por exemplo, a “vulnerabilidade circunstancial” pode estar vinculada à situação econômica, desemprego ou pobreza (UNODC, 2012^a apud BARBORA; BIROL, 2014) que levam uma pessoa a iniciar um processo migratório sem ter conhecimento da atividade a desempenhar, das condições cotidianas e dos ganhos reais que gerará para ele e sua família em contraposição as perdas.

De outra forma, são os usuários da fila geral, *os talibãs* os últimos a ingressar ao posto e, portanto, quem, com mais frequência ficam por fora quando se esgotam os estoques; são os que mais esperam e, porém, quem menos recebe. Enfim, são os “outsiders migrantes”, participantes da comercialização de combustível, quem mais sofrem tanto pelo “mais tempo” de espera quanto pela falta de combustível que põe em risco ao trabalhador e sua família, quando a gasolina não chega ao posto ou quando por conta de alguma eventualidade das muitas possíveis, não conseguem apropriar-se da ansiada mercadoria.

Nessas circunstâncias, nem sequer tem sentido trabalhar “mais tempo”, ou seja, ficar mais tempo na fila, uma vez que a quantidade máxima de gasolina são 20 litros por carro. No dia a dia, o suposto excedente das horas trabalhadas (tempo gasto em filas de espera) não altera o valor da renda do combustível, mas o *talibaneo* funciona como estímulo para a sujeição ao prolongamento do tempo de espera e às condições precárias dessa apropriação.

O cálculo dos “rendimentos ganhos” em relação ao “tempo desprendido”, no caso dos talibãs, não aumenta a quantidade de mercadoria apropriada. Dito de outra forma, seja qual for o “tempo gasto” em filas de espera para a aquisição do combustível a quantidade será a mesma: 20 litros de gasolina e, portanto, similar o “rendimento”¹⁵¹. Assim sendo, os *talibãs*

¹⁵⁰ Egea e Soledad (2013) utilizaram a categoria “vulnerabilidade” para descrever a fragilidade e escassa capacidade de resposta, aos riscos iminentes, dos revendedores informais de gasolina venezuelana na cidade de Cúcuta, localizada no estado Norte de Santander, Colômbia. Chamados de *pimpineros* porque armazenam o combustível em envases (*pimpinás*) de não mais de 30 litros.

¹⁵¹ Em situações excepcionais, como obstruções da Troncal 10, o limite pode baixar a 15 lts.

devem procurar diretamente um comprador avulso e mesmo fixo para a venda. Mas, mesmo nessa situação, são mais vulneráveis os “outsiders migrantes”, os *talibãs* da fila do povo, que não tem uma rede de amizades e de contatos sejam de garimpeiros, sejam de brasileiros e, desse modo, devem resignar-se aos valores pagos pelos distribuidores informais.

Algumas narrativas de entrevistados, na “fila do povo” apontavam as virtudes da venda de gasolina, tais como: dinheiro imediato, reais brasileiros com valores muito acima dos bolívares venezuelanos, a possibilidade instantânea de sustentar a família e pouco investimento e capital inicial, independência, trabalho sem chefe e sem horário. No entanto, os altos valores dos aluguéis, obrigam com frequência aos “outsiders migrantes” a viverem nas filas, tomar banho no igarapé mais perto e voltar, pois, nem tem aonde ir nem combustível para se mover.

De tal modo, que 68% dos entrevistados manifestaram ter um lugar de residência, habitação ou moradia, 32% disseram passar a noite no carro e, desses, apenas um (#61) disse que, eventualmente, dorme em hotel dependendo do rendimento do dia; o #78 relatou que dormiu no carro inicialmente, até conseguir um lugar para alugar; o entrevistado #65 explicou que vem a SEU para fazer economias e enviar remessa para família, portanto, não aluga.

Esses resultados coincidem com a estimativa de Castillo, em entrevista, representante dos usuários da “fila do povo”, de que há muitas mais pessoas que pernoitam nos próprios carros ou no entorno das filas, mas não admitem, seja por vergonha ou por temor as represálias de parte das vizinhanças ou das autoridades¹⁵². Possivelmente, seja esse o caso do #31 que diz ter um sítio de residência, mas levava no carro lençóis e travesseiro.

Alejandro Castillo, porta-voz dos usuários dessa fila de usuários, organizados no MSRB, comparou a experiência de vender combustível com a dinâmica de uma “*jaula de ardillas*” é dizer de uma “gaiola de esquilos”¹⁵³, em um ir e vir com a única finalidade de conseguir o dinheiro necessário para sua alimentação e de sua família, uma “estratégia de sobrevivência” seja na intrincada cadeia da garimpagem, seja no contrabando internacional na fronteira Venezuela-Brasil. Essa estratégia que, se bem facilita a sobrevivência, é ao mesmo tempo fonte de perdas não contempladas na apropriação da mercadoria, de frustração e um cemitério de esperanças:

¹⁵² Anteriormente, antes de 2013, os vereadores de Gran Sabana votaram várias ordenanças municipais ordenando as autoridades de segurança retirar as pessoas que passaram a noite na fila. Nesse sentido, os vizinhos de *Akurimá*, um dos bairros onde forma-se a fila, frequentemente denunciavam a presença permanente, hábitos de higiene e consumo dos talibãs que vivem nos carros.

¹⁵³ Os esquilos são reconhecidos como os animais que trabalham, sem parar, no dia todo, levando a comida que recolheram desde a floresta à cova.

Bueno ve, yo lo puedo comparar con una jaula de ardillas, las personas no vienen a ser más felices porque comercializan con gasolina o porque tienen más o menos dinero. La única ventaja que ellos le ven es que tienen el dinero, lo pueden depositar en reales, la transferencia se hace a cualquier parte del país y allá tienen más recursos con que vivir. Pero para los que están acá haciendo el negocio es como una jaula de ardillas. Es un círculo vicioso que se repite, se repite, se repite y no llegas a ningún sitio. Lo que llega es que destruyes el vehículo, te pones cada vez más viejo, te salen más canas y no llegas a ninguna parte porque no hay salida, esto es un callejón sin salida. La comercialización de combustible para las personas que quieran venir acá de cualquier otra latitud lo que te ofrece es un paliativo temporal para la cuestión comida, para la cuestión financiera, pero no te va a solventar el problema de fondo que ya es algo tan enquistado en la sociedad que se ha convertido en un problema. No hay salida de este tipo de actividad, más que agarrar la gasolina, venderla, agarrar los reales depositarlos, comer, volver a poner el carro en la cola. Lo que estás es acabándote tú y acabando el carro. Así de sencillo lo veo yo, esto es una jaula de ardillas, donde estamos dando vueltas todos los días, patinando sin llegar a ningún sitio (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

Assim, o *talibane* é muito similar ao universo da garimpagem, ou da busca do Eldorado que tem como motivação e estímulo central a ideia de enriquecimento rápido, de autonomia e sem chefia. O sonho e ânsia de melhorar as condições de vida minimiza a percepção das condições e de trabalho, onde seu cotidiano é construído em torno das extensas horas em filas, longe da família, sem opção de lazer (SANTOS, 2016; RODRIGUES, 2009, 2009; 2017).

No intuito de conter as vulnerabilidades, a jornada de espera e os baixos rendimentos decorrentes desta situação de subemprego e, ainda, em uma economia subterrânea, surgiu o MSRB que ao princípio agrupou os usuários da “fila do povo” e, posteriormente, incluiu também tanto as mulheres como os caminhoneiros. Embora, os tempos de espera na “fila do povo” sigam sendo elevados, Castillo garantiu que são muito menores e que essa redução se deve precisamente à organização.

Cuando las condiciones están dadas y hay combustible en la estación las personas están tardando un promedio de tres horas. En tres horas nosotros estamos fuera de aquí. Anteriormente, nosotros pasábamos 10 y 12 horas no teníamos garantía de que íbamos a echar combustible. A veces, nos pasábamos 24 horas porque nos decían se acabó el combustible y no teníamos oportunidad (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

Sendo a “remessa” o eixo principal do seu rudimentar projeto migratório, os talibãs, enquanto migrantes “itinerantes ou rotativos” estão dispostos a participar de uma atividade de controvertido status social, duvidosos ganhos e difíceis condições de vida. Sem descartar a possibilidade de se estabelecer no lugar de acolhida, sempre que tem condições para trazer a

sua família e continuar ganhando o dinheiro suficiente para sua manutenção ou financiar um novo negócio, ocasionalmente, diferente ao primeiro.

Baganha e Reyneri (2001) analisaram a definição de migração “rotativa ou itinerante” no propósito de entender a migração estacional de africanos na Itália onde, por curto tempo, conseguiram um emprego por temporada, geralmente, não desejável para os habitantes locais, com uma remuneração que lhes permite enviar dinheiro a casa, fazer algumas economias para seu retorno e viver, nos casos dos mais jovens, uma aventura num lugar longínquo e desconhecido. Mas também incluíram nessa categoria aqueles que eventualmente ingressam nas economias subterrâneas, embora certa permanência, não pagam impostos.

Os dados nos permitiram conferir a motivação econômica da migração para a comercialização da gasolina, mas não foi possível verificar, em sua totalidade, a melhoria da qualidade de vida dos migrantes ou mesmo a subsistência, ajuda aos seus familiares ou mesmo juntar dinheiro para continuar sua viagem até o Brasil, Boa Vista, Roraima. Seria necessária outra pesquisa com o caráter de verificar e aprofundar os impactos dessa comercialização nas condições de vida dos “migrantes outsiders”.

No final de cada itinerário, de cada lapso de seis ou cinco meses de trabalho, que só parece tempo de espera; de cada ciclo de apropriação da gasolina e envio de dinheiro, o “migrante outsider” apenas conseguirá voltar ao seu lugar origem. Tendo amiúde que ficar um tempo adicional e indefinido para juntar mais dinheiro, arrumar seu carro, que possivelmente já não lhe permita voltar e ainda mais para não voltar de mãos vazias. Enquanto, como relatou Castillo a pessoa e seu carro ficam cada vez mais velhos, aprisionados nesse sistema por conta da sobrevivência, ou como diz ele, na *jaula de ardillas*¹⁵⁴.

A utilização dessa fábula facilita o entendimento do fluxo migratório descrito enquanto “rotativo ou itinerante”, ou seja, de pessoas atraídas pela possibilidade de participar da comercialização de gasolina e garantir sua sobrevivência, bem como a descrição da dinâmica e das pessoas que devem permanecer no posto o dia todo e cada dia em condições questionáveis e com rendimentos limitados. Assim como os esquilos na gaiola, sua permanência em Santa Elena de Uairén é fundamentalmente nos postos, de onde saem apenas para comercializar gasolina e voltam a aguardar, outra vez mais, mais gasolina e, assim, perpetuar o círculo vicioso.

¹⁵⁴ Essa imagem da gaiola de esquilos não é casual nos postos de combustível de Santa Elena, onde, segundo testemunhas de usuários, existe uma pergunta recorrente e definitiva: Vc. é sapo ou esquilo? Para quem quer saber sem o chegado é talibã ou pelo contrário é um delator. Na Venezuela, nas favelas, a palavra sapo é utilizada pejorativamente para nomear a quem atua como delator.

3.4 A remessa: a sobrevivência é a principal motivação dos outsiders da gasolina

Nesse grupo dos “outsiders migrantes”, participantes da comercialização de combustível, achamos só 11% de mulheres; os demais eram homens, com idades entre 25 a 45 anos, 56% deles casados e 44% solteiros. Embora, sendo solteiros, todos tinham, em média, de quatro pessoas sob sua responsabilidade e sustento e, desses, somente um manifestou não ter pessoas sob sua responsabilidade econômica, portanto, não ter que enviar dinheiro à casa.

Em total, 43% dos 28 disseram ter completado o ensino médio, 21% o ensino fundamental e 29% o ensino universitário, entre eles um engenheiro de PDVSA que relatou ter duas semanas na cidade, acolhido em casa de um amigo; além de dois (7%) funcionários de corpos de segurança, um regional e um nacional que revelaram ter renunciado a suas formações e empregos para satisfazer suas responsabilidades econômicas familiares. Fica descartada, dessa forma, a falta da educação formal como razão primeira para que essas pessoas se submetam a atividade irregular, de desconforto e, aliás, limitadamente rentável.

A renda familiar declarada pelos entrevistados flutua entre onze a setecentos reais, mas, em uma economia hiper-inflacionária, onde a moeda perde valor real diariamente e valor formal, mediante a conversão monetária uma a duas vezes por ano fica difícil ter uma estimativa fixa do valor dessa renda¹⁵⁵. Por isso, apesar do tempo que passam na fila, 89% deles manifestaram fazer outras atividades, embora a venda de combustível seja a parte fundamental das suas economias, mesmo eventual e instável; 11% deles manifestaram não ter outros ingressos, portanto depender totalmente desse comércio de gasolina.

Essas outras atividades são, em primeiro lugar, trabalho de táxi ou transportistas independentes e representam 46% dos entrevistados. É possível afirmar que há uma estreita relação entre as duas principais economias informais do povoado de Santa Elena: o *taxeo* e *talibaneo*¹⁵⁶ e que as mesmas se constituem parte da cadeia de comercialização do combustível.

Enquanto as outras atividades desempenhadas nos “horários de tempo livre”, ou que não se encontram em filas, estão o comércio informal com 21% dos entrevistados. Um dos relatos dos entrevistados informava que viajava a fronteira com a finalidade de vender

¹⁵⁵ Em jul. 2018, no mercado paralelo local cada real tinha um valor de 180.000 bolívares. Depois da última desvalorização, deste período e substituição das notas em agosto 2018. Em nov. 2018 o câmbio ficava em 50 bolívares soberanos (BS) por cada real, chegando a BS.70 a final de mês.

¹⁵⁶ Em Santa Elena de Uairén não existe transporte público coletivo. De tal sorte, sendo uma cidade segura, em comparação com as cidades venezuelanas nas cercanias, é considerada um bom ponto para taxiar, tanto pelos habitantes estabelecidos quanto pelos outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000).

gasolina, comprar e levar gêneros alimentícios para revender e consumir na localidade de origem, ou seja, *bachaquear* e, depois, recomeçava o itinerário; outro contou que comercializava peças de automóveis e óleos automotivos e, outro, simplesmente falou do comércio. Pudemos observar durante a pesquisa que um deles preparava com sua esposa café e sucos no carro enquanto estavam na fila. Depois, a mulher saía para vender às pessoas que estavam nas filas e, assim, aumentar os rendimentos; outra atividade, na fila de espera, são as vendas de recargas telefônicas.

Ainda, em relação a ocupação anterior a atividade de comercialização de combustível, 15% disseram ser mecânicos atividade que, com frequência, realizavam também durante as filas; 7% disseram ser pedreiros e um entrevistado disse ser professor de inglês, mas que a atividade mais rentável e de maior dedicação era a comercialização de combustível. Lembrando que 11% não tem outra ocupação além do comércio da gasolina.

A análise ocupacional dos “migrantes outsiders” nos postos Kukenán e Mapauri nos permitiu conferir a importância do *talibaneo* e do *taxeo* na economia de Santa Elena, ou seja, há uma estreita relação de complementariedade desses dois elementos como atrativo para a migração. No caso dos “migrantes outsiders”, de aqueles que chegaram a Santa Elena há cinco anos ou menos e que praticam a comercialização de combustível, o *taxeo* representa uma fonte de ingressos igualmente importante para a grande parte deles e a garantia complementar para enviar dinheiro ou comida a suas famílias¹⁵⁷.

Além disso, a abundância de atividades desempenhadas por essas pessoas dá conta de um grupo com uma pequena capacidade de inversão, a maioria deles têm carro próprio, que simplesmente procuram uma entrada de dinheiro adicional em uma situação excepcional, em uma atividade e um contexto que, à primeira vista, pode resultar esperançosa.

A maioria deles, 7% dos entrevistados manifestaram ter cinco anos em Santa Elena; 7% quatro anos; 7% três anos; 11% dois anos e 68% menos de um ano. Entre esses últimos, encontramos nove pessoas com entre um a três meses no lugar; nove com entre quatro a seis meses e um com menos de nove meses. Conferindo sua participação num fluxo de “migração itinerante” que se desloca desde um ponto de origem até um ponto de destino, com períodos de permanência incertos, geralmente de não mais de seis meses, até sua volta ao lugar de origem, movidos sempre por uma motivação fundamental: enviar “remessas” a suas famílias seja em dinheiro ora em gêneros alimentícios.

¹⁵⁷ Já no Capítulo 4 analisaremos como o envio de gêneros alimentícios, num momento de desabastecimento como o venezuelano atual, é sem dúvida um tipo de remessa igualmente válido e em ocasiones um alívio mais eficaz para aqueles que moram nas cidades onde conseguir comida é muito difícil e custoso.

Nesse itinerário fora de casa, o compromisso dos migrantes é o envio da remessa aos familiares que ficaram no lugar de origem, desprovidos de dinheiro e comida. Desse jeito, a comercialização da gasolina e a remessa surgem quanto duplas numa “estratégia de sobrevivência” própria da fronteira. Alejandro Castillo explicou a importância dessa articulação, segundo sua própria experiência e a experiência dos seus colegas:

Entonces, usted se puede imaginar que cualquiera que viva acá en Santa Elena y tenga el acceso a reales y tenga la familia viviendo en cualquier otra latitud, gana 100 reales y transfere en bolívares y su familia por allá puede vivir más o menos cómoda. Eso se debe a muchos fenómenos económicos que el Gobierno no ha sabido controlar (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

A “remessa”, é o envio de bens, mercadorias ou dinheiro a outro lugar e, diferentemente da migração internacional, ocorre dentro do mesmo país. No entanto, vale ressaltar que a situação de fronteira é um fator que interfere na dinâmica desses envios. A chamada “fronteira múltipla” supõe ganhos para os revendedores de combustível a partir do próprio câmbio da moeda¹⁵⁸ e da demanda da garimpagem e a referência do ouro.

De tal forma, os destinos dessas remessas internas são, em primeiro lugar, o Estado Bolívar com 58% dos entrevistados; enquanto, desses 58%, 50% mais manifestaram residir em Santa Elena, não tendo que enviar suas economias, mas sendo igualmente para a base de seus pés-de-meia familiares; 11% vão ao estado Monagas; 7% do Distrito Capital e similares porcentagens a Anzoátegui e Guárico; 4% a Margarita, mesmo assim a Portuguesa e Delta Amacuro. Todos eles, com a exceção do #68, que não tem responsabilidade com outros, são emissores permanentes de remessas ou geradores da subsistência das suas famílias recentemente estabelecidas em Santa Elena. De outra maneira, os lugares de origem desses migrantes confirmaram a importância da proximidade geográfica na definição dos itinerários migratórios internos e da fronteira como opção para aqueles que têm acesso a ela e sua variada gama de possibilidades para o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência.

3.5 “Fila das mulheres”: o gênero como fator de organização na venda de combustível

Do total de 140 entrevistados, 24% são do gênero feminino e foram entrevistadas na “fila das mulheres”. Ainda, do total de entrevistados, 39% afirmaram comercializar

¹⁵⁸ Em 26 nov. 2018, em comunicações orais, vários dos proprietários de lojas estabelecidos na Rua Suape, de Pacaraima, manifestaram que a escassez de dinheiro na cidade tinha relação com o uso crescente do real na cidade de SEU, afetada como o resto da Venezuela, pela hiperinflação e eventualmente a falta de notas.

combustível, seja para revenda, seja para revenda e consumo familiar. Ou seja, 22% dos que comercializam combustível são mulheres e, dentre as mulheres entrevistadas apenas 35% admitiram comercializar combustível. Na “fila das mulheres” encontram-se tanto aquelas que estão em Santa Elena há mais de 5 anos e fazem parte dos “migrantes estabelecidos”, como aquelas que estão há menos de 5 anos e fazem parte dos “migrantes outsiders”.

Acreditamos que, apesar desse pequeno percentual (22%) de mulheres que admitirem que comercializem combustível, uma atividade ilegal e, portanto, parte da economia subterrânea, esse número nos indica que provavelmente muito mais mulheres, como homens também, estariam comercializando sem, no entanto, admiti-lo. Essas porcentagens de migrantes apenas excedem as estimações gerais dos estudos de campo prévios.

Podemos corroborar com Madi, para quem a partir de 2013 houve um crescimento do número de migrantes que disseram ter-se mudado para SEU com a finalidade de comercializar combustível. Em uma primeira olhada, esse burburinho de novos habitantes parecia ser uma réplica urbana da garimpagem devido à predominância dos homens. No entanto, essa paisagem foi se modificando e a presença feminina foi ficando cada vez mais evidente. A participação das mulheres em um processo de deslocamento forçado interno exemplifica o fenômeno de feminização e pauperização das migrações transfronteiriças na Pan-Amazônia (GONZÁLEZ, 2015; OLIVEIRA, 2014; RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010).

A partir de março 2018, é que se constituiu a “fila das mulheres” como tal. Inicialmente, no posto Mapauri, essa fila servia para um grupo de, aproximadamente, 16 mulheres. Mesmo assim, algumas usuárias relataram que as participantes desse grupo impediam a incorporação de outras (embora vizinhas e conhecidas) argumentando que se tratava de um benefício conquistado por elas e não extensível às outras. Já no posto Kukenán, só idosas tinham o direito de estar nessa fila e ingressar em um horário específico.

As mulheres que não ficavam no grupo das 16 favorecidas ou não tinham a idade de 55 anos deviam participar da “fila do povo” e aguardar durante horas pela gasolina, incluso com os filhos no carro ou deixando-os sozinhos na casa. Essa dinâmica prejudicava, segundo observações sistemáticas, especialmente as mães solteiras, que deviam levar seus filhos com elas mesmo deixá-los em casa, mesmo aquelas que se recusavam a utilizar a sedução quanto tática para furar a longa fila¹⁵⁹. Neste cenário, dentro do “modo de vida” associado a comercialização de combustível, a sedução é articulada quanto “estratégia de sobrevivência”

¹⁵⁹ Por volta de julh. 2016, durante um lapso de espera de aproximadamente três horas na fila do povo, contabilizamos até oito ingressos numa mesma motorizada ao posto Mapaurí. A menina chegava até o portão, cumprimentava ao pessoal, sorria, levantava a corda e ia direito à bomba, onde repetia a rotina.

para conseguir a gasolina necessária para o uso pessoal ou sua venda. Na concepção de Arredondo e González (2013), as “estratégias de sobrevivência” são esse conjunto de ações que as pessoas de menor renda realizam com a finalidade de garantir o mínimo de ingressos ou de abastecimento para sua supervivência e de sua família.

No primeiro trimestre do 2018, depois de uma série de jornadas de protesto coletivo pelos atrasos no abastecimento, realizou-se uma assembleia convocada pela Prefeitura com a participação das autoridades civis e militares do povoado e boa parte da comunidade de SEU, foi deliberado pela criação da “fila das mulheres” nos dois postos de combustíveis¹⁶⁰

Para fazer parte dessa fila, cada mulher deve se matricular no registro digital coordenado pelos militares nos postos, apresentar o documento do carro em seu nome e carta de residência outorgada pelo *Consejo Comunal* do bairro onde mora. Por meio de uma liderança escolhida pelo grupo dentre aquelas com maior capacidade de luta, as mulheres registradas têm a possibilidade de saber a hora exata da chegada do caminhão tanque e do início das operações nos postos. O grupo das mulheres é o segundo a ser atendido, depois dos idosos. No entanto, os horários, geralmente, são alterados gerando lapsos de espera de aproximadamente três horas.

Cada mulher tem um número de registro no sistema e quando chega no posto deve informar seu número em voz alta e clara, ao funcionário militar antes de entrar na estação. Então, ele marcará seu ingresso com a finalidade de evitar que as usuárias repitam, no entanto, algumas conseguem burlar as normas.¹⁶¹ Quando o caminhão tanque chega ao posto, há em torno de 80 mulheres formando as filas diariamente para abastecer. Agora, todas, tanto as que vendem quanto as que não vendem, fazem a “fileira das mulheres”.

Das 12 que manifestaram vender seu combustível, uma nasceu em SEU (8%), 67% são “migrantes estabelecidos” e 25% são “migrantes outsiders”. Das estabelecidas, a número #135 relatou que ela chegou sendo uma menina, no momento da *Conquista del Sur* (1972-1973), aquele projeto governamental cujo propósito fundamental foi a abertura do caminho de terra desde El Dorado a Santa Elena. Seu pai, segundo a fala da mulher, foi contratado como construtor pelos encargados dessa obra e depois decidiu ficar na fronteira, procurando trazer ao resto da família desde Barquisimeto, estado Lara, no centro ocidente da Venezuela.

¹⁶⁰ Em celebração do logro desse movimento, durante unos dias, observou-se no acesso ao posto Mapauri, no lugar da fila, um anúncio feito em madeira e aprimorado com flores de cores pintadas a mão com o indicativo: *Tercera edad y Mujeres* é dizer Idosos e Mulheres. Mas, dias depois, o cartaz sumiu.

¹⁶¹ Sem embargo, observamos uma mulher que com a ajuda de seu marido conseguiu ingressar dois carros ao posto. Enquanto ela dirigia um, ele dirigia outro. Ela ficava só na frente do carro no momento de ingresso e na bomba de serviço. De tal maneira, o casal conseguiu burlar a fiscalização estabelecida.

Todas, menos uma, chegaram muito antes do processo de massificação da comercialização de combustível em SEU, por volta do 2002, podendo ser pioneiras do negócio ou, bem, participantes eventuais por conta da crise do país. Apesar de não ser elas pessoas de baixo poder aquisitivo, a venda de combustível seria uma fonte de renda adicional para adiantar suas economias, possivelmente enfraquecidas pelo colapso.

Nesse grupo dos “migrantes estabelecidos” na cidade, que vendem sua gasolina, encontramos mulheres com certa estabilidade econômica: comerciantes formais, uma aposentada e, inclusive, uma vive da renda de imóvel e uma é taxista. A maioria tem entre 30 e 40 anos de idade. Somente uma tem 21 anos. A metade (50%) delas afirmou estar solteira, enquanto a outra metade (50%) afirmou estar casada ou em concubinato. Delas, 33% tem formação universitária, 33% tem o ensino médio e as outras só o ensino fundamental.

Para o nosso foco de análise, as mulheres que compõem o grupo de “migrantes outsiders” e admitiram comercializar combustível são três (8% da mostra das mulheres), tem entre 35 e 47 anos de idade, completaram o ensino médio, duas são solteiras e uma casada. Em média elas tem sob sua responsabilidade econômica até quatro pessoas; duas são comerciantes informais e uma transportista, com renda familiar mensal de Rs.700. Duas delas manifestaram ter-se mudado a SEU procurando a sua família, enquanto a terceira diz ter retornado desde Margarita motivada pela possibilidade de participar da venda de combustível.

Tanto a migração como as atividades informais, ainda que ilegais, como descaminho e venda ilegal de gasolina se enquadrariam, nas chamadas “táticas de sobrevivência”.

A variedade de opções contempladas como “estratégias ou táticas de sobrevivência” (ARREDONDO; GONZÁLEZ, 2013) inclui a incorporação das mulheres nas dinâmicas econômicas diferentes dos habituais, especialmente quando a mulher é o centro de gravidade da estrutura familiar. Não obstante, a maioria das migrantes são mães solteiras e responsáveis pelo sustento de até quatro pessoas em média.

Elas são as principais responsáveis pela manutenção de seus filhos, inclusive de seus pais já idosos, migram, auto empregam-se e, inclusive participam de atividades ilegais apesar dos riscos que possam correr. Sempre motivadas pela sobrevivência.

Assim, as três entrevistadas chegaram a Santa Elena precisamente no período inicial da crise econômica, entre 2013 e 2015, desde os estados Bolívar e Nueva Esparta. A entrevistada #128 migrou de retorno a Santa Elena, onde já tinha morado anos antes e de onde tinha saído para que o maior de seus filhos se formara na faculdade. Sem empecilho, ante a crise, voltou com a finalidade de vender gasolina para juntar dinheiro rápido e comprar

comida para ela, sua mãe e seus quatro filhos. No seu relato expressa o forte impacto emocional da fome, da crise, da perda duma vida que abruptamente sumiu.

Yo estaba viviendo allá por la universidad de mi hijo mayor y por los colegios de mis otros hijos. Estábamos allá, nos habíamos mudado para la Isla de Margarita. De repente, fue hace tres años ya, en abril de 2015, recuerdo que, de repente, de un día para otro, de un momento para otro, se acabó la comida, pero fue muy impresionante pues porque teníamos una vida antes de ese abril. Es más, yo siento que la crisis, me he dado cuenta en los últimos días, que la crisis empezó en el oriente del país, que la crisis empezó en Margarita, en Cumaná porque yo no escuchaba, por ejemplo, en Caracas para nada, Caracas estaba en ese momento normal, normal, normal porque yo lo sabía porque mi ex esposo vivía allá. Entonces, bueno, imagínate, de repente, mi vida como se trastocó, de un momento para otro, fue horrible, horrible, horrible, eso ha sido como un trauma de mi vida, yo lo veo en este momento así. No puedo creer que yo haya vivido algo así, tan horrible y también me duele el hecho de saber que hay tantas personas que viven así desde entonces, en Margarita, por ejemplo, que era la situación que yo vivía, no hay comida y esa situación sigue (Questionário #128. Entrevista concedida a Morelia Morillo R. em SEU; jul. 18, 2018).

Seu testemunho poderia explicar, apesar das diferenças individuais, alguns dos motivos das outras “migrantes outsiders”, vendedoras de combustíveis vindas de cidades localizadas na região sul oriental do país que utilizam Santa Elena como lugar de passagem ou de fornecimento de gêneros alimentícios, especialmente desde 2015-2016.

Na segunda parte da sua fala, a entrevistada #128 nos colocou ante a lógica de quem chega a Santa Elena com a determinação de vender gasolina como “estratégia de sobrevivência” e fonte rápida de dinheiro para viver na fronteira.

Enquanto para os homens a opção *gasolineira* surge como oportunidade de fazer algumas economias e enviar uma remessa para casa, para as mulheres, sobretudo para as mães solteiras, a migração interna rumo a fronteira para comercializar gasolina faz sentido por ser um lugar conhecido, onde falam a mesma língua, conhecem e dominam os códigos legais e culturais, enfim, sentem-se mais seguras. Dessa forma, *o talibaneo*, pode ser algo temporário, uma solução rápida a um momento de crise, uma saída de emergência. Essa foi a experiência relatada na entrevista em análises.

Esa fue la primera vez que vendí gasolina, como para vivir, fue la primera vez que vendí gasolina, algo que puedo hacer con el carro, que me puede dar dinero suficiente como para empezar a vivir aquí, rápido, que sea una realidad vivir en Santa Elena, mantenerme. Como un método de emergencia, de hecho, lo usé hace poco, lo usé hace poco, hace como un mes, cuando mi hijo mayor me dijo, mamá ya no puedo seguir ayudando con los chamos¹⁶². De un momento para otro, cuando te ocurre algo así, la gasolina es una opción, definitivamente, porque yo lo he experimentado así. Por ejemplo, cuando mi hijo mayor me dijo: mamá no puedo seguir ayudando con los chamos, voy a empezar a trabajar y el trabajo me ocupa

¹⁶² Em Venezuela, chamo ou chama são palavras de uso corriqueiro, entre amigos, entre pessoas de mais de 40 anos, quer dizer amigo. Seu uso, não obstante, continua geração trais geração entre os mais jovens.

100% de mi tiempo. Bueno, me tengo que quedar a vivir aquí, qué hago, así como ¿Qué hago? ¿Qué hago? Vender gasolina (Questionário #128. Entrevista concedida a Morelia Morillo R. em Santa Elena de Uairén; jul. 18, 2018).

A entrevistada #128 relatou que com 15 reais, que era o máximo que conseguia pela gasolina no momento, adquiria um quilo de carne e alguma coisa mais de comer, arroz ou pasta, algo de tomate e cebola. Para ela, o mais importante era ter comida. A experiência da fome é uma lembrança vívida na sua memória.

As outras duas chegaram a Santa Elena procurando o auxílio da família que já estava na fronteira. Destacamos, nas suas respostas, a importância da família enquanto rede de apoio ao projeto migratório. De melhor sorte, nenhuma das mulheres pernoita na fila. Todas chegam de manhã, depois de confirmar pelo grupo de *WhatsApp* a chegada do caminhão.

Tanto a mobilização das mulheres para garantir a formalização da “fila das mulheres”, enquanto a própria decisão de migrar e o *talibaneo* como “estratégia de sobrevivência” expressam processos de empoderamento, de tomada de consciência de suas fortalezas e capacidades de buscar soluções ante as adversidades.

Rodrigues e Vasconcelos (2010, p. 344) definiram o empoderamento quanto “a capacidade das pessoas de descobrirem e desenvolverem suas capacidades para vencerem e superarem seus problemas, tanto de caráter pessoal e individual, como sócio estrutural”, portanto, apropriado na análise de organizações e indivíduos durante momentos convulsos.

Na convulsão, no momento de crise do seu país e sua família, as usuárias da “fila das mulheres”, empoderadas, viraram sua complexa condição de mães, amas de casa, trabalhadoras, em assuntos de peso para apurar seus ingressos aos postos de combustível quase sempre custodiadas e inclusive administradas por homens.

Portanto, explicaram Rodrigues e Vasconcelos (2010, p. 344), o empoderamento “requer igualdade e equidade entre as pessoas envolvidas nas tomadas de decisão, tanto no ambiente privado como no ambiente público, no cotidiano de seus lares, dividindo as tarefas e partilhando das tomadas de decisões referentes à família, assuntos políticos e econômicos”.

Para as mulheres da fila ser as proprietárias do carro e ir ao posto é, neste caótico panorama de fronteira subdesenvolvida, ter a possibilidade de se mobilizar, ganhar dinheiro, fazer a compra, coordenar com o marido ou outro membro da família a atenção da casa, dos filhos e depositar no homem da casa a responsabilidade de sair a *taxear*, se for preciso. Visto assim, pertencer a “fila das mulheres”, ter seus benefícios, neste cenário, é ter a chave do carro e conduzir à vontade o destino da família.

Ainda assim, as mulheres migrantes manifestaram sua precaução na comercialização do combustível. Duas delas disseram conhecer da venda de combustível através de um amigo, enquanto a terceira manifestou que é um tema de conhecimento público. Uma das primeiras, vendem seu combustível ao amigo que falou para ela do negócio, enquanto as outras duas a um brasileiro e a um garimpeiro diretamente. Para as três, o contato com seu comprador de gasolina é importante, por isso, na medida do possível, cuidam dessa relação pois preferem vender a pessoas de confiança que procurar no mercado local um comprador desconhecido.

Numa outra perspectiva, e ao contrário da competência manifesta por aquelas 16 pioneiras da “fila das mulheres” e quem não faziam parte do grupo, a consolidação da “fila das mulheres” e extensão do benefício para todas aquelas moradoras da cidade e proprietárias de um veículo pode ser analisada quanto expressão da “sororidade”. Lagarde (2006) utiliza a “sororidade” para analisar as possibilidades de ressignificação e coexistência entre mulheres enfatizando os princípios de igualdade, liberdade e dignidade já não entre homens e mulheres mesmo entre as próprias mulheres em função do bem comum, da superação das vulnerabilidades de gênero e as diferenças nas maneiras de viver e confrontar a vida.

3.6 “Redes sociais”: amigades e conhecidos como as bases da migração e sobrevivência

Já em 2013, Madi detectou a importância das redes familiares e de amizade na divulgação da atividade de comercialização de combustível por parte dos “migrantes estabelecidos” em SEU e do incentivo à migração até a fronteira para participar do comércio.

Y tercero las razones que señalaron por las cuales se vinieron a Santa Elena era porque algún conocido, algún familiar o un amigo les había dicho que aquí se podía vivir de la venta del combustible y luego en la práctica ellos confirmaban que de eso era de lo que ellos vivían, de la venta de combustible (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 6 set. 2018).

Aparentemente, nesse tipo de migração tudo é espontâneo: simplesmente o resultado da procura de uma solução rápida para as urgências econômicas. Mas, na verdade, a “rede de relações sociais ou redes migratórias” constituem o suporte de toda essa dinâmica de mobilidade em função da comercialização do combustível.

A conexão dessas pessoas com a zona e o comércio produz-se por vínculos familiares ou de amizade, uns trazem outros, os que já estão estabelecidos no lugar informam a seus amigos e familiares. Assim, os primeiros a chegarem convidam outros a viajar para a fronteira com Brasil, onde, segundo eles, seria mais fácil ganhar dinheiro porque só

precisariam de um carro velho para encher, retirar, vender a gasolina e enviar dinheiro ou comida para sua casa.

Massey analisou nas bases dessa rede o parentesco, a amizade, a origem comum e as organizações voluntárias. São as pessoas, incluso, aqueles que não migraram que constituem a “rede social” (1987 apud FUSCO, 2001, p. 21).

O conceito de rede social na migração internacional foi definido por Massey (1987) como um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados.

Já destacou Maddi que boa parte de seus entrevistados manifestaram que "vinieron a SEU porque algún conocido, familiar o amigo les había dicho que aquí se podía vivir de la venta del combustible". As expectativas e comportamentos unem a rede ainda invisível. As redes determinam por que uma pessoa decide migrar enquanto outra, em condições similares, não aposta por essa decisão; de maneira que embora sendo econômicas ou por sobrevivência, a decisão de migrar ou projeto migratório pode parecer uma decisão individual, mas sempre interage com outros e de acordo com um campo de possibilidades (VELHO, 1999, p.46) ou entre as várias opções de sobrevivência a seu alcance (FUSCO, 2001).

Contudo, o impacto da rede, vai mais além das pessoas diretamente vinculadas, estendendo-se a través de familiares, vizinhos, amigos, conhecidos e conterrâneos até alcançar dimensões dificilmente notáveis e ultrapassar os limites do grupo. Para os “migrantes outsiders”, sozinhos na fila à espera da gasolina como meio de vida, longe de casa, a rede e relações sociais no lugar de origem são essenciais como ponto de apoio e garantia da lucidez.

Como diz Yi-Fu-Tuan (1983) quando o mundo a nossa volta muda rapidamente nossa tendência é evocar o passado idealizado e estável como elemento fundante de nossas identidades. Daí a importância das redes sociais tanto no lugar de origem, como de destino e, não apenas no conforto psíquico, também materialmente, uma vez que ter um ponto apoio é garantia de evitar gastos desnecessários e, eventualmente um lugar de acolhida, de pernoita, comida e companhia, ao menos durante os primeiros dias na cidade fronteira que poucos conheciam. Dessa maneira, a migração longe de ser o resultado de uma decisão pessoal resulta de um processo coletivo sendo, portanto, um “produto social” (FUSCO, 2001, p. 17):

As relações sociais transmitem e modelam o efeito das estruturas econômica e social nos indivíduos e famílias. Além disso, laços sociais transmitem informação sobre locais de destino e fontes de assistência para o ajuste inicial do migrante. Desse

modo, ao focalizarem-se as redes sociais, especialmente aquelas vinculadas à família, pode-se analisar a migração como um produto social, não somente como resultado de decisões individuais, não unicamente como resultado de parâmetros econômicos ou políticos, mas como o resultado desses e outros fatores em interação.

Portanto, os migrantes não se dispersam aleatoriamente, pelo contrário, eles seguem os passos de seus antecessores, concentrando-se em destinos particulares, atraídos precisamente pelas facilidades que esses laços sociais proporcionam. Por meio desses laços, procuram, por exemplo, a melhor forma de comercialização da mercadoria.

Do total de entrevistados, apenas 6% disseram ter notícias da comercialização da gasolina através da mídia, enquanto nenhum dos 28 considerados dentro de nosso recorte informou-se pelos meios de comunicação social. Assim, mais da metade dos “migrantes outsiders”, ou seja 61% deles, que manifestaram vender gasolina, disseram saber desse negócio por meio de amigos; 21% disseram que a comercialização de gasolina é de conhecimento público; 11% disseram não saber ou lembrar de que maneira conseguiram informar-se dessa atividade e 7% que tomaram conhecimento por meio de familiares.

Dos 28, 43% disseram ser oriundos do estado Bolívar, é dizer compartilhar uma origem comum. A partir desse acúmulo de experiências, a própria rede constrói sua imagem, aquela soma das representações que associam a zona ao garimpo, à fortuna súbita e abundante e as definições mais recentes que falam do “garimpo urbano”, da gasolina quanto alternativa. Enquanto as redes construíram a imagem que consolidou o sul da Europa como um lugar onde é fácil permanecer sem papéis e inserir-se na economia informal, ainda subterrânea (BAGANHA e REYNERI, 2001), foram as redes de amizades e de origem comum as que teceram a imagem de acessibilidade, nula inversão e bons ingressos que popularizaram a comercialização de combustível entre aqueles que se iniciaram na atividade, 15 ou 10 anos atrás e aqueles que os seguiram com a finalidade de aliviar suas carências no atual colapso.

A migração associada a comercialização de gasolina é um processo migratório com fortíssimo apoio das “redes sociais”, especialmente na etapa de integração do recém-chegado, sua incorporação à dinâmica nos postos e sua integração na cadeia de comercialização. Na medida que essas redes se fortalecem, seu poder de puxar a outros faz-se mais forte, transformando-se em organizações que neste entorno garantem ao migrante sua possibilidade de sair, a posse de seu carro ainda em condições de risco como a falta de documentação.

Essa dimensão da “rede social” antecede a rede migratória e amplia a definição de cadeia migratória, transformando-se no seu sustento (TRUZZI, 2008). Dessa forma, essa rede mantida e acrescentada no tempo pode transformar um fluxo migratório numa forma de

migração em cadeia: “Ao cabo de alguns anos, a emigração outrora circular pode assumir uma característica de cadeia. Migrações em cadeia surgem assim como o modo natural de desenvolvimento de um fluxo migratório para aqueles que não são os pioneiros, os desbravadores de um novo destino” (TRUZZI, 2008, p. 201).

A análise anterior permite entender tanto os precedentes como visualizar o possível desenvolvimento desse fluxo migratório. A rede explicaria também a inclusão dessa migração associada a comercialização da gasolina na mais ampla estratégia de expansão de fronteira impulsada pela sociedade nacional sobre os territórios ancestralmente ocupados pelos povos indígenas. As coincidências de lugar de origem entre aqueles pioneiros surgem como uma das mais importantes evidências desse relacionamento continuado no tempo. Foram aqueles garimpeiros quem abriram as trilhas que depois recorreram, apurados pelas necessidades e expectativas, os agentes do “garimpo urbano”.

Capítulo 4

OS “OUTSIDERS MIGRANTES” E AS VARIAÇÕES ANEXAS À GASOLINA

“La gasolina nos convirtió a todos em mendigos” (HCM, homen com mais de 22 anos em Santa Elena de Uairén, 13 anos quanto revendedor de gasolina e 10 anos como taxista. Comunicação oral. SEU; 17 jul. 2017).

Neste capítulo analisaremos alguns dos impactos socioeconômicos e culturais vinculados à comercialização de combustível em SEU, especialmente aqueles que têm como atores os “migrantes outsiders” envolvidos com o comércio do combustível.

A nosso entender, dessa forma, nos aproximaremos da dimensão mais visível do tema de pesquisa, ou seja, das variações acarretadas por esse processo migratório decorrente da comercialização da gasolina, em SEU (capital do município Gran Sabana), fronteira da Venezuela com o Brasil. Dentre essas mudanças, o efeito no “modo de vida” (existência) da população no espaço e lugar de acontecimentos e transformações (AUGE, 2004).

4.1 “Moeda líquida”: a gasolina enquanto valor de troca obtida a partir do “mais tempo”

Na fronteira da Venezuela com o Brasil a gasolina é muito mais que uma mercadoria ou simples combustível, é um “modo de vida”, de existência e pode ser interpretado ainda como um “fato social total” à medida que é um fenômeno social que exprime as mais diversas instituições e formas de produção e consumo que de maneira geral descrevem a sociedade venezuelana enquanto Nação petroleira e os rasgos definidores surgidos a partir dessa condição. Mauss (1974, p. 41) descreve um “fato social total” nos seguintes termos:

Existe aí [nas sociedades arcaicas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam.

Rodrigues (2014) ao falar da formação da Nação e nacionalidade venezuelana aponta a força do petróleo na sociedade venezuelana representada pela expressão “nação petroleira” cunhada por Juan Vicente Gomez a partir da Lei Petroleira, de 1920. Com base na análise de Fauque (1991), Rodrigues (2014, p. 130) afirma que:

Essa lei marcou o despertar de uma nova época não apenas assentada nos poços petrolíferos, mas também marcada na sua totalidade por eles, no que se refere à estrutura econômica, à participação social dos diversos grupos, à percepção de si dos venezuelanos, à cultura política, entre outros campos. O petróleo marca a Venezuela como uma nação moderna da mesma maneira que o EL Dorado marcou a Colômbia como lugar de riquezas paradisíacas.

Outro autor trabalhado por Rodrigues (2014, p.134) que associa o petróleo aos diversos aspectos da realidade venezuelana é Uslar Pietri (1936) que utiliza-se da metáfora de *siembra del petróleo* para ressignificar o processo de exploração (rentistas) em processo de produção e geração de riquezas para a nação por meio de investimentos na agricultura e pecuária, por exemplo. Portanto, os migrantes que vem em busca desse produto como mercadoria de troca, buscam também aproveitar um subsídio gerado pelo Estado e a sua vez associá-la a outras atividades, como já citadas no capítulo anterior. De aí a lógica que alguns dos talibãs resumem na expressão “*mi gotica de petróleo*” para chamar a gasolina ou seja “minha gotinha de petróleo” é dizer a parte da renda petroleira que cada cidadão pode aproveitar diretamente. Assim, no momento de crise, o petróleo reemerge como elemento, ainda corriqueiro, determinante na fundação da nação e das nacionalidades venezuelanas.

Numa outra perspectiva, Sayad (1998) define a migração quanto “fato social completo”, por ser complexo e dinâmico, entendo o itinerário do migrante quanto itinerário epistemológico, ponto de entrecruzamento de inúmeras disciplinas e, portanto, de conhecimento a partir do deslocamento das pessoas no espaço físico. Ainda sendo a geografia a primeira das ciências convocada ao entendimento desse fato, sua totalidade sugere a análise sociológica, econômica e de diversas disciplinas. Numa dimensão menos abrangente, mas ainda complexa e rica, a migração associada a comercialização de combustível em SEU é uma dinâmica cujo entendimento requer um estudo multidisciplinar

Durante este ano de pesquisa de campo, registramos a utilização de gasolina como moeda de troca em várias situações, como consertos de carros, reforma de imóveis, limpeza e manutenção de áreas verdes e, inclusive para o pagamento aos carros-pipas que fornecem água em período de seca na cidade de Santa Elena.

No depoimento de Luis Ferrer, “migrante outsider” usuário da “fila dos idosos”, em SEU há um ano, fica evidente a sua resistência em comercializar a gasolina e a necessidade de acumular e troca-la por outros bens e serviços.

En realidad, la disposición de dinero en efectivo es complicado porque los bancos no entregan dinero. Hay solamente dos bancos en Santa Elena, en los cuales no tengo cuenta y no tengo acceso a tener dinero en efectivo (...) En realidad, uso la gasolina como moneda de cambio para ciertos trabajos especiales en casa, una tarea específica (...) La poda del monte en la casa, una compra de materiales para reparar la casa, una reparación del carro, compra del agua para uso corriente. Esa es la manera en que uso yo, la gasolina para pagar ciertas actividades (...) Bueno, porque en realidad no soy vendedor de gasolina. Yo la utilizo como moneda de cambio por la necesidad que existe, que tienen otras personas de obtener la gasolina. En realidad, no la vendo porque no soy comerciante de gasolina, yo soy profesional y no necesito. Si necesito hacerlo, pero no lo hago, no quiero hacerlo (...) En realidad, la gasolina cuesta muy poco en Venezuela (...) para mí, el trabajo de buscar la gasolina, es levantarme a las cuatro de la mañana, hacer una cola, pasar mediodía o cinco horas en una cola desde las cuatro de la mañana hasta las diez aproximadamente (...) Simplemente, tú tienes la necesidad de agua, de una cisterna y consigues la persona con la cisterna indicada y haces la negociación particular con él. Igual me pasó con la arena que necesitaba en la casa para hacer unos trabajos y el señor del camión necesitaba gasolina para mover el camión y yo necesitaba la arena. Hicimos un cambio. Ahí, si tuve que dar una parte en efectivo y parte del pago en gasolina. Por seis metros cúbicos de arena, un bidón de 30 litros de combustible y seis millones de bolívares en efectivo (FERRER, L. Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena; 18 jul. 2018).

Sendo assim, nesse depoimento, analisamos que, tanto a comercialização da gasolina, como sua troca igualmente se constituem em “estratégias de sobrevivência”, instrumentos para a consecução de bens ou serviços de primeira necessidade. No entanto, a apropriação da mercadoria requer um grande desprendimento de tempo agravando as condições de vida e existência desses migrantes:

Normalmente, yo me levanto a las cuatro de la mañana, asisto a mi cola a esa hora. Cuando hay gasolina, comienzan a despachar alrededor de las seis, siete de la mañana y cuando no, hay que esperar que llegue la gandola, esperar que la descarguen y proceder a terminar la cola. Mínimo, de cuatro de la mañana a seis, son dos horas, cuando es ideal, cuando no son cinco o seis horas que hay que esperar (FERRER, L. Entrevista concedida a Morelia Morillo R. Santa Elena; 18 jul. 2018).

Podemos falar, então, de que a organização e estrutura do processo de comercialização de combustível constitui-se em uma atividade penosa, tal como a define Martinez (2001, p. 30) para quem “pode ser considerada penosa a atividade produto ou produtora de desgaste no organismo, de ordem física ou psicológica, em razão da repetição dos movimentos, condições agravantes, pressões e tensões próximas do indivíduo.”

Essa rotina, conforme descrita abaixo, é exaustiva e chega mesmo a limitar o tempo livre para o lazer e a família tanto dos “estabelecidos” como dos “outsiders”.



Figura 4: Na longuíssima “fila do povo”, o tempo passa e é gasto a câmbio de 20 litros de gasolina (Fotografia: Morelia Morillo Ramos).

Por volta das seis da manhã, os usuários da fila do povo nos postos Mapauri e Kukenán, em SEU, começam a acordar. Enquanto os usuários das “filas” dos idosos” já passaram, “as mulheres” ainda se dirigem aos pátios dos postos de combustível e os caminhoneiros aquecem os motores preparando seu ingresso, e os chamados *talibãs* em que alguns pernoitaram nas filas, enquanto outros chegam antes do amanhecer. Mesmo assim, o tempo de descanso para os “migrantes outsiders” que vivem da comercialização da gasolina é cada vez mais insatisfatório, principalmente porque tem que aguardar o atendimento das outras filas prioritárias.

A essa hora à medida que nas vizinhanças dos dois postos ainda despertam, os “migrantes outsiders” que dormiram nas filas lavam seus dentes e rostos com um copo de água recolhida na tarde anterior no igarapé mais próximo, pedem um café e um cigarro a algumas das moças que vendem esses produtos enquanto outros arrumam os lençóis, os travesseiros e voltam para frente do volante. Quando a espera se prolonga, alguns deles tiram dos carros baldes e sabão azul, caminham até algumas das torneiras colocadas na via da Troncal 10 e lavam sua roupa para depois seca-las ao sol sobre o capô do carro ou na ladeira

do monte *Akurimá* que limita com o posto Kukenán. Ainda de manhã, os vizinhos da fila ajudam-se na limpeza das velas de ignição, uma tarefa quase diária neste ofício, possivelmente pela qualidade da gasolina ou pelo fato de retirarem, diariamente, toda a gasolina do tanque. O entrevistado #78, que morou, no início dessa jornada, no próprio carro, compartilha o café com o amigo que recém chegou de Caracas com o mesmo objetivo que é conseguir algum dinheiro para comprar comida.



Figura 5: Na cotidianidade dos “outsiders migrantes” os carros são lugares de trabalho, pernoita, mesmo de moradia e socialização (Fotografia: Morelia Morillo Ramos).

A espera que se prolonga por horas faz com que busquem preencher o tempo falando ao telefone com os familiares, saudá-los, informar-se sobre os filhos, avisar do envio da remessa ou da caixa de comida; ler a bíblia ou o jornal; inventar um novo negócio, sonhar, traçar uma estratégia de ação coletiva; convocar e fazer uma assembleia do MSRB, ir a frente e perguntar a razão da longa espera, voltar ao carro e namorar; compartilhar uma salada de frutas ou mais um café, enfim, não deixar que a ociosidade gere sofrimentos.

No momento de sair do posto, contabilizaram-se de três horas a dezesseis horas o tempo médio de espera divulgados pelo MSRB e pelos entrevistados.

Outro aspecto bem comum da dinâmica desse universo da comercialização do combustível é a reserva do lugar nas filas com a colocação de uma pedra ou um pneu velho no lugar, enquanto se vai vender a gasolina, tomar banho ou procurar algo de comida, voltando à fila e, assim, reiniciando todo o processo. O cuidado e vigilância do posto reservado é

realizado por aqueles que não conseguiram a gasolina e não têm para onde ir, nem casa, nem amigos, nem trabalho fora da fila.

Alejandro Castillo, porta-voz do MSRB, um exímio conhecedor dessa rotina, do “cotidiano” que leva à apropriação da gasolina sintetizou o que fazem durante o dia e noite os sujeitos desse mundo da gasolina. Segundo conhecimento, quase 70% das pessoas que fazem a “fila do povo” não reside em Santa Elena e, geralmente, quando recém-chegados têm que dormir no carro. Seu depoimento reflete a experiência vivida pelos “migrantes outsiders” que não tem lugar para se hospedarem, o carro é o lugar de trabalho e moradia ao mesmo tempo.

Cuando les toca abastecer combustible, ellos hacen la cola, duermen en la cola, abastecen combustible, se van y comercializan, se vienen y entonces se establecen en los ríos, en las quebradas en las cañadas a dormir, a lavar su ropa, a descansar y entonces ese mismo día en la noche vienen y hacen su cola para el día siguiente (CASTILLO, A. Entrevista concedida a Morelia Morillo. Santa Elena; 3 jul. 2018).

Nesse “modo de vida”, nessas “formas de uso do tempo nos lugares demarcados e estipulados no movimento da propriedade” (DE LIMA, 2004, p. 183)”, sucedem-se uma cadeia de acontecimentos recorrentes no movimento de apropriação da gasolina que vai desde a chegada à fila até a saída do posto, passando pela obtenção do produto.

A dinâmica da comercialização do combustível transformou as proximidades do Monte *Akurimá* - que em *pemóm* significa lugar das aranhas vermelhas -, de lugar de moradia, de afeto e memória, na acepção de Yi-Fu Tuan (1983), em espaço de trânsito, circulação e ocupação pelos “migrantes outsiders”. A torneira improvisada ao longo da Troncal 10, a barbearia recém instalada no teto desocupado na frente do posto Mapauri, as dúzias de barracas nas zonas de segurança dos postos, os quiosques de comida ao lado de lojas de materiais construção, as oficinas de automóveis e motocicletas, os ambulantes com seus diversos produtos, os tambores de gasolina vazios e as mangueiras espalhadas fazem parte dessa dinâmica e das novas territorialidades.

Nessa dinâmica de apropriação de territórios já ocupados, como é o caso específico de *Akurimá*, uma nova territorialização é constituída a partir da nova apropriação dos espaços para o trabalho, a sociabilidades, a organização para as reivindicações e, principalmente, a moradia temporária para os talibãs “migrantes outsiders”¹⁶³ ou seja priorizando as problemáticas materiais-funcionais do território (HAESBAERT, 2008).

¹⁶³ Na manhã do 30 de mai. 2018 assistimos a uma assembleia não programada convocada pelo MSRB na avenida *Akarabisi* de *Akurimá*. A reunião foi feita com a finalidade de anunciar alguns logros e proposições: depois de compartilhar um salmo, os organizadores disseram que para frente os operativos de revisão de veículos serão anunciados, uma conquista que foi aplaudida; solicitaram a colaboração semanal sem monto definido,

Ao lado dessas novas territorialidades, dos novos lugares coexistem os “não lugares”, ou seja os espaços de passantes anônimos, de circulação acelerada de pessoas que são os postos de combustíveis, uma vez que como diz Augé (2004, p.83) uns e outros não são totalmente puros: “Si el lugar puede definirse como lugar de identidad, relacional e histórico, un espacio que no puede definirse ni como espacio de identidad ni como relacional ni como histórico, definirá un no lugar”.



Figura 6: A dinâmica da comercialização de combustível, transformou o espaço “entre os postos” em espaço de trânsito, circulação e ocupação, fundamentalmente, pelos “migrantes outsiders”. A fotografia foi desfocada para evitar a identificação da pessoa (Fotografia: Morelia Morillo R.).

Outro aspecto dessa dinâmica da comercialização do combustível são as demandas de cuidados e materialização da sobrevivência dos familiares que ficam, em especial dos filhos e pessoas com deficiências que requerem cuidados, entendido por Vasconcelos (2013, p. 66) como “uma ação desencadeada por uma necessidade particular, definida social e familiarmente, que convoca uma ou várias pessoas a estarem comprometidas com a qualidade de vida de outras pessoas que dependem dela”. Para essa mesma autora o cuidado é mediado por afetos, bens materiais, econômicos e um universo simbólico.

contando com a aprovação de todos os presentes e lançaram a proposta de postular alguns dos participantes do MSRB quanto colaboradores-empregados nas bombas, um projeto que posteriormente foi concretado. Terminado o encontro, cada um deles voltou a seu carro formado na fila.

Esse cuidado, em especial quando migra o casal, fica a cargo de irmãos mais velhos ou avós e tios, entre outros. Embora o perfil daqueles que compõem esse universo, conforme nossa pesquisa, seja maioria de homens em relação estável ou casados e cujas esposas e filhos ficam no lugar de origem aguardando as remessas, a manutenção e reprodução familiar está no cerne e motivação dessas pessoas em contexto migratório na Venezuela.

Castillo em seu depoimento falou de meninos em condições precárias, da fragmentação familiar temporária e alta rotação de famílias.

El perfil que normalmente viene son parejas con sus niños y da tristeza ver a los niños durmiendo en condiciones infrahumanas dentro de un vehículo o a veces se notan más las parejas y dejan los niños y eso ha fragmentado también las familias. De alguna manera, el país entero está sufriendo de esa situación. Pero es una rotación fuerte, vienen por un par de meses, dos, tres meses y se van, inmediatamente viene otra familia nueva (CASTILLO, A. Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

Já falamos, no capítulo anterior, que no singular processo de produção-apropriação da gasolina reproduzem-se práticas socioculturais similares as da garimpagem em seus aspectos de “reconfiguração de laços familiares”, de “insegurança” quanto ao “enriquecimento” fácil, entre outros. Conforme Rodrigues (2014) o cotidiano dos garimpos, assim como dos talibãs, extrapola o território da garimpagem, entende-se a outros espaços próximos ou distantes, uma vez que é preciso atender as demandas, cada vez maiores, das atividades nos garimpos ilegais, tanto no Brasil, como na Venezuela¹⁶⁴, ao mesmo tempo em que constroem em “modo de existência” próprios desses contextos.

Como diz Rodrigues (2014, p. 57): “Esse modo de vida contribui significativamente para a constituição de uma sociedade local bastante diferenciada, onde as normas e regras são mais flexíveis, a estabilidade é menos apreciada e o futuro menos controlável”.

Nessas circunstancias, a organização mais que uma alternativa surge quanto parte da “estratégia de sobrevivência” mesma. Assim, a través do MSRB¹⁶⁵ os “migrantes outsiders” e *talibãs*, reivindicam e negociam constantemente com a comunidade de acolhida, defendem os seus interesses diante das autoridades civis e militares, igualmente ante outros grupos, também organizados como os comerciantes e empresários turísticos

¹⁶⁴ Entre 2016-2017, a *Comisión de Seguridad Indígena del Consejo de Caciques Generales del Pueblo Pemón* registrou o ingresso de 17.860 pessoas para o *Territorio Indígena Ikabarú-Sector 7*. Depois de ativar uma série de controles, as autoridades desse sector reportaram que na zona residem 2682 habitantes não indígenas, mais uma população itinerante por volta de 300 a 500 pessoas.

¹⁶⁵ O pessoal do MSRB ocupa-se de organizar a fila e precisar a hora de ingresso. Seus promotores trabalham uniformizados com um colete em cores azul ou vermelho, identificados com os sinais da organização.

Nessas circunstâncias, longe de casa, a organização política, os colegas da fila, os relacionamentos construídos no dia a dia transformam-se em fortalezas, criam uma rede de apoio e solidariedade que, incluso é capaz de apoiar o colega de fila em caso de adoecimento ou outros inconvenientes. Na fala de Castillo, mais uma vez, achamos elementos que dão conta das “vulnerabilidades” dos migrantes internos, apresentados por ele como *visitantes*, *turistas*¹⁶⁶, frente as autoridades militares e civis dos postos e, portanto, a resposta dessa coletividade organizada de migrantes e as virtudes da organização, não só em benefício da jornada de trabalho e contra a coação das autoridades militares:

El Movimiento Renacer Bolivariano nace a raíz de la necesidad que tenía el colectivo que necesitaba abastecer combustible en las estaciones de gasolina de ser organizado de manera eficiente porque lo que veíamos era una anarquía muy acentuada de parte de los oficiales de la Guardia Nacional (Guardia Nacional Bolivariana) y de los funcionarios de PDVSA, específicamente de la Misión Ribas, que se daban a la tarea de ubicar a sus personas conocidas, a sus compadres, a sus allegados y privilegiados y entonces al colectivo en general, a los visitantes, a los turistas los dejaban por fuera. Había una discriminación muy, pero muy acentuada (...) Es más, éramos amenazados de que cualquiera persona que empezara a protestar iba a ser llevada al Comando de la Guardia. Era un típico terrorismo fuerte. En vista de que nos organizamos, la Guardia Nacional y el Ejército han retrocedido un poco en esas arremetidas que hacían contra nosotros (CASTILLO, A. Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 3 jul. 2018).

Como ocorre com outros fluxos de migrantes unidos em torno de nacionalidade ou lugar de origem a comunidade o território das filas que se formam em torno dos postos de combustíveis torna-se aqui, ao mesmo tempo, o espaço de solidariedade e de rede social (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010). Conquanto, nascido entre migrantes, o MSRB incluiu depois as mulheres e caminhoneiros locais. Numa estratégia de solidariedade, mas também de aproximação à permanência, de consolidação da sua incipiente posição de poder.

¹⁶⁶ Dorfman (2008) explicou o paradoxo quanto os praticantes das economias ilegais nas fronteiras, transformados em personagens, embora protegidos pelo segredo. Possivelmente por isso, Castillo ainda falando abertamente da atividade evita se referir a seu grémio quanto talibãs.



Figura 7: Pela falta de gasolina, os usuários da “fila do povo” têm que pedir ajuda a outros na fila e entrar ao posto (Fotografia: Morelia Morillo Ramos).

4.2 O novo centro da cidade: o arranjo do sector comercial a partir do boom da gasolina

A “temporalidade” experimentada pelos *talibãs* contrasta grandemente com a acomodação da área comercial de SEU a partir da expansão da comercialização de combustível e da constante migração. Na observação dos espaços entre os postos de combustíveis, a área de influência das duas estações de serviço, por volta do 70% dos locais comerciais já conhecidos deram lugar a novas construções prediais, novos ramos comerciais.

O mais ressaltante é abertura de aproximadamente 30 pequenos comércios, de aproximadamente quatro metros de largura por não mais de 10 metros de comprimento, para a comercialização de gêneros básicos, como: farinhas de trigo e milho, óleos vegetais, margarina, pasta, café, açúcar, xampu, desodorante e produtos de limpeza. Os inventários destes comércios demonstram a propriedade, em geral, de novos comerciantes de origem venezuelanos, de pessoas igualmente migrantes e alguns poucos já estabelecidos.

Carlos Martínez¹⁶⁷, proprietário de dois estabelecimentos, no cruze da Troncal 10 com as avenidas *Perimetral*, *Akaribisi* e *Mariscal Sucre*, no coração mesmo dos postos, falou do *boom da gasolina* que, na sua opinião, sucedeu nos últimos dois anos (a partir da metade de 2016), o aumento do fluxo de pessoas atraídas pela comercialização do combustível, o

¹⁶⁷ Carlos Martínez é um nome fictício utilizado para proteger a verdadeira identidade do entrevistado.

desabastecimento de alimentos em nível nacional, surgindo a oportunidade de vender esses produtos, aproveitando a condição fronteiriça da cidade. Essa condição tanto facilitou a conexão e aproveitamento dessa economia subterrânea quanto o acesso ao mercado brasileiro.

Tengo dos locales en esta zona. El primero lo obtuve hace como cinco o seis años y fue realmente por visión, era una venta de loterías. Yo estuve analizando los sectores. También porque era un poco más económico. Estaba alejado del centro y lo alquilé económico, con visión a que, en dos, tres años pasara lo que está pasando en este momento (...) Cuando arrancamos los clientes eran taxistas y gente que vivía en Akurimá y en los alrededores de nosotros y, por supuesto, la gente de la cola de la bomba, pero no era el boom, no eran el grueso de los compradores (...). Los últimos dos años el nivel de ventas aumentó muchísimo porque la cola se empezó a empeorar, la zona se llenó de personas permanentemente, desde las seis de la mañana hasta que cerraran la bomba. Me salió esta oportunidad de alquilar aquí al lado y no la pelé porque es como un tiro al suelo. Este negocio si fue directamente una venta de víveres, el segundo. La lotería yo la cambié a víveres. Bueno, yo vendía loterías, las loterías Zulia, Chance, Táchira que son las loterías nacionales y en ese momento casi quiebro porque nadie estaba jugando loterías, absolutamente nadie, vino un fenómeno que se llama los animalitos¹⁶⁸, por eso fue que en ese momento cerré la lotería porque no me estaba dando. Luego con los animalitos volví. Tuve que cerrar la lotería e inventarme otra cosa, lo que estaba ahí a la mano era vender comida, por la situación del país y nada, era lo que necesitaba menos inversión, simplemente anaqueles, algo de dinero para comprar comida y más nada (Entrevista concedida a Morelia Morillo R. Santa Elena de Uairén; 5 de jul. 2018).

Em resposta as principais demandas dos comercializadores de gasolina foram abertas quatro locais dedicados, também à realização de troca e transferência de moeda. Os migrantes que precisam enviar remessas a suas famílias utilizam esses serviços em substituição as transferências bancárias. De tal forma, num cenário de deficiência de dinheiro,¹⁶⁹ esses locais aproveitam fundamentalmente a chamada *compra de efectivo*, ou seja, a compra de dinheiro.

¹⁶⁸ Los animalitos são uma loteria que se popularizou na Venezuela a partir de 2013. A aposta faz-se por espécies.

¹⁶⁹ A deficiência de dinheiro é mais uma das consequências da hiperinflação. Se bem, o governo venezuelano atribui esse fenómeno ao contrabando das notas de 100 bolívares até Colômbia; isso quanto matéria prima para a falsificação de outras moedas, principalmente dólares americanos.



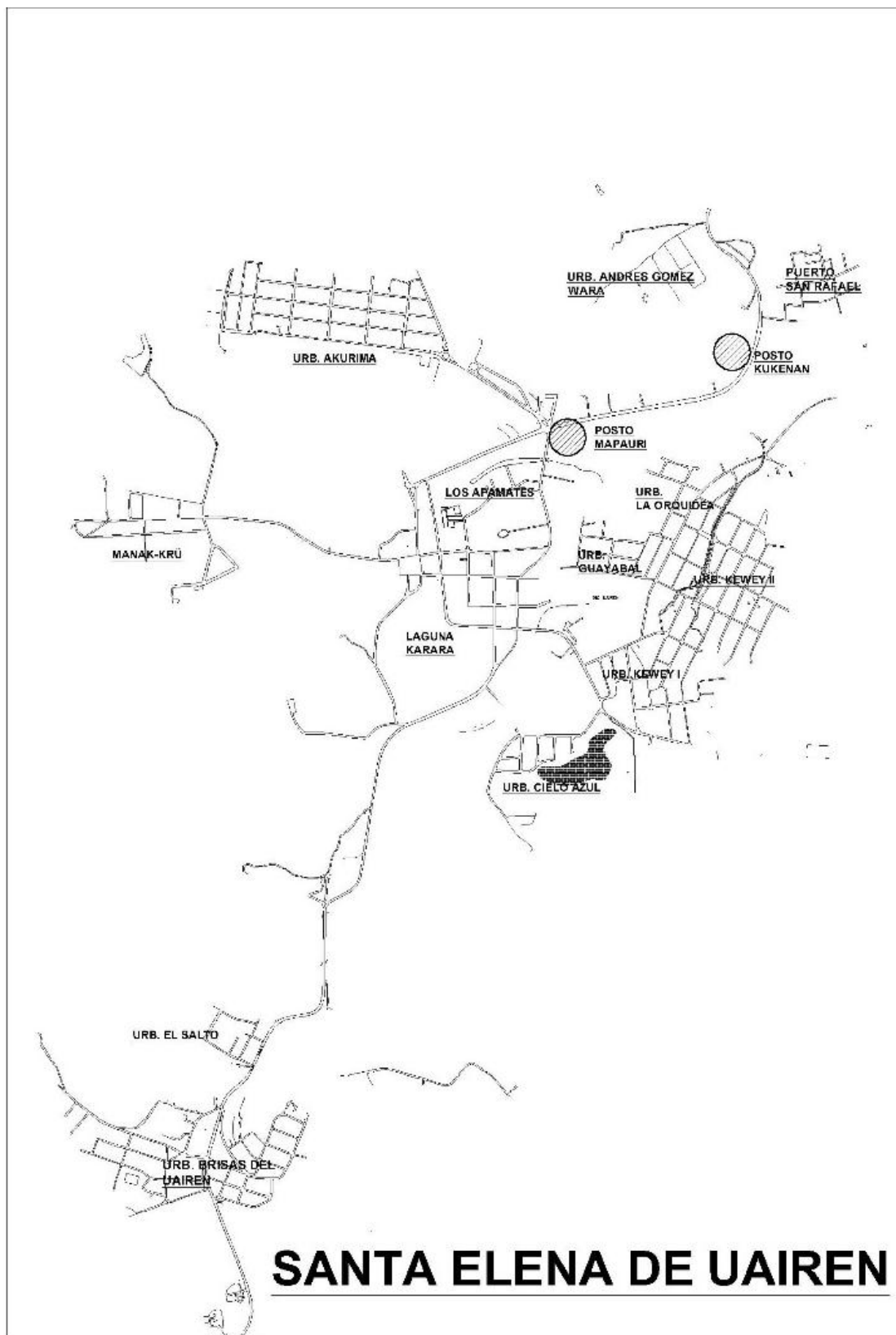


Figura 8 e 9: A imagem anterior e o plano acima visibilizam a influência dos postos de combustível no crescimento da área comercial na cidade de SEU. Nessa área contabilizamos 73 comércios (Informação de campo Morelia Morillo Ramos-Plano realizado pelo engenheiro José Russo).

Outros comércios muito populares são as lanchonetes que totalizamos 14 e que oferecem café da manhã, sucos, almoços para levar, salgados e sorvetes de fabricação caseira, comida rápida, barata e fácil de levar e consumir para aquelas pessoas que diariamente passam horas de espera nos carros. A essas 14 lanchonetes formais, somam-se os toldos que mesmo oferecem comida para comer de pé, sentado do lado da via ou levar.

A diferença entre um e outro modelo de negócio tem que ver com a condição de ser “estabelecido ou outsiders”. Enquanto os residentes, com imóveis próximos aos postos de combustíveis aproveitam o surto comercial e migratório para abrirem pequenas lanchonetes, bancas de frutas, e outros, os que vivem mais longe, mesmo “outsiders”, como vendedores ambulantes recorrem as longas filas desde o começo até o final várias vezes ao dia.

Esse ofício é quase exclusivamente desempenhado por “migrantes outsiders”, recém-chegados à fronteira e, prioritariamente mulheres entre 18 a 45 anos de idade. Os propósitos desses comerciantes tanto os fixos como os ambulantes são os mesmos dos talibãs com a comercialização do combustível. São “estratégias de sobrevivência” que se apresentam como alternativas devido ao câmbio favorável e a possibilidade de abastecimento de alimentos que oferecem o mercado brasileiro e, assim, garantir o envio de dinheiro ou comida aos familiares que ficaram nos lugares de origem.

Apesar de ter uma profissão, José Díaz¹⁷⁰, residente de Maracaibo¹⁷¹, veio a Santa Elena com sua esposa, deixando os filhos, para vender café e chocolate num toldo em frente ao posto Mapauri. Como morador de uma outra região de fronteira em que também se comercializa combustível, a fronteira com o Brasil é muito mais atrativa devido à demanda de brasileiros e de garimpeiros e, devido ao câmbio com uma moeda mais forte.

Yo vine a Santa Elena por la ayuda de un amigo, de un excompañero de trabajo, trabajábamos en una empresa en Maracaibo. La situación económica que actualmente se está viviendo en el país, ya en aquella época estaba poniéndose fuerte, la adquisición de productos, comida, manutención de hijos, cosas de esas. Entonces vine a acá con la intención de trabajar. En un principio, quería utilizar el lugar como puente para ver si podía acceder al Brasil, pero bueno desde acá, desde el propio Santa Elena, hay algunas oportunidades, se maneja mucho la moneda brasilera aquí en el pueblo. Lo que uno compra, vende, comercializa puede obtener la moneda que como todos sabemos tiene un valor superior a nuestra moneda y de esa forma bueno poder ayudar. Hay muchas condiciones de cambio. Si uno obtiene reais, que es la moneda brasilera, lo trata de vender por transferencia, el monto es mucho mayor, ese depósito sirve, se le puede hacer a nuestros familiares que están en el interior del país (...) Todos los puntos más cercanos a las estaciones de servicio son los más comerciales porque es lo que mantiene vivo al pueblo. Hay días en que

¹⁷⁰ José Diaz é um nome fictício utilizado para proteger a identidade de nosso entrevistado.

¹⁷¹ Maracaibo é a capital do estado venezuelano de Zulia, fronteira com a Colômbia.

la cisterna de combustible falla o no llega o cosas así y usted nota que el pueblo está como un poco más tranquilo. (...) Vendemos menos. Como 60% menos cuando no hay combustible (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 15 jun. 2018).

No depoimento de Mariam Rosas¹⁷², a mesma articulou esses elementos e introduziu o fator saúde como a motivação fundamental dos deslocamentos forçados internos. Percebe-se aí o importantíssimo papel que desempenham as mulheres migrantes:

Soy madre de cinco hijos. Me vine porque la verdad que la situación en El Tigre estaba, no, está crítica y aparte de eso tengo una madre discapacitada por amputación de ambas piernas por problemas de diabetes y uno de mis objetivos es ayudar a mi familia, principalmente a mi madre. Somos cuatro hermanos, pero usted sabe que la situación en El Tigre está demasiado crítica. Bueno me ha ido muy bien. De repente he trabajado vendiendo café, cigarro. Estuve un tiempo trabajando en un hotel. Estoy trabajando por mi cuenta. No es que se gana mucho, pero por lo menos se gana para sobrevivir. Tengo pensado ir un tiempo para Boa Vista. Ya saqué la residencia temporal, como quien dice a probar suerte. Tengo una hija viviendo en Boa Vista. Ya tiene como siete meses viviendo en Boa Vista. Si le soy sincera no me entusiasma mucho, pero a veces uno buscando mejoría para uno y su familia (...) Yo soy paramédico, técnico en rescate y atención hospitalaria. Yo me gradué en El Tigre y trabajaba en una zona petrolera que le dicen Morichal, Temblador. Ahí estuve trabajando desde 2008 hasta el año pasado. Trabajé con varias empresas, me fue muy bien, pero ahora como es todo por transferencia, nada en efectivo, la comida está sumamente, sumamente muy cara y entonces ya en la zona petrolera ya estaba el empleo como antes. Tenía unas amistades que venían a Santa Elena, conocían a Santa Elena y me vine con ellos y me ha ido bien pues (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 07 sep. 2018).

Novamente a trajetória dos migrantes inclui Santa Elena enquanto ponto de passagem e lugar para fazer algumas economias e depois continuar até o Brasil, passando por Boa Vista, inicialmente e, posteriormente, até Manaus ainda mais no interior brasileiro.

Tanto da fala de Rosas, quanto de Diaz, sobressaem suas formações profissionais e de trabalhadores na indústria petroleira.

Entre os comerciantes informais mais comuns achamos os barbeiros. Homens jovens com conhecimentos de esse ofício que colocam na Troncal 10, na Avenida Perimetral, mesmo na Avenida Akarabisí de Akurimá na frente de algum local fechado ou embaixo dum toldo oferecendo os serviços de corte de cabelo e barba a outros homens, quase sempre jovens, com muito tempo disponível, a necessidade de cortar o cabelo e algo de dinheiro.

Na fala de Marco Parra¹⁷³, barbeiro, conseguimos a menção expressa da escassez e da insegurança como principal motivo para abandonar sua cidade de origem, Ciudad Bolívar, em

¹⁷² Mariam Rosas é um nome fictício utilizado para resguardar a identidade da entrevistada.

2015. Para ele, a rede de apoio familiar e a possibilidade de combinar as duas atividades, ou seja, a de garimpagem e da barbearia foram determinantes na decisão de vir a Santa Elena de Uairén. O serviço de barbearia, para Parra é promissor porque requer poucos investimentos: uma cadeira de plástico, os instrumentos de barbeiro e uma árvore.

Estaban las cosas difíciles allá, la economía, la comida o mejor dicho la escasez y esas cosas y (mi mamá) me dijo hijo si te quieres ir para allá vete. Me vivían robando allá. Me robaron una moto. Me robaron unos implementos de la barbería y decidí venirme para acá, para Santa Elena (...) Tiene más prioridad. Hay más beneficios. Más tráfico de personas y muchas personas que, a veces, cuando van a abastecer su vehículo, buscan manera de afeitarse. Hay más prioridad al trabajar la barbería aquí (...) Yo digo que casi lo mismo que allá en Kewei. Porque ellos la mayoría trafican también. Andan en moto, en carro, conocidos tanto de aquí de Santa Elena, como también de afuera, en dónde yo vivía (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 15 jun. 2018).

Ainda, durante sua narrativa o entrevistado explicou as razões que o levaram a estabelecer-se na frente do posto de gasolina é o fato da maioria dos motoristas terem dinheiro porque participam do mercado de comercialização de combustível. Outra vantagem de trabalhar na rua é a combinação de disponibilidades de tempo e dinheiro.



Figura 10: Depois da entrevista de Parra, pelo menos três barbeiros mais ocuparam áreas nas proximidades dos postos adiantando a economia informal associada ao comércio da gasolina. A fotografia foi desfocada para evitar a identificação da pessoa (Fotografia: Morelia Morillo R.).

¹⁷³ Marco Parra é um nome fictício utilizado para proteger a identidade do entrevistado.

Outro tipo de negócio que apresenta alta demanda são os consertos de automóveis dos condutores das filas. No cruzamento das duas avenidas principais mapeamos 18 desses estabelecimentos, a maioria deles, com menos de dois anos de existência e, ainda o aproveitamento dos quintais como espaço de estacionamentos para os carros, geralmente os mais velhos e desgastados. Durante a pesquisa de campo anotamos sete desses estabelecimentos cuja finalidade era receber os carros dos talibãs que, de outra sorte, podem inclusive morar longe e ir e voltar ao posto sem necessidade de mover o veículo, nem gastar combustível, bem como os carros que se envolveram em acidentes. Outra atividade gerada a partir da migração para a comercialização de combustível é aluguel de habitações em casas de famílias ou construções modestas e cujo pagamento é antecipado.

No reordenamento do espaço urbano em SEU nota-se tanto a construção de novos locais de residência e comércio, como do fechamento de outros. Entre os primeiros, são muito populares os construídos na frente das casas de família que, no meio da economia da gasolina, passaram a compartilhar o jardim com algum pequeno negócio. Outros estabelecimentos permanecem fechados, ainda em seu interior a mercadoria, possivelmente pelo temor de seus donos de venderem e terem prejuízos com a desvalorização da moeda.

Essa mudança na economia de Santa Elena, inicialmente centrada nas atividades de apoio a garimpagem e no turismo para um cenário do comércio ilegal e irregular de gasolina se visibiliza na *Avenida Perimetral* no cruzamento que conecta o posto Mapaurí com a rua Urdaneta¹⁷⁴ e onde concentram-se os hospedagem para turistas mais populares da cidade. A partir de 2013 e, com maior intensidade, a partir de 2015 nessa via os restaurantes e operadoras turísticas compartilham seus locais como resultado da crise com a venda de gêneros alimentícios, oficinas e lojas de autopeças.

Desse jeito, a economia subterrânea atua como engrenagem de outras economias tanto legais como irregulares ou ilegais que se materializa a vista de todos.

Aqui, nos apropriamos de Hirschman (2008, p. 42), para quem “uma cadeia existe sempre que uma atividade em andamento dá origem a pressões econômicas ou de outra natureza, que levam ao surgimento de uma nova atividade”.

Issam Madi, sociólogo, descreveu a forma como o subsídio que favorece a comercialização de gasolina tem reflexo, a sua vez, no comércio. Num efeito de reboque, ou “efeitos em cadeia” (HIRSCHIMAN, 2008) com resultados permanentes.

¹⁷⁴ A rua Urdaneta é melhor conhecida como a rua dos *Turistas* pela quantidade de restaurantes e posadas que num mesmo momento funcionaram no sitio.

(...) la estructuración urbana de Santa Elena de Uairén que están realizando los privados porque mientras que el deterioro de todo lo que son las áreas públicas es acelerado, el deterioro de las aceras y de las calles, sin embargo, la construcción promovida por los privados es recién y hay una gran inversión. Entonces, la gente que está vendiendo combustible a su vez está invirtiendo en infraestructura urbana, pero privada por eso hay una gran construcción. Santa Elena, si tu comparas con un pueblo emblemático, como Guasipati, Guasipati sigue siendo el mismo de hace 38 años atrás, Santa Elena no, Santa Elena pasó de ser un caserío pueblo, a ser una urbe con todos los problemas de las urbes convencionales que no están planificadas. Las áreas que acá, dentro del casco urbano, eran jardines desaparecieron y lo que hay son locales comerciales. Hay un círculo económico que la gasolina genera y, como es un subsidio del Estado, el subsidio a su vez dinamiza la economía de Santa Elena, el oro y la gasolina. La gasolina pasó a ser la segunda fuente de ingresos y de actividad económica de Santa Elena. Antes era turismo, después del oro y turismo ha pasado a un quinto plano (Entrevista concedida a Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 6 set. 2018).

Desse jeito, os “migrantes outsiders”, comerciantes de gasolina nem precisam sair do território dos postos em que se comprimem o lugar de trabalho, moradia, sociabilidades, lazer e prazer¹⁷⁵. Esses “migrantes outsiders”, os talibãs, peões desse grande garimpo urbano, continuam sendo as peças desse tabuleiro de xadrez que é o “capitalismo selvagem”.

4.3 Legal: os migrantes na rede de comercialização de combustível em SEU

Dois gestos representam a última fase da comercialização de gasolina em Santa Elena de Uairén. Um motorista brasileiro com o polegar pergunta ao rapaz ao lado da calçada, se tem gasolina, enquanto esse com os dedos indicador, médio ou anular anuncia o valor: um, dois ou três reais dependendo da oferta e demanda.

Esse gesto põe a andar a intrincada engrenagem da comercialização de combustível, uma “rede” conectada por vínculos de amizade ou familiaridade, baseados em fatores que podem ser opostos: a confiança mútua, a conveniência e a continuidade do negócio.

Conforme o descrito para o total da população envolvida na comercialização de combustível, os “migrantes outsiders” seguem o mesmo padrão de venda da mercadoria: 39% manifestou-se como revendedor ou atacadista. Desses, cinco (18%) vendem a amigos; quatro (14%) a garimpeiros; dois (7%) diretamente a um brasileiro; e um (3,5%) familiares e os

¹⁷⁵ Em abril 2018, observamos duas mulheres sair dum hotel na zona de *Akurima* a isso das 10:00 horas da manhã. Desde 2015, nesse hotel hospedam-se permanente mulheres que oferecem programas. As duas caminharam ao lado da “fila do povo”, até chegar à avenida Marsical Sucre, recebendo galanteios e repartindo sorrisos. Achamos que possivelmente as duas oferecem programas a esses homens. Posteriormente, em jornadas de observação, tanto no posto Kukenán quanto no posto Mapauri, achamos ao menos meia dúzia de preservativos, entre o lixo jogado na vera das calçadas, nos lugares onde se formam as fileiras. Como ocorre na garimpagem, seguramente a gasolina, porquanto economia subterrânea estende-se a outras economias subterrâneas como prostituição e drogas.

outros (7%) não responderam. Outros, restantes, (11%) afirmaram fazer uso, indiferentemente, de todas as alternativas. Essa opção não estava, inicialmente, no questionário e foi introduzida posteriormente, devido ao número de significativo dessa resposta entre as pessoas entrevistadas.

Os “vendedores”, aproximadamente setenta homens de 15 anos a 30 anos, são o último elo na cadeia desse intrincado comércio. A maioria deles são “migrantes outsiders”, localizando-se na *Avenida Perimetral* no cruzamento da *Troncal 10*, que conecta a cidade fronteiriça venezuelana com o limite junto a Brasil e as zonas da garimpagem do *Sector Ikabarú*¹⁷⁶. Esses vendedores operam com compradores eventuais e não frequentes e chegam a ganhar entre 25% a 50% do valor combinado por litro. Após acertarem o preço com esses compradores eventuais - turistas ou brasileiros de passagem ou em visita – o mesmo é levado até o distribuidor que fica, geralmente, no bairro contíguo. Após transferirem a gasolina para os tanques dos carros, recebem e voltam às ruas para continuarem a atividade.

Segundo o depoimento de Alejandro Castillo, os distribuidores ou atacadistas, os que têm grande capacidade de compra e estoque são ao todo, mais ou menos 35 pessoas entre homens e mulheres, cada um com seu segmento e clientela específica, sejam brasileiros turistas, passantes ou moradores de Pacaraima, sejam garimpeiros.

Observamos que a maioria dos distribuidores de pequeno e médio porte, como os atacadistas são pessoas já estabelecidas em Santa Elena, tem entre 15 e 20 anos de residência. Enquanto os distribuidores utilizam tambores plásticos de até 200 litros ou recipientes de menor capacidade para o armazenamento, os atacadistas dispõem de tanques subterrâneos de até 10.000 litros, dispõem de bombas para tirar o combustível ou pessoal que se ocupa da sucção.¹⁷⁷ Ambos têm provedores fixos e casuais, trabalham em suas casas, localizadas nos bairros já mencionados, dispõem de amplos quintais, rodeados de muros altos com portões eléctricos ou correntes de acesso.

Nossa entrevistada #47 relatou sua experiência em uma casa de distribuição de gasolina, desde a estrutura do imóvel, as características do pessoal empregado - entre familiares e conhecidos, quase sempre rapazes, muito jovens, com pouco tempo na cidade, motorizados - que disputavam o negócio, além de narrar a atmosfera no lugar.

¹⁷⁶ Desse jeito, os vendedores localizam-se nos bairros da rota mencionada: La Bolivariana, El Salto, La Planta ou Brisas del Uairén e na comunidade mista de *Kamaiwá*.

¹⁷⁷ Um vendedor de gasolina entrevistado pela BBC-Mundo revelou que é capaz de tirar a sucção 20 litros em 10 minutos utilizando uma mangueira transparente. Disponível em: <www.bbcmundo.com/mundo/noticias-latina-39275772>. Acesso em 3 jul. 2017.

De hecho, un día, ya yo había ido como cuatro o cinco veces al mismo lugar, entonces ya yo tenía como mi *dealer*¹⁷⁸. Desde el primer día, como cuando él me fue a dar el vuelto, me tenía que pagar, no tenía lo que llaman *sencillao*¹⁷⁹. Me dijo: Ay, señora, ¿Podemos ir un momento ahí a La Planta? Si vale, vamos. Un chamo de 17 años. Yo le pregunté cuántos años tenía. Un chamo de 17 años. De repente, no sé, estábamos hablando, ya era la segunda vez que nos veíamos y, de repente, vino el chamo y me dijo: señora, yo le puedo hacer una pregunta. Si papi. Tú sabes que a los chamos muchas veces, yo les digo, así como le digo a mis hijos. Me empezó a contar como una historia como con una novia que tiene, una historia así, como que me estaba pidiendo como consejo de madre y le di como mi respuesta, como lo que yo opinaba. La siguiente vez que fui a vender gasolina, el chamo no estaba trabajando. Contraté a otro para que me la comprara, pero en el mismo lugar. Luego, me enteré de que es la casa del chamo y la mamá es como la jefa de la vaina, exacto porque el chamo salió de ahí, como súper, súper enratonado, había tomado. Yo había ese día a buscarlo. Todo ese ambiente. Todos son chamos, chamos como de 17, 18, los que ponen a hacer ese trabajo. Digamos que es una frase ‘es para lo único que hay’, es como la única opción, es como un submundo, un inframundo (Entrevista concedida por a entrevistada #47 para Morelia Morillo Ramos. Santa Elena de Uairén; 18 jul. 2018).

Na sua narrativa destaca o papel dos motorizados como peças chave na cadeia de apropriação, distribuição e revenda da gasolina, uma vez que eles mesmos participam de todas essas etapas: frequentam as filas dos postos para obter o combustível, vendem para os distribuidores e ou atacadistas e trabalham nas ruas captando clientes brasileiros. As mulheres motorizadas só participam da primeira etapa que é a de apropriação da gasolina nos postos e revendedoras da mercadoria para um distribuidor ou atacadista, presumivelmente pelos riscos e desconfortos inerentes as outras tarefas dessa engrenagem.

Nesse papel de apropriadores da gasolina enquanto mercadoria, que desempenham os *talibãs*, geralmente de forma particular, achamos também os “motoristas empregados” que trabalham por salários já combinados ou por porcentagem da mercadoria efetivamente apropriada. Eles são homens, jovens, migrantes, ainda residentes de anos mais velhos, obviamente desprovetes de carro, em situação de carência, que se ocupam como condutores de alguns distribuidores, eventualmente de proprietários de vários veículos.

Além desses papéis não formais na cadeia de comercialização de combustível, os migrantes participam cada vez mais de trabalhos fixos, com certa estabilidade e bons rendimentos nos cargos de supervisão ou controle coletivo negociados pelo MSRB com as autoridades civis e militares, nos acessos aos postos e na atenção das bombas.

A densa rede de relações sociais existente nesta fronteira materializa-se na intrincada rede de comercialização de gasolina enquanto atividade mais rentável na cidade. Assim, em

¹⁷⁸ A *drug dealer* é a pessoa envolvida na venda de drogas. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/.../Drug_Dealer Acesso em: 13 dez. 2018.

¹⁷⁹ *Sencillão* é uma forma abasileirada da palavra *sencillo*, utilizada no ambiente para se referir ao dinheiro miúdo.

um só espaço integram pioneiros chegados aos tempos da *Conquista del Sur* e do PRODESUR, com a estrada, a instalação dos serviços quanto os postos de combustível e o sistema elétrico; garimpeiros brasileiros e venezuelanos deslocados dos garimpos de ambos lados da fronteira; “migrantes outsiders” forçados a deixarem suas famílias e irem a procura da sobrevivência na Venezuela do século XXI. Todos atraídos pelas muitas possibilidades de aproveitamento da múltipla fronteira. Dorfman (2009, p.3) descreveu o seguinte:

A fronteira cria picos de centralidade e chama a si certos tipos de práticas legais e ilegais (comércio, transportes), atrai pessoas que desejam beneficiar-se das vantagens presentes no local, na forma de um custo de vida menor, maiores oportunidades de trabalho, acesso a serviços como saúde, energia e telefonia. São lugares da contradição (ao mesmo tempo periféricos aos estados-nação e plenos de alternativas políticas e econômicas oferecidas pelo trânsito fronteiriço), assim como da diversidade (já que, além do estrutural contato experimentado cotidianamente entre dois grupos nacionais, o chamado da fronteira atinge os ouvidos de muitos outros grupos interessados na indecibilidade característica da fronteira).

Na cadeia de apropriação, distribuição e comercialização da gasolina encontramos pelo menos quatro a cinco colocações desempenhadas, quase sempre, por migrantes, homens, com frequência jovens e em idade produtiva e desprovidos de recursos econômicos.

Nessa divisão social do trabalho na cadeia de comercialização de combustível encontram-se, ainda, *talibãs* por conta própria, assalariados, comissionados/percentagem, associados; há os catadores de vendedores de gasolina na rua; os vertedores da gasolina e os clientes finais sejam brasileiros ou garimpeiros; os captadores tanto podem captar gasolina para um distribuidor, como captar clientes para esse distribuidor e trabalhar nas casas de distribuição como vertedores, são os que movem o negócio na rua e no interior do local.



Figura 11: Já na fase final da pesquisa, observamos a incorporação de meninos e pessoas muito jovens nas dinâmicas associadas à comercialização de gasolina. Ante a urgência de incrementar a renda, as famílias promovem sua participação nas estratégias de sobrevivência. A foto foi desfocada para preservar a identificação da criança (Fotografia: Morelia Morillo Ramos).

Nessa engrenagem surgiu mais recentemente uma outra função na estrutura social da comercialização do combustível, os *talibanzinhos*¹⁸⁰, jovens, quase meninos que, no interior dos postos, oferecem aos usuários com veículos de tanques de maior capacidade a possibilidade de encher seus depósitos completos e compartilhar depois em um sistema de meia. Eles são adolescentes, meninas ou meninos, de 15 a 18 anos, geralmente outsiders que atuam aproveitando sua conexão com o pessoal da estrutura oficial nas bombas, soldados do ENB ou GNB para conseguirem mais que o limite de 20 litros¹⁸¹.

Isso obviamente também tem que ver com mais outras fases das “estratégias de sobrevivência”. Ante a urgência de incrementar a renda, as famílias promovem a saída de seus membros mais jovens ao mercado de trabalho, mesmos em outros espaços disponibilizados pela “economia subterrânea”. Nessa estrutura e divisão do trabalho surgem outros personagens desse comércio formiga (FERREIRA, 2016) que, de 20 em 20 litros carregam o combustível desde os postos até as casas de distribuição.

Na literatura centrada n

¹⁸⁰ Em dezembro 2018, quando percebemos a presença desses meninos nos postos, eles ainda não tinham uma denominação. Assim utilizamos a expressão *talibanzinhos* porque são muito jovens e nem tem veículo.

¹⁸¹ Mais cada vez, são menos as cisternas que chegam aos postos de gasolina; em dezembro de 2018, no fechamento desta pesquisa, cada grupo ou fileira conseguia sair cada oito a 10 dias, só 20 litros.

No contrabando nas fronteiras sul-americanas, existem numerosos personagens com papéis similares: na fronteira de Venezuela junto à Colômbia, são os chamados *pimpineros*, quem fazem esse trabalho mesmo com o combustível (EGEA, 2013), embora os que carregam mercadoria em geral, de um lado a outro, são os *maleteros* (BERRO, 2017)¹⁸²; na fronteira Brasil-Uruguguay, os pequenos contrabandistas são chamados *bagayeros*; em Brasil, são os *cascareros*, aqueles que utilizam o transporte público para trasladar mercadoria de um lado a outro (RODRIGUES, 2014) e *sacoleiros* os praticantes do comércio formiga fronteiriço, que transitam com mercadoria nos limites estabelecidos, para sua revenda (FERREIRA, 2016).

Dorfman (2008) refletiu sobre a importância das práticas dos contrabandistas pequenos, convertidas em conhecimento acumulado sobre a mercadoria, conhecimento que é passado entre gerações de uma mesma família e que, em algum momento, é compartilhado também com um amigo, ou recém-chegado. Neste caso, sobre a gasolina, sua procura, sua manipulação, seu traslado, seu comércio, assim quanto os veículos, os garrações, tambores e mangueiras, o conhecimento faz parte do valor imaterial dessa rede.

Mas, embora sendo de conhecimento e fonte de ganhos, no depoimento de, “Caracas”, uns dos *talibãs* mais antigos e reconhecidos da cidade, chamado assim pela sua origem, pode se apreciar o desprezo e vergonha pela atividade:

Yo no quiero más vender gasolina. Yo quiero trabajar. Pero no me lo den. Ayúdenme. Ayúdenme para nosotros no vender más gasolina. Yo no le voy a dejar a mi hijo una pimpina. Yo no le voy a dejar a mi hijo una manguera (Comunicação oral. Em 10 mar. 2018. Assembleia de cidadãos convocada pela Prefeitura para discutir as denúncias sobre supostos abusos da GNB na atenção dos postos).

Esse conhecimento, uma e outra vez colocado a prova no tempo, é claramente herança que se transmite de uma a outra geração, é significado, é cultura que chegando a se fazer visível nos brincos infantis. Duas semanas depois dessa assembleia, observamos quatro meninos brincando na quadra de La Planta, em SEU; uns deles (12) puxava um recipiente de 20 litros, dos utilizados para armazenar gasolina, como se fora um carinho, enquanto outro (7) o perseguia chorando: “Por favor, dá-melo que eso es todo lo que tengo”.

Nessa brincadeira, inocente e casual, pode se valorar o impacto da comercialização de gasolina na sociedade, especialmente nos mais vulneráveis nessa cadeia e estrutura social: os *talibãs*, os “migrantes outsiders” que chegam atraídos pela venda de gasolina e dependem dessa dinâmica para sobreviver e suas famílias, seus filhos, que crescem nesse decorrer, mesmo aqueles que permanecem em seus lugares junto a suas mães, avôs, mesmo sozinhos.

¹⁸² Em: Berro, J. et al. Consecuencias del contrabando en el Estado Táchira. 1th ed. San Cristóbal: Universidad Católica del Táchira, 2017. 149 p.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, como já dito, é bem mais que um trabalho acadêmico, embora também o seja. É a tentativa de entender, como pesquisadora e, ao mesmo tempo moradora e parte da comunidade local de Santa Elena do Uairén, as transformações no modo de vida dos “sabaneros” decorrentes do intenso fluxo migratório para Santa Elena do Uairén, ao sul do Venezuela, fronteira com o norte do Brasil e sua relação com o comércio do combustível.

É certo que a hipótese geral de que há uma intrínseca relação entre a crise conjuntural na Venezuela, o aumento da mobilidade interna em busca de sobrevivência nessa fronteira e a comercialização do combustível e a mineração foi acertada.

Efetivamente a população de Santa Elena do Uairén mais que se duplicou nesses 10 anos e, mais precisamente a partir do de 2013, após a morte do presidente Hugo Chavez. Embora nos dados apresentados nos capítulos 3 e 4, demonstrem um percentual um pouco menor dos “migrantes outsiders” em relação aos “migrantes estabelecidos” que afirmaram participar da comercialização de gasolina, acreditamos que a novidade que emerge daí é um mapeamento da estrutura e organização social da atividade de comercialização de combustível, seus atores e agentes, sua dinâmica e, evidentemente sua semelhança com o universo sociocultural da garimpagem.

Ambas atividades fazem parte da “economia subterrânea”; compartilham um imaginário de “enriquecimento fácil” e a ideia de autonomia e de independência patronal; configuram-se, comercialização do combustível e garimpagem, como estratégias de sobrevivência imediata, mas, no entanto, aprofundam as condições de vulnerabilidade social tanto de talibãs, como de garimpeiros. Entre talibãs e garimpeiros, se assemelham, também, a distinção entre os capitalizados e não capitalizados construindo uma estrutural social hierárquica e de extrema exploração do trabalho, de jornadas extenuantes e sem condições para o lazer e ou familiares.

No topo da cadeia de comercialização do combustível estão os talibãs capitalizados, os atacadistas aqueles que possuem tanques de 4 a 10 mil litros de armazenamento, geralmente, “migrantes estabelecidos” ou nativos; os talibãs distribuidores, de médio e pequeno porte que acondicionam em galões e ou tambores entre 50 a 200 litros de combustíveis e, são, tanto “estabelecidos” como “outsiders”; os talibãs da base da cadeia de comercialização, predominantemente, “migrantes outsiders”, como os “*talibanzinhos*”, os captadores ou motorizados que tanto captam a gasolina nos postos, como estão ao serviço dos atacadistas nas ruas da cidade comprando gasolina de outros revendedores, mesmo revendendo.

Nesse trabalho, ficou evidenciado, também que os “migrantes outsiders” tornam-se atores de um “modo de vida” limitado ao espaço entre os postos onde fazem parte da “fila do povo” e, em troca das longas horas de tempo gasto nas filas, tudo o que conseguem, caso não mantenham relações com os “grupos de poder” nos postos, são os 20 litros de combustível.

As filas configuram-se as dimensões territorializadas do “território existencial” (GUATTARI, 1992), ou seja, as filas representam o estado do território materializado ou visível aos nossos olhos, em que os elementos processuais e qualitativo, como as relações sociais, as redes sociais e as sociabilidades se expressam. Como exemplo, podemos falar da dinâmica em torno das filas, como o viver e morar no espaço dos carros e seu entorno, do comércio ambulante, das tendas e lojas, lanchonetes e locais dedicados à troca e transferência de moeda próximo aos postos. As redes sociais e “relações de poder” que são (re)estabelecidas nesses territórios das filas seguem demarcando as diferenças entre as “gente de fora”, os recém chegados, os talibãs, “migrantes outsiders” e as “gente de aqui”, como se referem a si mesmos, os “estabelecidos” também migrantes, que se outorgam esse “direito pioneiro” por viverem no lugar há mais tempo.

Os “estabelecidos” que, embora, migrantes e também sobreviventes de uma conjuntura política e econômica adversa, veem esses venezuelanos, “os migrante outsiders” como os “outros”, distinto de si social e culturalmente apesar de venezuelanos e participantes da “economia subterrânea”, ou seja, os “estabelecidos” não creem na comercialização do combustível como um “modo de vida”, mas, apenas “um meio de vida”, uma vez que passaram a acioná-la recentemente como sobrevivência, enquanto no passado, era apenas uma atividade eventual e estratégica para a complementação de renda.

Santa Elena tem por volta de 90 anos de fundação. Dessa forma, sua constituição atual conserva boa parte da composição originária liderada por famílias venezuelanas, com frequência vinculadas a oficiais militares, beneficiários das antigas concessões das minas, descendentes de funcionários públicos que chegaram nos programas de povoamento do sul e, até garimpeiros brasileiros com residência permanente ou naturalizados. À margem desse perfil, encontram-se aqueles venezuelanos ou estrangeiros que – em um outro tempo – escolheram Santa Elena pela tranquilidade, a possibilidade de morar em contato com a natureza, empreender projetos econômicos independentes e um modo de “vida de vida” que poderia ser descrito como alternativo as atividades tradicionais e comuns no lugar.

Esse deslocamento forçado ou compulsório em direção a “pequena e pacata cidade do extremo sul venezuelano” gera conflitos que, muitas vezes, reproduzem sentimentos de

discriminação e exclusão entre os moradores, entre novos e antigos moradores, entre “os estabelecidos e os migrante outsiders”.

A “agente de aqui” é a gente boa, honesta, solidária, enfim conhecida que compartilha lembranças, afetos e aversões; o taxista de confiança, o dono da loja da esquina, a vizinha do bairro, a maestra dos meninos, o médico, a enfermeira. Em contraposição “a gente de fora”, “os outsiders”, “os talibãs”, são os culpáveis do lixo, da violência, do barulho, do caos.

Exemplo desse processo distintivo se expressa nos arranjos das filas nos postos, que refletem a estrutura socioeconômica formal desse povoado fronteiriço, é dizer, as filas correspondem aos componentes sociais visíveis e hierárquicos. De um lado, as filas dos idosos, mulheres, operadores turísticos, comerciantes e empresários, transportistas, motorizados, moto transportistas, turistas, funcionários públicos, incluindo efetivos dos corpos de segurança do Estado, deficientes físicos, emergências médicas, população indígenas em trânsito. Esses têm a possibilidade de entrar ao posto aguardando o menor tempo possível¹⁸³. Do outro lado, a maior e mais movimentada, a “fila do povo”, em que estão aqueles que não enquadram nos requisitos que conferem sua condição de residentes do povoado e pertencentes a algum grupo pelo gênero, idade, áreas produtivas ou apoios.

Os venezuelanos que conformam a “fila do povo”, formadores da fila geral são aqueles obrigados a esperarem quantas horas forem necessárias, por considera-los sem outras ocupações e tampouco pertencerem a algum dos grupos reconhecidos na comunidade. A maioria da “fila do povo” é migrante, se bem com alguns anos de residência no local, sem carta de residência ou comércio registrado, sem documentos do veículo em seu nome ou afiliação a alguma organização. Em contraposição às organizações locais surgiu o Movimento Social Renascer Bolivariano (MSRB), em 2016, como movimento reivindicativo de uma equidade e distribuição mais igualitária entre os segmentos sociais.

Essa heterogeneidade e falta de pertença a um grupo definido coloca “os outsiders” no centro de todas as críticas. Elias (2000 p. 35) fala da estigmatização como “um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido”. Essa criação reflete e justifica a aversão diante dos que integram o grupo de fora. A superioridade dos “estabelecidos” funda-se especialmente na sua antiguidade e, por causa dos anos transcorridos, nas posições e relações de poder obtidas e consolidadas. Quase nenhum é nativo, mas “a gente de aqui” é aquela que chegou há três, dois ou uma década, num outro surto devassador pela via de terra com a *Conquista del Sur*, com a pavimentação, nos anos da PRODESUR, mesmo nos primórdios do

¹⁸³ Em dezembro de 2018, as mulheres aguardavam de duas a seis horas pelos 20 litros de gasolina.

boom da gasolina. A antiguidade dos “migrantes estabelecidos” em Santa Elena, tem relação com a ascensão e mobilidade social nas instituições e estrutura de poder local, de uma maior coesão e solidariedade e uniformidade na elaboração de normas e crenças.

A despeito dessas considerações sobre os reflexos da migração e da comercialização do combustível como atividade central na vida social e econômica de Santa Elena de Uairén, quero acreditar, como sabanera, que essas dinâmicas são parte de processos estruturais e conjunturais, mas, passíveis de serem construídos, reorganizados e reconfigurados como experiência de vida de uma comunidade que, com erros, acertos e esperanças, reinventam-se e buscam vida nova.

Gran Sabana, 13 fevereiro 2019.

REFERÊNCIAS

- ARMELLADA, Cesáreo; GUTIERREZ, Mariano. **Diccionario Pemón: pemón-castellano/castellano-pemón**. Caracas: UCAB, 2007. 302 p.
- ARREDONDO, Marta; GONZÁLEZ, José. Las estrategias de sobrevivencia de los pobres: un repaso a su estudio en las ciencias sociales. **Revista Realidades**, México, n. 2, p. 19-31, nov. 2013 – ab. 2014.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL/ UNESP, 2010. 129 p.
- _____. **Los no lugares Espacios del anonimato** Introducción a una antropología de la sobremodernidad. Barcelona: Gedisa, 2004. 125 p.
- BAGANHA, Maria; REYNERI, Emilio. La inmigración en los países del sur de Europa y su inserción en la economía informal. In: SOLÉ, Carlota. (Coord). **El impacto de la inmigración en la economía y en la sociedad receptora**. Barcelona: Editorial Anthropos, 2001. p. 53-248.
- BAPTISTA, Emerson Augusto; CAMPOS, Jarvis; RIGOTTI, José Irineu Rangel. Migração de retorno no Brasil. Migração de retorno no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, e16010, 2017.
- BARBOSA, Joana; BIROL, Alline. A tríade ocasional: vulnerabilidade, migração e tráfico de pessoas. In: GUERALDI, Michelle (Coord). **Conceito e tipologias de exploração**. 1 ed. Brasília, Ministério da Justiça, 2014, v. 2, p. 70-91. (Cadernos Temáticos sobre migrações).
- BARRERA, Alberto. **Chávez sin uniforme**. 2. Ed. Caracas: DEBATE, 2006. 431p.
- BECKER, Bertha. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1990.
- BERRO, J. et al. **Consecuencias del contrabando en el Estado Táchira**. 1 ed. San Cristóbal: Universidad Católica del Táchira, 2017. 149 p.
- BETTS, Alexander. **Survival Migration: A New Framework**. Global Governance, v. 16, 2010, p.361-382.
- CORPORACIÓN ELÉCTRICA NACIONAL (CORPOELEC). **La Cuenca del río Caroní, una visión en cifras**. Caracas: Gerencia de Gestión Ambiental, 2008. 263 p.
- COSTA, Emily. PF Roraima faz operação de combate a contrabando de gasolina da Venezuela; Pm é preso. **G1**, Boa Vista, out. 2017. Seção G1 Roraima. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/pf-deflagra-operacao-de-combate-a-contrabando-de-gasolina-112-mandados-sao-cumpridos-em-rr.ghtml>>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- DE LA TORRE, Jesús. **História de Santa Elena de Uairén y hábitat de la Gran Sabana**. Caracas: UCAB, 2013. 302 p.
- DORFMAN, Adriana. **A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória**. Estudos Históricos, RGS, n. 1, mai, 2009.

EGEA, Carmen; SOLEDAD, Javier. La venta informal de combustible en la frontera Colombia-Venezuela: El papel de los pimpineros como grupo vulnerable. **Revista de Ciencias Sociales**, Maracaibo, v. XIX, n. 1, p. 92-105, jan./ mar, 2013.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de Poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. 224 p.

FARAGE, Nadia. **As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS, 1991. 197 p.

FAUQUIE, Rafael. **Acta Científica de Venezuela**. Academia Nacional de la Historia. Caracas, Venezuela: Alfadil Ediciones, 1991, p. 139. (Este libro fue galardonado con el premio nacional de ensayo “Mariano Picón Salas” en el año de 1992).

FERREIRA, Max André. **Comércio formiga fronteiriço entre e Brasil e Venezuela (2010 – 2014)**. 2016. 182 p. Dissertação (Mestrado Sociedade e Fronteira) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2016.

FREITEZ, Anitza. La emigración desde Venezuela durante la última década. **Temas de Coyuntura** (Ve). Caracas, Venezuela, vol. 63, p.11-38, jul. 2011.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2001. 85 p.

GARCIA, Daniel. Santa Elena de Uairén, la ciudad en la frontera de Venezuela y Brasil donde se enriquecen los "talibanes" de la gasolina. **BBC Mundo**, Santa Elena de Uairén, mar. 2017. Seção Notícias. Disponível em: <www.bbcmundo.com/mundo/noticias-latina-39275772>. Acesso em 3 jul. 2017.

GIL, José; HERNANDEZ, Javier. Venezuela hiperinflacionaria: ¿Qué esperar? **Datanálisis al Día**, Caracas, n. 7, nov. 2017.

GONZÁLEZ, Adriana. Del desplazamiento forzado interno em Colombia a la migración transfronteriza hacia Ecuador. **Estudios políticos**. Antioquia, n. 47, p. 177-197, 2015.

GUARDIA, Inés. Fuga de venezolanos durante la Revolución Bolivariana (1998-2007). **Investigaciones Geográficas**. Alicante, n. 44, p. 187-198, fev. /jun. 2008.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUTIÉRREZ, Mariano. **80 años sembrando evangelio, la Iglesia por las tierras de la Gran Sabana Guayana y Delta Amacuro**. Caracas: CVG EDEICA-Vicariato del Caroní, 343 p., 421 p. 2v.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos A; SPOSITO, Eliseu (Orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. --1. ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 95-120.

HIRSCHMAN, AO. Desenvolvimento por efeitos em cadeia: uma abordagem generalizada. In: SORJ, B; CARDOSO, FH; FONT, M (Orgs). **Economia e movimentos sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. p. 21-64.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). **Censo Nacional de Población y Vivienda: Resultados por Entidad Federal y Municipio del Estado Bolívar**. Caracas: 2011.

LA FUENTE, Sandra; MEZA, Alfredo. **El acertijo de abril**. 2. ed. Caracas: Randon House Mondadori, 2004. 246 p.

LAGARDE, Marcela. Pacto entre mujeres. Sororidad. **Aportes para el Debate**. Disponível em: <http://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf>. Acesso em: 4 maio 2019.

LEE, Everet Spurgeon. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Helio Augusto de. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, t. 1. p.89-114. (Estudos Econômicos e Sociais; 4). (Traduzido do original: A Theory on migração).

MARIANI, Bethania. **Linguagem e história (ou discutindo a linguística e chegando à análise de discurso)**. Cadernos de Letras. Niteroi: O Instituto, 1990. p. 13-23.

MARTINEZ, Wladimir Novaes. **Aposentadoria Especial**. São Paulo: LTR., 2001.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 187 p.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. 751 p.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. Forma e Razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, São Paulo, 1974.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marcos; SPOSITO, Eliseu (Orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 217-227.

MORILLO, Morelia. Elena. pero no santa. Revista **Marcapasos**, Caracas, n. 4, p. 38-41, sep./nov. 2007.

_____. Pemon sufrirán el Arco Minero sin ser consultados. **El Pitazo**, Santa Elena, agosto 2016. Seção Guayana. Disponível em: <<http://elpitazo.info/ultimas-noticias/gobierno-proyecta-instalar-arco-minero-territorio-pemon-sin-consultar-los-indigenas/>> Acesso em: 25 out. 2018.

_____. Nuevas invasiones impactan cuenca hidrográfica y comunidades indígenas de Gran Sabana. **Revista SIC**, Santa Elena de Uairén, jan. 2017. Disponível em: <<http://revistasic.gumilla.org/2015/nueva-invasiones-impactan-cuenca-hidrografica-y-comunidades-indigenas-de-gran-sabana/>>. Acesso 6 jun. 2017.

NERUDA, Pablo. **Para nacer he nacido**. 1. Ed. Barcelona: Seix Barral, 1978. 451 p.

Organización Internacional de las Migraciones (OIM). **Tendencias Migratorias en las Américas**. Venezuela, ab. 2018a.

_____. **Tendencias Migratorias en las Américas**. Venezuela, jul. 2018b.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea**. 2014. 304 f. Tese (doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

PÁEZ, Rafael. **Hombres que han hecho Venezuela**. Caracas: Biosfera, 1983. 288 p.

PÁEZ, Rafael Gerardo. Arco Minero del Orinoco: Tecnología ecosocialista como hipérbole de destrucción medioambiental en Venezuela. **Saber UCV**, Caracas, 2017. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/123456789/15957>> Acesso: 18 jan. 2019.

RAVENSTEIN, Ernst Georg. As leis da migração. In: MOURA, Hélio Augusto de (Coord). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, t. 1. p. 19-88. (Estudos Econômicos e Sociais; 4). (Traduzido do original: The laws os migration).

RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Garimpagem e mineração no norte do Brasil**. Manaus: EDUA, 2017. 175 p.

_____. **Nacionalidade no pensamento social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana**. Manaus: EDUA, 2014. 289 p.

_____. Migração transfronteiriça na Venezuela. **Estudos Avançados 20**, São Paulo, v. 57, p. 197-207, mai. 2006.

RODRIGUES, Francilene; PEREIRA, Mariana. **Estudos transdisciplinares na Amazônia setentrional: fronteiras, migração e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012. 206 p.

RODRIGUES, Francilene; VASCONCELOS, Iana. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. **Textos & Debates**, Boa Vista, n.18, p. 251-268, jan./jun. 2010.

SABINO Carlos. **El Fracaso del Intervencionismo: Apertura y Libre Mercado en América Latina**. Caracas, 1999. Panapo. 336 p.

SANTOS, Adriana. **Garimpeiros, Quando a “cobra tá fumando”:** condições de vida e de trabalho nos garimpos em Roraima (1975-1991). 2013. 150 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Uberlândia, Uberlândia-MG, 2013.

SANTOS, Alessandra Rufino. **Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos**. 2018. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998.

- SCROFINA, Sebastián. Los datos del petróleo venezolano. **Debates IESA**. Caracas, v. XVII, n. 2, ab. / jun. 2012.
- SEABRA, Odette. Territórios do uso: cotidiana e modo de vida. **Revista Cidades**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 181-206, 2004.
- SIMANCAS, Francisco. Las políticas fronteirizas de Venezuela y Colombia en las últimas cuatro décadas. **Revista Aldea Mundo**, San Cristóbal. v. 4, n. 7, p. 5-14, 2001.
- SOLÉ, Carlota. (Org). **El impacto de la inmigración en la economía y en la sociedad receptora**. Barcelona: Editorial Anthropos, 2001. 286 p.
- SIMÕES, Gustavo. Venezuelanos em Roraima: migração no extremo norte do país. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=23834>>. Acesso em: 30 set. 2017.
- SUBERO, Carlos. Así há cambiado la emigración del venezolano desde 2013. **FUNINDESUSB**, Caracas, jan. 2017. Disponível em: < <https://usbnoticias.info/post/49264>>. Acesso em: jan. 2018.
- SCROFINA, Sebastián. Los Datos del Petróleo Venezolano, **Debates IESA**. Caracas, v. XVII, n. 2, p. 20-23, ab. /jun. 2012.
- TRUZZI Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p.199-218, 2008.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar A perspectiva da experiência**. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 225 p.
- USLAR-PIETRI, Arturo. **El camino de El Dorado**. Caracas: Losada, 1947. 784 p.
- _____. **Sembrar el Petróleo**. Caracas: Ahora: Caracas, 14 jul., 1936.
- VALERO, Mario. Paisajes, Territorios y Fronteras: la Región Guayana. In: PORTO, Jadson; NASCIMENTO, Durbens. (Orgs). **Interações Fronteiriças no Platô das Guianas: novas construções, novas Territorialidades**. Macapá: Editora, 2010, p. 185-207.
- VASCONCELOS, Iana. **Articulações familiares transnacionais: Estratégias de cuidado e manutenção familiar na fronteira Brasil/Venezuela**. Dissertação (Mestrado) -CFCH, UFPE /UFRR, Boa Vista, 2013.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 137 p.

APÊNDICES

E

ANEXOS

APÊNDICE 1

Questionário para aplicar nos postos de combustível (fila geral)

Idade.....Estado civil.....Nível de estudos.....

1. Qual é seu lugar de origem? (Lugar de nascimento: cidade-estado)

.....

2 Qual é seu lugar de residência? /onde residia antes de vir para Santa Elena

.....

3 Quando chegou à Santa Elena?

.....

4 Motivo de sua vinda para Santa Elena de Uairén?

5 Tem aqui um lugar de residência ou pernoita fixo?

Residência.....Pernoita.....

6 Vc. Vende a gasolina ou utiliza o combustível para o consumo de seu veículo?

.....

7 Tem outra ocupação, além de vender gasolina?

Sim.....Não.....Quál.....

8 De quanto é seu ingresso familiar mensal?

.....

9. De que forma vc. conheci-o acerca da venda de gasolina em SEU?

Amigo.....Familiar.....Na media.....

10. De que forma comercializa você a gasolina?

Diretamente a um brasileiro.....Diretamente a um garimpeiro.....

A través de um familiar.....A través de um amigo.....Todas as anteriores.....

11. Cada quantos dias vem ao posto para surtir combustível?

.....

12. Quantas horas passa vc. na fila?

.....

13 Quantas pessoas dependem de seu ingresso?

.....

ANEXO 1

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TITULO DO PROJETO: Fronteiras Inflamáveis: Migração e comercialização de combustível na cidade de Santa Elena de Uairén (Venezuela).

PESQUISADORAS RESPONSÁVEIS: Lic. Morelia Morillo Ramos (Orientanda), Profa. Dra. Francilene Dos Santos Rodrigues (Orientadora).

Vc. está convidado (a) a participar da pesquisa de Mestrado em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima (UFRR), desenvolvida pela Lic. Morelia Morillo Ramos.

Este projeto tem o objetivo de analisar a migração de pessoas que chegam a Santa Elena de Uairén atraídas pela possibilidade de participar da comercialização de combustível.

Para tanto, planejamos a realização duma série de entrevistas abertas, no intuito de conhecer o tema em estudo desde o ponto de vista dos entrevistados, sem direcioná-los diretamente com perguntas fechadas, dando-lhes a oportunidade de se expressar sobre o tema.

Durante a execução do projeto, será assegurado o anonimato aos participantes, sendo de nível mínimo os riscos durante a pesquisa conforme a resolução 510/2016. Esses riscos mínimos têm que ver com o constrangimento ao abordar determinado assunto. Nesse caso, a pesquisadora deverá cessar os inquéritos para não perturbar ao sujeito. Igualmente, o entrevistado poderá não responder aquelas questões inquietantes, além disso os responsáveis deste projeto deveram sanar dúvidas e prestar a seu entrevistador os devidos auxílios.

O benefício da sua participação nesta pesquisa tem caráter tanto individual quanto coletivo ao gerar conhecimento duma dinâmica social fronteiriça com impactos específicos sobre a comunidade de Santa Elena, na fronteira da Venezuela-Brasil. Uma investigação desta natureza vai gerar informação útil para a compreensão científica deste processo, além subsidiar a futura elaboração de políticas públicas em temas relacionados à migração interna, a economia de fronteira, a sociedade em seu conjunto e impactar positivamente a vida das pessoas e as comunidades vinculadas.

Depois de receber as explicações anteriores, você tem direito a:

1. Formular qualquer pergunta sobre os procedimentos, riscos, benefícios u outros relacionados com a pesquisa e receber resposta.
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar nesta pesquisa.
3. Ser ou não identificado, de acordo a sua conveniência pessoal.
4. Procurar os esclarecimentos oportunos a través da Lic. Morelia Morillo Ramos, na Sala de Estudos do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF), na sede do Centro de Ciências Humanas (CCH), na Universidade Federal de Roraima (UFRR), avenida Capitão Ene Garcés 2413, Boa Vista, RR, Brasil. Telefone +584161686158, correio electrónico morelia_morillo@yahoo.com. Ou a través da Profa. Dra. Francilene Dos Santos Rodrigues, na sede do Centro de Ciências Humanas (CCH), na Universidade Federal de Roraima (UFRR), avenida Capitão Ene Garcés 2413, Boa Vista, RR, Brasil. Número de telefone (95) 981266065, correio electrónico francerodrigues@yahoo.com.br

Eu,, (nome extenso do participante da pesquisa) declaro estar ciente do anteriormente exposto e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, em qualidade de entrevistado anónimo () ou identificado (), assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse duma delas.

Assinatura do participante da pesquisa

Lugar:

Data:

Eu, **Morelia Morillo Ramos**, declaro que forneci todas as informações concernentes à pesquisa ao participante, de forma apropriada e oportuna.

Assinatura da pesquisadora

Lugar:

Data:

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE RORAIMA (CEP-UFRR)

Avenida Cap. Garcés, 2413, Bairro Aeroporto (Campus Paricaraná), CEP: 69.310-000 – Boa Vista – RR- Brasil. Bloco da PRPPG-UFRR, última sala do corredor em forma de T à esquerda (o prédio da PRPPG fica localizado atrás da Reitoria e ao lado da Diretoria da Administração e Recursos Humanos – DARH). E mail: coep@ufr.br Telefone: (95) 3621-3112. Ramal: 26.

ANEXO 2

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ACLARADO

TÍTULO DEL PROYECTO: **Fronteras Inflamables:** migración y comercialización de combustible en la ciudad de Santa Elena de Uairén (Venezuela).

INVESTIGADORAS RESPONSABLES: Lic. Morelia Loyola Morillo Ramos (Orientada); Profesora, doctora Francilene dos Santos Rodrigues (Orientadora).

Usted está invitado(a) a participar de la investigación de la Maestría en Sociedad y Frontera de la Universidad Federal de Roraima (UFRR) desarrollada por la Lic. Morelia Morillo Ramos.

El proyecto procura analizar la migración asociada a la comercialización de combustible en Santa Elena de Uairén, así como algunos de sus impactos económicos y socio culturales.

El beneficio de su participación en esta pesquisa tiene carácter tanto individual como colectivo al generar conocimiento sobre una dinámica social fronteriza con impactos específicos sobre la comunidad de Santa Elena de Uairén, frontera de Venezuela hacia el Brasil con la certeza de que una investigación de esta naturaleza generará información útil para la elaboración de políticas públicas en temas relacionados con la migración interna, la economía de frontera y la sociedad en su conjunto.

Con la finalidad de alcanzar nuestros objetivos, nos propusimos la realización de una serie de entrevistas semiestructuradas, mediante las cuales la investigadora buscará conocer su tema de estudio partiendo del punto de vista del entrevistado.

Garantizamos el anonimato de los participantes, conforme a la resolución 510/2016. De manera que los riesgos vinculados a su participación en este proyecto, en calidad de entrevistado, serán mínimos y tendrán que ver apenas con el impacto que, como individuo, pueda tener sobre el sujeto (entrevistado) la situación convertida en tema de investigación para la ciencia social.

Garantizamos también que, si el entrevistado llegara a sentirse contrariado al abordar un determinado asunto, el investigador detendrá la entrevista con la finalidad de no perturbarlo.

Queda también garantizado el derecho de cada sujeto (persona) a no responder una pregunta que le resulte molesta o inquietante.

Después de leer las explicaciones previas, usted tiene derecho a:

1. Formular las preguntas que considere convenientes y recibir respuestas pertinentes.
2. En cualquier momento dejar de participar del estudio.
3. Ser o no ser identificado de acuerdo a su conveniencia personal.
4. Procurar las aclaratorias que considere oportunas por medio de la Lic. Morelia Loyola Morillo Ramos a través del número de teléfono (+58) 4161686158, del correo electrónico morelia_morillo@yahoo.com o de la Profesora, doctora Francilene dos Santos Rodrigues, en la sede del Centro de Ciencias Humanas (CCH), ubicado en la Universidad Federal de Roraima (UFRR), avenida Capitán Ene Garcés 2413, Boa Vista, Roraima, Brasil, a través del número telefónico (95) 981266065 o del correo francerodrigues@yahoo.com.br

ACUERDO ENTRE LAS PARTES

Yo,, declaro estar consciente de lo anteriormente expuesto y de acuerdo con participar voluntariamente en calidad de entrevistado anónimo () o identificado () de esta investigación de carácter científico, firmando dos versiones de este documento, una de ellas para el entrevistado y la otra para el entrevistador.

Firma del entrevistado:

Lugar:

Fecha:

Yo, **Morelia Morillo Ramos**, declaro que ofrecí al participante de esta pesquisa todas las informaciones concernientes de forma apropiada.

Firma del investigador:

Lugar:

Fecha:

COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA DE LA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (CEP-UFRR)

Avenida Capitán Ene Garcés, 2413, Barrio Aeropuerto (Campus Paricarará), CEP: 69.310-000 - Boa Vista - RR – Brasil. E mail: coep@ufrr.br / Teléfono: (95) 3621-3112 Extensión 26.